

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR  
SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO - PPGSeD**

**JULIO RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**CULTURA E IDENTIDADES CULTURAIS NO CAMPO:  
DIVERSIDADE E PERTENCIMENTO DA JUVENTUDE EM UM  
COLÉGIO DO CAMPO DE RONCADOR/PR**

**CAMPO MOURÃO - PR  
2023**

**JULIO RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**CULTURA E IDENTIDADES CULTURAIS NO CAMPO:  
DIVERSIDADE E PERTENCIMENTO DA JUVENTUDE EM UM  
COLÉGIO DO CAMPO DE RONCADOR/PR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito para obtenção do título de Mestre(a) em Sociedade e Desenvolvimento.

**Linha de Pesquisa:** Formação humana, políticas públicas e produção do espaço

**Orientador:** Prof. Dr. Marcos Clair Bovo

**Coorientador:** Prof. Dr. Fred Maciel

**CAMPO MOURÃO - PR  
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Oliveira, Julio Rodrigues de  
Cultura e identidades culturais no campo:  
diversidade e pertencimento da juventude em um  
colégio do campo de Roncador/PR / Julio Rodrigues  
de Oliveira. -- Campo Mourão-PR, 2023.  
140 f.

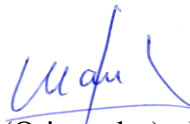
Orientador: Marcos Clair Bovo.  
Coorientador: Fred Maciel.  
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação  
Mestrado Acadêmico Interdisciplinar: "Sociedade e  
Desenvolvimento") -- Universidade Estadual do  
Paraná, 2023.

1. Cultura. 2. Educação do Campo. 3.  
Reconhecimento. 4. Juventude. I - Bovo, Marcos  
Clair (orient). II - Maciel, Fred (coorient). III -  
Título.

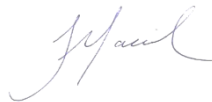
JULIO RODRIGUES DE OLIVEIRA

**CULTURA E IDENTIDADES CULTURAIS NO CAMPO: DIVERSIDADE E  
PERTENCIMENTO DA JUVENTUDE EM UM COLÉGIO DO CAMPO DE  
RONCADOR/PR**

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Marcos Clair Bovo (Orientador) - Unespar, Campo Mourão



Prof. Dr. Fred Maciel (Coorientador) - Unespar, Campo Mourão



Profª Dra. Alcimara Aparecida Föetsch - Unespar, União da Vitória



Prof. Dr. Ezequiel Redin - UFMS, Santa Maria

Data de Aprovação

04/09/2023

Campo Mourão – PR

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho para cada estudante que sonha em inventar algo, que é criativo, imaginativo e curioso. Orgulhe-se de si mesmo! Saiba que você é incrível! Tenha certeza que o conhecimento que adquirirá durante toda sua vida escolar só enriquecerá sua vida e jornada! Ame estudar! Que esse amor pelo estudo, permitiu-me, enquanto sujeito, poder realizar meus sonhos iniciais!

## AGRADECIMENTOS

Realizar uma pós-graduação foi um sonho concretizado na realidade! Nessa trajetória da vida, há dez anos, quando cursava o 8.º ano do Ensino Fundamental, projetava-me sendo professor e, hoje, trabalhando ininterruptamente na área desde antes da minha graduação, sinto que estou conseguindo construir meu projeto de vida. Por isso, finalizar o curso de mestrado é um momento fundamental para minha formação profissional, social e pessoal.

Antes de mais nada agradeço a Nosso Senhor Jesus Cristo por estar presente em todos os momentos de minha vida e, quando minha fé esteve abalada, nunca me desamparou, sempre me protegeu, ajudou a me reerguer e, assim, fez-me tornar mais forte, de tal modo que o destino traçou a minha sina, a minha missão de mundo: ser professor!

Agradeço com muito carinho aos meus pais Jovanes e Jucélia e meu irmão João Gabriel por serem minha base familiar e me apoiarem em todas as tomadas de decisões, incentivando-me a sempre continuar meus estudos e me ajudarem em todos os momentos. Faço menções a toda minha família e, especialmente, minhas tias (Ediomar e Janice) por se importarem comigo e contribuírem da mesma forma que meus pais em todos esses momentos.

Deixo um agradecimento especial com muita admiração ao meu orientador, Marcos, por ser este professor incrível e excelente, que me acompanha na pesquisa científica desde à graduação e topou “abraçar” esta temática de pesquisa de pós-graduação ousada, sempre acreditando em meu potencial e me auxiliando em todos os momentos.

Também agradeço ao meu coorientador, Fred, por me auxiliar no desenvolvimento da pesquisa. E os professores Alcimara e Lorenzo, convidados para banca de qualificação que tanto contribuíram, trazendo o aprimoramento da dissertação. Também realizo menções de agradecimento aos professores das disciplinas que participei durante os créditos curriculares, pelos conhecimentos e experiências compartilhadas, notadamente a admirável Profa. Wilma por cada material de qualidade inestimável que enriqueceu minha pesquisa e o meu trabalho enquanto docente.

Agradeço a cada colega da turma de 2021 pelos bons momentos que passamos no decorrer do curso de mestrado, especialmente a minha amiga/irmã de pesquisa Alaiane, com a qual aliei-me e buscamos nos auxiliar para vencer os obstáculos presentes em nossas pesquisas, mesmo às vezes enfrentando alguns “surtos” compartilhados, mas ressalto que: como sempre disse – “a gente venceu, nós conseguimos”.

Com muito carinho faço menções de agradecimentos às professoras aposentadas Lúcia e Ilda por me inspirarem em todos meus anos de colegial e serem minhas referências iniciais a

prosseguir a carreira na Docência, agradeço a todos os professores da Educação Básica e do Ensino Superior, com os quais tive contato durante esses anos, por acreditarem em mim, auxiliando-me em cada tomada de decisão.

Gostaria de expressar meus agradecimentos aos meus amigos: Rian, Jonathan, José Augusto, Kelly, Vitória e, a querida Mari, especial para mim, por serem pessoas fundamentais em minha vida, que da mesma forma que vibro com cada uma de suas vitórias, sei que estão muito felizes por esta minha conquista e me ajudaram em tornar essa fase mais leve e feliz.

Também não poderia deixar de fora, meus agradecimentos aos meus colegas de trabalho do Colégio Estadual do Campo de Alto São João (também campo da pesquisa e minha segunda casa, já que  $\frac{1}{3}$  da minha vida estou lá) por suas imensuráveis contribuições, companheirismo e afago nos momentos em que mais precisei de ajuda em conciliar a jornada de trabalho em tempo integral e a rotina de estudos do mestrado.

Especialmente, gostaria de agradecer a cada um dos meus estudantes, vocês contribuíram muitas vezes mesmo sem entender direito “esse tal de mestrado”, esse meu sonho se concretizou e vocês foram essenciais! Como sempre digo – “Basta ter um sonho e colocá-lo em prática”, todos são peças fundamentais em meu trabalho e ao dedicar a maior parte da minha vida ao ensino, indispensavelmente, as pequenas vitórias de cada um, me deixa muito feliz e me sinto realizado. Especialmente em relação a esse estudo, gostaria de destacar que fico orgulhoso por “vocês serem vocês” sempre se orgulhem disso, já que juntos estamos todos alinhados na construção do que sonhamos por um mundo melhor.

A todos, expresso um sentimento único de gratidão!

“O mundo sempre parece mais bonito quando você cria algo que não existia antes.” (Neil Gaiman)



OLIVEIRA, Julio Rodrigues de. **Cultura e identidades culturais no campo**: diversidade e pertencimento da juventude em um colégio do campo de Roncador/PR. 154f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, Universidade Estadual do Paraná, *Campus* de Campo Mourão, Campo Mourão, 2023.

## RESUMO

A cultura é um elemento riquíssimo para conhecer a história e a identidade de um povo, consiste em marcas que as pessoas carregam de sua existência em um determinado tempo e espaço, como exemplos: objetos, valores, crenças, hábitos, costumes, estilos. Também apresenta um grau de importância ao desenvolvimento social da coletividade histórica, por se apresentar como um reflexo da sua própria organização social. Nesse sentido, esta pesquisa objetiva mostrar o resultado da análise das mudanças da identidade cultural da juventude residente no Campo, destacando a influência da globalização e mídias digitais a partir da ótica da Educação do Campo. O aporte metodológico foi constituído de pesquisa exploratória, por meio de análise bibliográfica e documental da categoria Educação de Campo, levantamento de dados quantitativos das instituições escolares da modalidade Campo na Mesorregião Centro Ocidental Paranaense, aplicação de questionários semiestruturados aos professores(as), equipe gestora e pedagógica e estudantes de uma Instituição Escolar do Campo que oferta o Ensino Médio. Os resultados da pesquisa contribuem para a expansão de discussões sobre essa temática, estimulando novas estratégias para que os(as) estudantes sintam-se pertencidos(as), tendo em vista que a juventude residente no campo é caracterizada por uma identidade cultural única, exclusiva, que mescla elementos culturais de seus antepassados, alinhados com as “novidades”, tecnologias e o mundo “pop” contemporâneo, tal como se encontram estudantes que se autointitulam caipiras ou agrobóys, além de grupos culturais que são influenciados pelos elementos locais, perpassados pela globalização, de maneira que essas identidades culturais sejam reconhecidas, valorizadas e incorporadas aos processos educativos de modo a contribuir para que os(as) estudantes atuem como agentes transformadores na realidade local e regional das quais fazem parte.

**Palavras-chave:** Cultura, Educação do Campo, Reconhecimento, Juventude.

OLIVEIRA, Julio Rodrigues de. **Culture and cultural identities in the field: diversity and belonging of youth in a school in the countryside of Roncador/PR.** 154f. Dissertation (Master) – Society and Development Interdisciplinary Postgraduate Program, State University of Paraná, Campo Mourão *Campus*, Campo Mourão, 2023.

## ABSTRACT

Culture is a very rich element to know the history and identity of a people, consists of marks that people carry of their existence in a certain time and space, as examples: objects, values, beliefs, habits, customs, styles. It also presents a degree of importance to the social development of the historical collectivity, as it presents itself as a reflection of its own social organization. In this sense, this research aims to show the result of the analysis of the changes in the cultural identity of youth living in the countryside, highlighting the influence of globalization and digital media from the perspective of Rural Education. The methodological contribution consisted of exploratory research, through bibliographic and documentary analysis of the Rural Education category, quantitative and qualitative data collection of school institutions of the Field modality in the Mesoregion of the Western Center of Paraná, application of semi-structured questionnaires to teachers, management and pedagogical team and students of a Rural School Institution that offers High School. The research results contribute to the expansion of discussions on this topic, stimulating new strategies for students to feel belonging, considering that youth living in the countryside is characterized by a unique, exclusive cultural identity, which mixes cultural elements of their ancestors, aligned with the "news", technologies and the contemporary "pop" world, as are students who call themselves "caipiras". Students who call themselves "caipiras" or "agroboys", as well as cultural groups that are influenced by local elements, permeated by globalization, so that these cultural identities are recognized, valued and incorporated into educational processes in order to contribute to students acting as transforming agents in the local and regional reality of which they are part.

**Keywords:** Culture, Rural education, Acknowledgement, Youthful.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Localização do distrito de Alto São João.....	094
Figura 2: Colégio Estadual do Campo de Alto São João.....	095
Figura 3: Tempo de atuação docente.....	103
Figura 4: Tempo de atuação docente na Educação do Campo.....	103
Figura 5: Faixa Etária dos estudantes do Ensino Médio.....	109
Figura 6: Etnia dos estudantes do Ensino Médio.....	110
Figura 7: Gênero dos estudantes do Ensino Médio.....	111
Figura 8: Local de origem dos estudantes do Ensino Médio.....	111
Figura 9: Tempo de residência dos estudantes do Ensino Médio.....	112
Figura 10: Interação dos estudantes com a Educação do Campo.....	113
Figura 11: Cursos de graduação de interesse dos estudantes.....	117
Figura 12: Frequência de acesso às redes sociais.....	121
Figura 13: Redes sociais que os estudantes possuem.....	122
Figura 14: Temáticas que acompanham nas redes sociais.....	123
Figura 15: Exemplos de Identidade Cultural.....	126
Figura 16: Estilos Musicais.....	127
Figura 17: Pertencimento dos estudantes no campo.....	130

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Definições das terminologias de Agrobóy e Caipira para os estudantes.....	131
---	-----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>012</b>
<b>2 CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL: ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES .....</b>	<b>023</b>
<b>2.1 Cultura na contemporaneidade: um conceito interdisciplinar.....</b>	<b>023</b>
<b>2.1.1 Diferentes tipos de cultura: minorizados ou majorizados.....</b>	<b>029</b>
<b>2.1.2 Paraíso Perdido: a aceitação de diferentes culturas.....</b>	<b>033</b>
<b>2.1.3 Mídia e a pós-modernidade.....</b>	<b>036</b>
<b>2.2 Identidade cultural na contemporaneidade: uma abordagem interdisciplinar.....</b>	<b>041</b>
<b>2.2.1 Identidade Cultural Gerações Baby Boomers X Y Z no Brasil.....</b>	<b>046</b>
<b>2.2.2 A ascensão das redes sociais.....</b>	<b>051</b>
<b>3 CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL DOS POVOS DO CAMPO.....</b>	<b>056</b>
<b>3.1 Cultura e identidade cultural dos povos do Campo na contemporaneidade.....</b>	<b>056</b>
<b>3.1.1 Da fixação no campo e a figura do Caipira.....</b>	<b>062</b>
<b>3.2 Pós-modernização da agricultura e as implicações na vida do homem do Campo.....</b>	<b>069</b>
<b>3.2.1 A Tristeza do Jeca.....</b>	<b>074</b>
<b>3.2.2 A música sertaneja universitária como expressão cultural: análise da(s) juventude(s) do campo.....</b>	<b>080</b>
<b>3.2.3 Dos processos socioculturais aos processos educativos do homem do Campo.....</b>	<b>086</b>
<b>4 A IDENTIDADE CULTURAL DA JUVENTUDE DO CAMPO E OS PROCESSOS EDUCATIVOS.....</b>	<b>091</b>
<b>4.1 Dos processos metodológicos da pesquisa.....</b>	<b>091</b>
<b>4.2 Análise de um colégio do Campo.....</b>	<b>094</b>
<b>4.2.1 Da modalidade de ensino da Educação do Campo.....</b>	<b>097</b>
<b>4.3 Cultura e Identidade Cultural: o que pensam os professores da Educação do Campo?.....</b>	<b>100</b>
<b>4.3.1 Da análise dos resultados às sugestões a prática docente.....</b>	<b>100</b>
<b>4.4. Cultura e Identidade Cultural dos estudantes do Campo: caipiras ou <i>agroboys</i>?.....</b>	<b>108</b>
<b>4.4.1 Análises dos resultados.....</b>	<b>109</b>

<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>149</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Antes de iniciar as análises trabalhadas aqui nesta dissertação, brevemente proponho a sistematização do meu “lugar” de fala enquanto pesquisador. O conteúdo do espaço rural e da vida no campo está relacionado às narrativas de minha vida. Nasci na capital Curitiba, onde vivenciei apenas 3 meses no espaço urbano, desde então, estou residindo pelas áreas rurais do Paraná, “sendo e pertencendo” ao campo.

Sou filho e neto de agricultores familiares que, através dessa forma de subsistência e trabalho, conseguiram ao longo das décadas desenvolver suas vidas e particularmente promover melhorias significativas aos contextos familiares, os quais, temporalmente, criaram uma relação simbólica com a terra, não somente por uma fonte de renda, mas por ser a forma de vida adotada, a qual não se cogita a troca. Tendo essa influência familiar inspirado meus aspectos de identidade cultural, que estão relacionados à “calmaria” da vida no campo, aos seus hábitos e costumes.

Hoje, aos meus vinte e três anos, meu projeto de vida está alicerçado no que acredito enquanto minha missão de vida: ser educador. Não segui os mesmos rumos de meus antepassados em trabalhar com a agricultura familiar, mas tenho como intuito auxiliar os estudantes da instituição escolar da modalidade do Campo, a qual leciono desde o meu primeiro ano enquanto educador. Especialmente como foi para mim esse processo da busca de um propósito e sentido à vida, estando vinculado às minhas raízes culturais que formam minha identidade cultural.

Desse modo, a minha proximidade com a temática do presente estudo tem relações com meu local de residência e meu local de trabalho, sendo pesquisador em simultâneo a ser objeto da pesquisa. Logo, pretende-se evidenciar que a cultura e identidade cultural são relacionadas com o espaço vivenciado, mas não se restringem a essas formas, podendo ser influenciadas a partir de outros elementos por meio da globalização e uma das formas de entender essa complexidade ocorrerá por meio da educação.

Os processos educativos são essenciais ao desenvolvimento de qualquer sociedade, por não se restringirem somente às instituições escolares, transpondo os âmbitos familiar, político, religioso, cultural e social. Por meio da educação produz-se conhecimento e, nesse processo, permite o progresso de comunidades e da sociedade como um todo, ou seja, por trás da educação há intencionalidades.

Ao analisarmos os diferentes períodos históricos, averiguamos que a educação se constrói na própria história, sendo reflexo da realidade cultural. Nesse sentido, os processos educativos estão correlacionados ao contexto em que cada comunidade está situada. A partir de suas características únicas, a cultura constituirá uma forma de representação social (EAGLETON, 2011), podendo ser incorporada pelos processos educativos.

Os estudos referentes às humanidades em relação ao campo educacional frisam a necessidade de os processos educativos se aterem principalmente à formação dos estudantes para a vida e à construção do pensamento voltado à realidade, considerando cada especificidade local, para contribuir ao acréscimo social comunitário (MATURANA, 1990). O conceito de cultura pode ser entendido como as manifestações de hábitos, de costumes e de valores, como forma de expressão das sociedades (NETO, 2003), que podem ser incorporadas na educação, devido à cultura representar a constituição do ser humano em sociedade.

Sendo assim, os processos educativos devem se ater às características culturais da comunidade onde a instituição escolar é instalada. Esse debate é recente, logo necessita de muitos avanços, por exemplo, pesquisas acadêmicas. A educação possui um fundamento socializador que poderá contribuir ao desenvolvimento regional das microrregiões paranaenses.

No Paraná, as principais categorias de instituições de ensino conveniadas com a Secretaria de Estado da Educação e do Esporte, conforme o site Consulta Escolas (2021) são: Normais, Cívico-Militares, Indígenas, Educação Especial, Profissionalizantes, Quilombolas, Assentamentos, Agrícolas, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Ribeirinhas, do Campo, entre outras. Nesta pesquisa, objetiva-se focar na Educação do Campo.

A Educação do Campo constitui uma modalidade de ensino voltada à educação de crianças, jovens e adultos vivendo em áreas rurais. Sendo uma política pública voltada a evitar o êxodo rural, é uma forma de acesso aos processos educativos a esses povos sem a necessidade de terem que se deslocar às cidades. A modalidade configura-se como “um conceito político ao considerar as particularidades dos sujeitos e não apenas sua localização espacial e geográfica” (PARANÁ, 2006, p. 24).

Dessa maneira, a Educação do Campo está relacionada aos processos culturais que os sujeitos geograficamente inseridos no espaço rural produzem, diferente do objetivo proposto da Educação Rural: a formação voltada a atender a demanda do capital. Isto é, “[...] a Educação Rural pode ser entendida como aquela elaborada para atender às necessidades do capital, enquanto que a Educação do Campo representa os movimentos organizados do campo, a partir de uma proposta de educação construída por eles próprios” (BARROS; LIHTNOV, 2016, p. 16).

No Paraná, a Educação no Campo está embasada pelos eixos temáticos de: trabalho; divisão social e territorial; cultura e identidade; interdependência campo cidade; questão agrária e desenvolvimento sustentável; organização social, movimento sociais e cidadania (PARANÁ, 2006). Esses eixos estão alinhados à realidade social-local. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, em seu artigo 28, estabelece que “na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região [...]”.

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, no Art. 2, parágrafo único, pontua que “a identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros [...]” (BRASIL, 2002, p. 1). Nesse sentido, observamos que os documentos e legislações vigentes atentam-se aos povos residentes nas áreas rurais, no entanto não incluem as mudanças sociais que ocorreram nas últimas décadas.

As atividades agropecuárias são destaques na economia do país. Ao se referir ao campo no Brasil, atém-se que o mesmo é demarcado por um cenário de lutas e resistências (OLIVEIRA, 1990). Desde o movimento do êxodo rural em meados da década de 1970, o campo no Brasil passou por reestruturações, acarretando novos significados ao *modus vivendi*<sup>1</sup>.

Os povos do campo, concomitantemente às modificações da modernização da agricultura, tiveram suas vidas alteradas, acompanhando as mudanças repentinas. Nesse sentido, ganhou uma nova roupagem, uma nova identidade “que caracteriza os povos do campo é o jeito peculiar de se relacionarem com a natureza, o trabalho na terra, a organização das atividades produtivas, mediante mão-de-obra dos membros da família, cultura e valores que enfatizam as relações familiares e de vizinhança” (PARANÁ, 2006, p. 24). Assim, o conceito de campo adotado nesse estudo distingue-se do termo rural, ou seja, está relacionado à população residente em áreas rurais, mas tendo como ênfase a sua construção cultural. Dessa maneira, podemos compreender que o termo rural é referente ao que é fixo, à terra, onde o homem irá desenvolver os cultivos agropecuários, retirar seu sustento, enquanto o termo campo está relacionado às vivências e experiências que as comunidades desenvolverão nesse espaço rural, tendo como principal manifestação os processos socioculturais.

Diante disso, consideramos que a cultura advém de uma concepção da identidade humana, sendo que ela acompanha as transformações que uma comunidade sofre espacial e temporalmente, de modo que a identidade cultural acompanha essas mudanças; portanto,

---

<sup>1</sup> Expressão latina que significa “modos de vida” ou estilos de vida.



entende-se que a partir da cultura e da identidade cultural é possível compreender os processos históricos, sociológicos e geográficos de uma determinada comunidade (EAGLETON, 2011).

Assim sendo, a palavra cultura no dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999, p. 508) é definida como o “conjunto de características humanas que não são inatas, e se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade [...]”. Nesse panorama, a identidade cultural que é fruto da cultura caracteriza-se como uma possibilidade para conhecer comunidades, atentando-se ao fato de que as pessoas carregam características e valores dos seus antepassados, em simultâneo apresentam novas tradições e símbolos, tendo em vista as suas vivências e experiências.

Exemplos de elementos que caracterizam a identidade cultural dos povos do campo se referem às músicas, como o sertanejo raiz e o universitário, que apresentam a área rural em dois momentos distintos, antes e pós-modernização da agricultura. O ritmo sertanejo é o mais ouvido no país (ECAD, 2018), sendo caracterizado como um dos elementos constituintes da formação cultural brasileira.

O termo “caipira” e a sua identidade são representados nas áreas urbanas por meio dos “agroboys”<sup>2</sup> e comidas “de sítio”, todavia, com a expansão da internet nas áreas rurais<sup>3</sup> permitiu-se que houvesse a integração desses povos a diferentes práticas culturais e também apresentar a sua cultura e o seu estilo de vida ao mundo citadino, de tal modo que ambos ultrapassaram o local, a região e tornaram-se globalizados, através da articulação existente entre o local e o global (HALL, 2020).

Essa mudança de identidade cultural é balizada pela juventude residente na área rural. Na busca da compreensão desse grupo, deve-se detectar os fatores socioculturais que influenciam e moldam o sujeito (VETTORASSI; FERREIRA; SOFIATI, 2021), ou seja, tais fatores são um reflexo das suas próprias histórias, criando demandas sociais a partir das identidades campesinas. Portanto, a juventude do campo recebe a influência do espaço rural.

Dentro do recorte espacial da pesquisa, a Mesorregião Centro Ocidental Paranaense é composta por 25 municípios, tendo como abrangência dois Núcleos Regionais de Educação (NRE): Campo Mourão e Goioerê. Em 15 municípios há escolas/colégios da modalidade do Campo. Os dois NRE possuem o total de 31.695 matrículas de estudantes na rede estadual,

---

<sup>2</sup> O conceito de “agroboys” será discutido ao longo da dissertação.

<sup>3</sup> A partir de 2015, houve um aumento significativo de moradores das áreas rurais com acesso à internet no Brasil, a partir do Programa Internet para todos do Governo Federal, visando conectar pessoas de todas as áreas ao mundo das tecnologias da informação e comunicação.

cerca de 7% dessas matrículas correspondem a estudantes do Campo (CONSULTA ESCOLAS, 2021).

Apesar de serem menos numerosas do que as escolas urbanas presentes na Mesorregião Centro Ocidental Paranaense, as escolas rurais, além de educar, são um ato de resistência das comunidades contra a industrialização agrícola. A resistência é uma forma de expressão cultural no campo, onde as comunidades se formam pelo sentimento de “ser” e “pertencer” a ele. Além de que, por meio da pesquisa acadêmica, contribui à visibilidade de grupos minorizados, que muitas vezes estão excluídos socialmente.

Nesse contexto, no campo existem alunos e suas famílias com uma identidade cultural, costumes, tradições e um rico acervo cultural, os quais devem ser valorizados, pois representam elementos regionais, constituídos de marcas locais a serem consolidadas e valorizadas, permanecendo mesmo diante das mudanças espaciais e temporais. O reconhecimento da importância desse tema se dá recorrendo à realidade rural local/regional.

Sendo assim, as questões problemas que orientam este estudo referem-se a: a) Quais mudanças na identidade cultural e costumes geracionais dos povos do campo ocorreram em razão da globalização relacionadas ao acesso às mídias digitais? b) De qual maneira é possível trabalhar a cultura e identidade cultural em sala de aula? c) Como associar diferentes áreas do conhecimento em um conteúdo com intuito de permitir a prática da interdisciplinaridade voltada a uma formação mais integrada dos estudantes? Dessa maneira, esta dissertação objetiva mostrar os resultados das análises das mudanças da identidade cultural da juventude residente no Campo, destacando a influência da globalização e das mídias digitais a partir da ótica da Educação do Campo.

Quanto à interdisciplinaridade no ensino, faz-se necessário trabalhar integradamente entre as disciplinas, superando a dicotomia de se aprender fatos isolados e focando entender como eles se conectam. Fazenda (1999) argumenta que a interdisciplinaridade está relacionada a uma mudança de postura em relação ao conhecimento, transpassando a idealização de um saber fragmentado, para ser integrado, em que práticas de interação, associação, cooperação, complementação e integração entre as disciplinas tornam-se indispensáveis.

Para o desenvolvimento do tema cultura e identidade cultural de maneira interdisciplinar, recorreremos à análise do espaço-geográfico onde o educando e todo o ambiente escolar estão inseridos, assimilando as contradições e transformações. A concepção de tempo, como o homem se portou em diferentes décadas, as variações que ocorreram no campo e o que pode se esperar para os anos futuros com relação ao desenvolvimento social, às relações pré-

estabelecidas entre os povos do campo e do espaço urbano. Para isso, buscamos três áreas iniciais: Geografia, História e Sociologia, entre outras de maneira complementar.

O trabalho com a cultura traz para a sociedade um conhecimento sem precedentes, no sentido de valorização e reconhecimento. Dentre os elementos que caracterizam o lazer, o prazer, o sentimento de pertencer a um grupo e ao próprio conhecimento cultural tem relevância no contexto da Educação, haja vista que uma de suas premissas no século XXI é o reconhecimento dos estudantes em suas unidades, não em suas individualidades (FAZENDA, 1999). Portanto, trabalhar cultura tem o mesmo grau de importância dos eixos econômicos e sociais no que se refere ao desenvolvimento local e regional.

O aporte metodológico da pesquisa é constituído de pesquisa exploratória (GIL, 2008), contendo abordagem quali-quantitativa. O levantamento bibliográfico foi realizado considerando palavras-chave e autores como: a concepção de cultura (EAGLETON, 2011; CAUNE, 2014; CANCLINI, 2019), identidade cultural (BAUMAN, 2005; HALL, 2020), interdisciplinaridade (FAZENDA, 1999; POMBO, 2006) e juventude do campo (KUMMER, 2013; BORGES, 2022).

Além de pesquisas complementares em artigos científicos de periódicos, livros, teses e dissertações, etc., considerando autores de diferentes áreas do conhecimento, como, por exemplo: Sociologia, Filosofia, Geografia, História, Antropologia, Economia, entre outras, além de pesquisas em livros, documentos oficiais e políticas públicas referentes à Educação do Campo.

Na sequência, realizamos a investigação do perfil sociocultural dos jovens residentes na área rural, matriculados na etapa do Ensino Médio da Educação Básica (cerca de 30 estudantes), por meio da aplicação de questionários semiestruturados (Apêndice A) e entrevistas com a equipe gestora, pedagógica e corpo docente de uma instituição do Campo (cerca de 10 entrevistas - Apêndice B). Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas e analisadas.

A instituição escolar escolhida como *locus* da pesquisa foi o Colégio Estadual do Campo de Alto São João, localizado no distrito de Alto São João, no município de Roncador/PR e pertencente ao Núcleo Regional de Educação (NRE) de Campo Mourão. Portanto, como está nominado, a instituição visa atender às populações residentes no distrito.

Em relação à modalidade de ensino, o Colégio Estadual do Campo de Alto São João oferta do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e a 1ª Série do Novo Ensino Médio, com oferta do tempo integral, sendo ofertadas 09 aulas de 50 minutos por dia, totalizando 7 horas e 30

minutos. O ensino está dividido entre Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Parte Flexível Obrigatória (PFO).

Tendo em vista os dados disponibilizados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), o Colégio Estadual do Campo de Alto São João teve como dados na turma do 9º ano do Ensino Fundamental (atualmente 1ª série do Novo Ensino Médio) o percentual de 5,1 pontos em 2021. São resultados expressivos, haja vista que na última avaliação ocorrida em 2017, a instituição obteve 3,6 pontos. Isso demonstra o avanço da oferta do tempo integral, que permite o aprofundamento na aprendizagem dos estudantes. A avaliação realizada durante o período de dois (2) anos não ocorreu no ano de 2019, devido aos dias da realização do exame não apresentarem condições meteorológicas favoráveis.

A fim de explicitar os elementos sobre cultura e identidade cultural, a dissertação está dividida em cinco seções (a primeira é a Introdução e a quinta e última as Considerações Finais). As três seções são resultados da pesquisa e são apresentadas na sequência.

A segunda seção, intitulada “Cultura e Identidade Cultural: abordagens interdisciplinares”, identificamos os pressupostos teóricos dos conceitos de cultura e identidade cultural a partir da interdisciplinaridade, aplicados aos estudos sociais. Nesse sentido, expõe-se como estes dois elementos “Cultura e Identidade Cultural” foram analisados sob a ótica da interdisciplinaridade e aplicados nos estudos sociais, revelando-se uma possibilidade de reconhecimento de comunidades para ações de desenvolvimento social.

Na subseção “Cultura na contemporaneidade: um conceito interdisciplinar”, explicitamos algumas ponderações de como esse termo pode ser analisado a partir de diferentes áreas do conhecimento, considerando os estudos sobre a temática de autores, por exemplo: a filósofa Marilena Chauí em seu livro “Convite a Filosofia” (1995); Terry Eagleton, filósofo e estudioso da área dos Estudos Culturais, em seu livro *A ideia de Cultura* (2011); Roque de Barros Laraia, antropólogo brasileiro, em sua obra “Cultura: um conceito antropológico” (2009); e Paul Claval, geógrafo, em sua obra *Geografia Cultural* (1999).

Nessa subseção há algumas divisões: “Diferentes tipos de cultura: minorizados ou majorizados”, subseção que apresenta a diversidade cultural como constituinte da contemporaneidade. Canclini (2019) destaca que esse fenômeno ocorreu a partir do estreitamento das fronteiras geográficas e o surgimento do hibridismo cultural, ao qual grupos culturais “minorizados” socialmente por não possuírem direitos da cidadania cultural são

maiorias estatisticamente. O conceito foi apropriado do livro “Maioria Minorizada: um dispositivo analítico de racialidade”<sup>4</sup> de Richard Santos (2020).

Já na subseção “Paraíso Perdido: a aceitação de diferentes culturas”, a partir da metáfora do paraíso que o homem perdeu a partir do pecado, analisamos o modelo cultural vigente estabelecido pelo capital que impede as diferentes categorias de cultura viverem de forma harmônica. Uma alternativa de reverter essa realidade é através do interculturalismo<sup>5</sup>, tendo como proposta colocar diferentes culturas em diálogo (FLEURI, 2001). Na subseção “Midiatização e a pós-modernidade” será complementada que a cultura é apropriada pelo capital a partir da indústria cultural (ADORNO, 1978) e transformada pela comunicação (CAUNE, 2014), a qual reflete na Identidade Cultural da juventude na pós-modernidade.

Por sua vez, na subseção “Identidade cultural na contemporaneidade: uma abordagem interdisciplinar”, consideramos esse tema, na hodiernidade, como elemento construído pelas pessoas a partir de suas relações com sua cultura em comunidade<sup>6</sup>. Exemplo de autores que discutem esse conceito são o sociólogo polônes Zygmunt Bauman em seu livro “Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi” (2005) e o teórico cultural britânico-jamaicano Stuart Hall em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” (2020).

Após, na subseção “Identidade Cultural: Gerações Baby Boomers, X, Y e Z no Brasil”, descrevemos como a identidade cultural do povo brasileiro de diferentes gerações foi influenciada por elementos temporais e espaciais, enquanto que na subseção “A ascensão das redes sociais” analisamos como as mídias digitais, exemplificadas a partir das redes sociais, constituem-se de ciberespaços que permitem o enquadramento entre diferentes culturas, em simultâneo à construção da identidade cultural da juventude que não se encontra estável, mas revogável e reconstruindo-se a todo instante (BAUMAN, 2005).

Dando seguimento, na terceira seção intitulada “Cultura e Identidade Cultural dos povos do campo”, estabelecemos os diálogos interdisciplinares a partir da temática “cultura e identidade cultural”, temática voltada aos estudantes do meio rural visando uma formação integradora. Dessa maneira, foi essencial realizar essa análise da cultura e identidade cultural

---

<sup>4</sup> Na obra, Santos (2020) realiza referência às maiorias minorizadas vinculadas à população negra no Brasil que, embora estatisticamente seja maior parte do país, possui direitos sociais negados. Em nosso estudo, ampliamos o conceito para representar outros culturais, como as mulheres, LGBTQIAPN+, excluídos dos processos da cidadania cultural e que necessitam da justiça cultural.

<sup>5</sup> O interculturalismo procura estabelecer a interação, compreensão e respeito entre diferentes práticas culturais (FLEURI, 2001).

<sup>6</sup> Tendo em vista que nas comunidades os indivíduos criam seus padrões culturais, nos quais podem ser dessemelhantes a ter contato com a sociedade detentora de várias formas de manifestações culturais.

dos povos do campo, para entender como a juventude residente no meio rural, a partir de elementos que compõem seus espaços de vivência e constroem sua identidade cultural.

Na subseção “Cultura e identidade cultural dos povos do Campo na contemporaneidade”, abordamos as considerações sobre os processos sócio-históricos que influenciaram na cultura e identidade cultural, sopesando o marco temporal da modernização da agricultura iniciada no final da década de 1970 e a intensificação da globalização a partir dos anos de 1990.

Para tanto, nessa subseção que apresenta a divisão “Da fixação no campo e a figura do caipira”, apresentamos os processos que influenciaram na permanência do homem no campo, até então o trabalho era esporádico, sem haver esse convívio com o lugar e passou para a fixação, concomitantemente à criação de raízes, assim estabelecendo vínculos de pertencimento<sup>7</sup>. Dessa forma, alguns autores e obras para embasar essa apreciação referem-se aos seguintes livros: “O novo rural brasileiro” (1999) do agrônomo José Graziano da Silva; “O rural brasileiro na perspectiva do século XXI” (2019) de organização dos professores Sergio Pereira Leite e Regina Bruno, com seus estudos na ênfase do desenvolvimento da agricultura e sociedade. Além de teses, dissertações e artigos científicos complementares.

Enquanto que na próxima subseção, denominada “Pós-modernização da agricultura e as implicações na vida do homem do Campo”, elucidamos os impactos que esses processos históricos ocasionaram nas populações residentes das áreas rurais e remodelaram a identidade cultural desses sujeitos, para tanto serão consideradas algumas subdivisões.

Na subseção “A Tristeza do Jeca”, explanamos o processo de saída das populações do campo para os espaços urbanos e o sentimento de saudade do local de origem. O êxodo rural é evidenciado a partir das músicas sertanejas, que em sua fase inicial retratam as mudanças sociais que ocorreram no campo. Para essa análise, utilizamos as seguintes canções: Tristeza do Jeca, de Angelino de Oliveira; Jorginho do Sertão, de Cornélio Pires; e Êxodo Rural, de Dom e Ravel.

Por sua vez, em “A música sertaneja universitária como expressão cultural: análise da(s) juventude(s) do Campo” demonstramos como a música sertaneja transpassou fronteiras geográficas do espaço rural para o urbano. Nessa apreciação, é recorrente a análise da passagem da década de 1990 para os anos 2000, tendo em vista o surgimento do sertanejo universitário<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> O geógrafo Yi-Fu Tuan, apresenta que as experiências em determinados espaços contribuem para a criação de vínculos afetivos.

<sup>8</sup> Tendo como expoente principal a dupla João Bosco e Vinicius, que realizaram shows em bares próximos a centros universitários no estado Mato Grosso do Sul, esse subgênero do sertanejo tem uma tipologia contemporânea dos *modus vivendis* das populações residentes nas áreas rurais do país.

Portanto, objetivamos destacar como esse estilo musical que faz parte do coletivo cultural brasileiro, é integrante da identidade cultural da juventude.

Assim sendo, no campo também há especificidades, destacando-se subgêneros do sertanejo que visam conceber o campo não mais a partir de um padrão heteronormativo, mas um espaço que há representatividade, como o queernejo que engloba múltiplas possibilidades de gênero e sexualidade a partir da música sertaneja. Um exemplo é a canção “Amor Rural” do cantor Gabeu, lançada em 2021. Também o feminejo, que coloca as mulheres como protagonistas das situações que eram até então elucidadas nas canções sobre o imaginário masculino, sendo as principais representantes a cantora Paula Fernandes e, mais recentemente, Marília Mendonça e Ana Castela.

Por fim, na subseção “Dos processos socioculturais aos processos educativos do homem do Campo” analisamos as formas como a Educação do Campo pode apropriar-se desses elementos culturais para oportunizar uma aprendizagem mais significativa aos estudantes, a partir de elementos do seu imaginário. Logo, é essencial reconhecer e valorizar essas múltiplas identidades culturais estabelecidas.

A quarta seção foi desenvolvida após o exame de qualificação e é intitulada “A Identidade Cultural da juventude do campo e os processos educativos”, cujo objetivo foi compreender a identidade cultural da juventude do campo por meio dos processos educativos dos(as) alunos(as) do Colégio Estadual do Campo de Alto São João.

Para tanto, na subseção “Dos processos metodológicos da pesquisa”, explicamos de forma mais detalhada os procedimentos metodológicos da pesquisa, considerando todo o percurso traçado nessa investigação da cultura e identidade cultural da juventude do campo.

Enquanto a subseção “Análise de um colégio do Campo”, subdividida por “Da modalidade de ensino da Educação do Campo”, teve como intuito proporcionar um contexto sócio-histórico da comunidade envolta à instituição escolar, considerando a essencialidade de atender as populações residentes na área rural.

Na subseção “Cultura e Identidade Cultural: o que pensam os professores da Educação do Campo?”, demonstramos os resultados das entrevistas aplicadas com a equipe pedagógica, gestora e administrativa. Por meio das perguntas, pudemos identificar os elementos pontuais sobre o desenvolvimento do trabalho com a Educação do Campo como: vínculos de pertencimento com o espaço rural; formação complementar na área; desenvolvimento do trabalho didático-pedagógico; visão e objetivos a curto e a longo prazos que esperam com essa proposta de ensino; e dificuldades para o andamento do processo educacional.

Por fim, na subseção “Cultura e Identidade Cultural dos estudantes do Campo: caipiras ou agrobays?”<sup>9</sup>, demonstramos os resultados obtidos com a aplicação dos questionários semiestruturados aos estudantes regularmente matriculados no Ensino Médio, considerando as vicissitudes contemporâneas, cultura pop e relação com a paisagem em diferentes perspectivas de abordagem. Além de hábitos, costumes, tradições, movimentos, gostos musicais, culinários, lazer e fontes de renda, atentando às transformações do modo de viver no campo.

Juntamente, averiguamos as relações entre a juventude do campo com a área urbana, com outras culturas, suas integrações, correlações e expansão de seus processos culturais por meio da globalização a outros referenciais culturais espalhados no mundo, além de suas perspectivas após conclusão do Ensino Médio. Nessa aplicação de questionário, também foi apresentado que os estudantes, a partir do entendimento do seu repertório cultural, identificassem se a sua identidade cultural está vinculada ao estilo de vida caipira ou do agrobay em suas múltiplas vertentes.

A partir dos resultados obtidos, foram pontuadas as contribuições dos estudos culturais ao desenvolvimento social, tendo em vista o reconhecimento das identidades culturais da juventude no campo e entendimento que os mesmos fazem parte de um sistema cultural; e como, a contar desse momento, serão protagonistas atuando local e regionalmente.

---

<sup>9</sup> Destaca-se que os termos “caipira” e “agrobay” nessa investigação estão utilizados no sentido de diferenciar o período anterior e posterior à Modernização da Agricultura e Globalização, que impactaram nos *modus vivendis* dos povos do campo e, conseqüentemente, suas práticas culturais.



## 2 CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL: ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES

Esta seção tem como objetivo compreender os pressupostos teóricos dos conceitos de cultura e identidade cultural por meio da abordagem interdisciplinar. Assim, a cultura e a identidade cultural apresentam importância significativa para o desenvolvimento de uma sociedade por contribuir na formação pessoal, moral e intelectual dos sujeitos e a capacidade de relacionar-se com o próximo. Diante disso, organizamos esta seção em duas subseções, sendo a primeira intitulada: “a cultura na contemporaneidade: um conceito interdisciplinar”, em cuja estrutura apresenta os seguintes tópicos: “diferentes tipos de cultura: minorizados ou majorizados”; “paraíso perdido: a aceitação de diferentes culturas” e por fim, daremos a “mídiação e a pós-modernidade. Enquanto a segunda subseção, denominada “identidade cultural na contemporaneidade: uma abordagem interdisciplinar”, encontra-se estruturada em dois tópicos, sendo o primeiro intitulado: “identidade cultural e as gerações Baby Boomers X Y Z no Brasil” e o outro tópico denominado: “a ascensão das redes sociais”.

### 2.1 Cultura na contemporaneidade: um conceito interdisciplinar

Muitas palavras do vocabulário são utilizadas no cotidiano presentes nos diálogos entre as pessoas, apresentam-se: “todo mundo ouviu falar, já falou”; mas, falta um embasamento teórico para definir-se o conceito, nesse caso, a palavra cultura utilizada em diferentes contextos. Possuindo significados distintos, Marilena Chauí, filósofa, em seu livro “Convite à Filosofia” (1995) argumenta que as ações que naturalizam o comportamento humano são as que respaldam a percepção de cultura no senso comum, sem ter um conceito definido.

Nesse seguimento, Terry Eagleton, filósofo e estudioso da área dos Estudos Culturais, argumenta em seu livro: “A ideia de Cultura” (2011)<sup>10</sup> que a palavra “cultura” é um termo complexo a ser definido em razão de concentrar-se como um organismo vivo, produto das relações sociais estabelecidas em comunidades.

Entre as definições da palavra cultura, o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1999), p. 508), conhecido popularmente como Aurélio, a palavra “cultura” é demarcada por diferentes concepções, sendo algumas delas:

---

<sup>10</sup> Originalmente o livro foi publicado no ano de 2000. A versão aqui utilizada é datada de 2011, da tradução por Sandra Castello Branco.

1. Ato, efeito ou modo de cultivar; cultivo: terras estéreis, em que a *cultura* é quase impossível.
2. O conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade [...].
3. O processo ou estado de desenvolvimento social de um grupo, um povo, uma nação, que resulta do aprimoramento de seus valores, instituições, criações etc.; civilização, progresso (FERREIRA, 1999, p. 508).

Compreendemos, dessa maneira, que a palavra apresenta diferentes conceitos. Os autores Antônio Flávio Moreira e Vera Maria Candau (2007) destacam que a primeira definição da palavra cultura pode ser encontrada na literatura do século XV que relaciona o termo com o cultivo da terra, plantações e criações de animais, enquanto a cultura como “cultivo da mente” é datada no século XVI.

Eagleton corrobora com a ideia de Moreira e Candau (2007) ao descrever que a palavra cultura era “[...] derivada de trabalho e agricultura, colheita e cultivo” (EAGLETON, 2005, p. 9) e mais tarde é acrescentado à terminologia um valor intelectual e social. O autor conclui sua ideia ao elencar que a cultura acompanha as transformações espaciais e temporais das comunidades, mais especificamente as modificações que ocorreram no percurso histórico, no qual os indivíduos sociais buscam a cultura para sobreviver. Na perspectiva do autor, cultura não é tudo aquilo que o homem produz, como afirma Raymond Williams, primeiro teórico a introduzir a disciplina cultura na área das Humanidades. Assim sendo, Eagleton (2011) destaca que a cultura é constituída de símbolos e significados construídos pelos homens em comunidade, os quais receberam influência do tempo. Portanto, é essencial exemplificar que as várias comunidades apresentam diferentes padrões culturais, formando a totalidade das sociedades.

Roque de Barros Laraia (2009)<sup>11</sup>, antropólogo brasileiro, em sua obra “Cultura: um conceito antropológico”, acentua que a cultura não é um elemento estático, mas dinâmico, por acompanhar essas transformações. Essa discussão referente às modificações espaciais e temporais aproxima-se do objeto de estudo da Ciência Geográfica, refere-se ao espaço geográfico. Para o geógrafo Paul Claval (2007)<sup>12</sup>, esse é um fator determinante para ocorrer mudanças em comunidades, a partir da forma que elas se relacionam e modificam o espaço geográfico.

---

<sup>11</sup> A primeira edição do livro foi publicada pela Editora Zahar, no ano de 1986.

<sup>12</sup> A obra Geografia Cultural, do geógrafo francês teve sua primeira edição publicada em 1999.

Isto significa que na ciência geográfica, mais especificamente na subdivisão na Geografia Humana, é analisada a relação entre o homem e espaço geográfico a partir da vertente cultural. Desse modo, Claval (2007) enfatiza que a cultura é o elemento mediador entre o homem enquanto sociedade, tendo um papel importante na construção de suas identidades coletivas e a natureza, na qual o ir e o vir, o habitar e o modificar são elementos simbólicos na construção cultural, decisórios nos processos de transformações socioespaciais. Já Eagleton (2011) apresenta outra conotação de cultura quando associa,

[...] a palavra “natureza” significa tanto o que está a nossa volta como que está dentro de nós, e os impulsos destrutivos internos podem facilmente ser equiparados às forças anárquicas externas. A natureza humana não é exatamente o mesmo que uma plantação de beterrabas, mas, como uma plantação, precisa ser cultivada – de modo que, assim como a palavra “cultura” nos transfere do natural para o espiritual, também sugere uma afinidade os entres (EAGLETON, 2011, p. 15).

Portanto, a abordagem geográfica inserida nos estudos sobre a cultura por Claval (2007), resulta em uma aproximação entre os termos de cultura e natureza como prescrito por Eagleton (2011) e que até algum tempo atrás eram interpretados como opostos. Essa proximidade só é possível a partir das áreas da Sociologia, Geografia, História, Filosofia e Antropologia que contemplam as Ciências Sociais, de modo que a cultura sempre apresentou um lugar de destaque nesse campo, e tal estudo parte da análise das paisagens, o que para Claval (2007) evidencia a subjetividade de espaços como expressões fidedignas da realidade social.

O estudo da paisagem relaciona-se com o conjunto simbólico de um determinado grupo social que insere elementos materiais e imateriais em recortes espaciais. Por apresentar essa dimensão simbólica constituída de signos criados para descreverem, dominarem e verbalizarem as manifestações culturais a partir das transformações do espaço.

Assim, Claval (2007), Laraia (2009) e Eagleton (2011) discutem as origens do conceito de cultura. Para tais autores, a origem da terminologia está relacionada à perspectiva da natureza, no entanto destacam que o termo não é fruto do determinismo biológico. Para Claval (2007), o desenvolvimento da cultura está relacionado ao aprendizado e como os indivíduos em sociedade se relacionam; nesse processo, não apenas as comunidades isoladas, mas a sociedade na totalidade desenvolve-se culturalmente.

Diante disso, Claval (2007) corrobora com Eagleton (2011) ao elencar que a cultura se constitui do resultado vivo de todos os elementos na organização geral de uma sociedade. Os conceitos se aproximam das considerações de Alfredo Veiga Neto (2003, p. 167), que define a

cultura como “[...] toda e qualquer manifestação humana que se dê no âmbito dos costumes, dos valores, das crenças, do simbólico, da fabricação de coisas, das práticas sociais, da estética, das formas de expressão, etc.”. Constituindo, dessa forma, a dimensão simbólica da cultura.

Laraia (2009, p. 68) descreve a cultura como “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais [...]”. Essas variações que os indivíduos podem apresentar no sistema cultural são explicadas por Eagleton (2011, p. 18) ao descrever que “[...] a cultura não está nem dissociada da sociedade, nem complemento de acordo com ela”. Laraia (2009, p. 25) pontua que a cultura “[...] representa o espectro que envolve hábitos, crenças costumes e leis que compõem um indivíduo ou uma sociedade”.

Sendo assim, incorporados pelos indivíduos em sociedade a partir das transmissões culturais adquiridas na infância e da ampliação de relações sociais com outros membros sociais, por isso, os traços culturais dos antepassados transmitidos geracionalmente designam-se como os elementos culturais “vivos” de uma sociedade.

Assim, podendo-se ser interpretados como “padrões”, Eagleton (2011) afirma que a cultura também se relaciona a seguir ordens, ou seja, a atender um padrão cultural estabelecido socialmente. De certa forma, os elementos culturais são incorporados à medida que as relações sociais são ampliadas. Tendo a origem a partir de áreas distintas no globo terrestre, nas quais resultaram em grupos culturais separados, há vários padrões culturais, em circunstância da evolução temporal e espacial das comunidades. Nesse sentido, representam um elemento importante dos Estudos Culturais: a diversidade.

Faz-se necessário compreender que as diferentes culturas apresentam suas peculiaridades e interesses, mas interseccionam como constituintes da diversidade cultural a partir da soma das comunidades que formam às sociedades. Nesse sentido, na ampliação das relações sociais, o ser humano irá esbarrar com a diversidade cultural, a qual deve ser interpretada como a riqueza social cultural.

Os autores Moreira e Candau (2007) destacam que a cultura não pode ser estudada como uma variável sem importância ou em segundo plano. Frente aos interesses políticos e/ou religiosos, ela deve valer como elemento orientador do desenvolvimento social, sendo algo fundamental, construtivo que irá determinar as relações sociais.

Por conseguinte, as definições iniciais sobre cultura trazidas a partir do pensamento de Eagleton (2011), Claval (2007) e Laraia (2009) têm em comum seu início voltado com a natureza, mas com maior ênfase aos aspectos que envolvem e caracterizam os indivíduos em/ou sociedade.

A partir das considerações dos autores, entendemos que a cultura é um conceito abstrato que permite várias interpretações. Para Neto (2003), na contemporaneidade a cultura é alvo de estudos de diferentes esferas: acadêmica, política, cotidiana e até mesmo econômica. Por conseguinte, a cultura não pode ser interpretada como fato isolado, constitui-se da identidade de um indivíduo perante a sociedade que a ocupa, como um organismo vivo e dinâmico (LARAIA, 2009) que perpassa diferentes esferas.

Portanto, entendemos que a palavra “cultura” é um conceito que apresenta uma importância nos estudos socioculturais, nos quais podem ser utilizados para o desenvolvimento social. Nesse sentido, o conceito pode ser uma ferramenta de análise aos estudos, pesquisas científicas e formulação de políticas públicas para intervenções em determinadas comunidades, portanto a cultura está relacionada a áreas distintas do conhecimento, cada uma contendo seus objetivos e particularidades. Como, por exemplo, a cultura está relacionada tanto aos significados simbólicos do meio natural (CLAVAL, 2007), bem como elementos representativos do meio social (EAGLETON, 2001).

Dessa maneira, a cultura é plausível de ser analisada e estudada em uma perspectiva interdisciplinar. Gaudêncio Frigotto (2011) analisa que a interdisciplinaridade é uma necessidade para as Ciências Sociais, área em questão que a cultura é inserida. Para o autor:

Na medida em que o conjunto das ciências sociais e humanas (para reiterar uma redundância) tem como objeto de conhecimento a compreensão e explicita-o da produção da existência social dos homens, não há razões de ordem ontológicas e epistemológicas para cindir autonomamente esta ou aquela prática social. A necessidade da interdisciplinaridade na produção do conhecimento funda-se no caráter dialético da realidade social (FRIGOTTO, 2011, p. 43).

O estabelecimento da interdisciplinaridade nas Ciências Sociais, como destacado por Frigotto (2011), vem ao encontro das considerações de Neto (2003) ao afirmar que a cultura ocupa um lugar de destaque social, acompanhada de debates sobre sua epistemologia. Desse modo, a abordagem interdisciplinar pode analisar as variáveis culturais pelas diferentes áreas, exemplificadas pela Sociologia, História, Filosofia, Geografia em sua totalidade, constituintes das Ciências Humanas e Sociais, considerando a cultura como elemento de construção social, não a deixando isolada para algumas áreas do conhecimento.

Olga Pombo, estudiosa da área da interdisciplinaridade, destaca que a mesma não está para acontecer na vontade dos seres humanos, mas sim pertence a um movimento ainda maior da forma de interpretar a realidade que irá acontecer. Segundo a autora:

O que significa que, assim sendo, a interdisciplinaridade não é qualquer coisa que nós tenhamos que fazer. É qualquer coisa que se está a fazer quer nós queiramos ou não. Nós estamos colocados numa situação de transição e os nossos projetos particulares não são mais do que formas, mais ou menos conscientes, de inscrição nesse movimento. Podemos compreender este processo e, discursivamente, desenhar projetos que visam acompanhar esse movimento, ir ao encontro de uma realidade que se está a transformar, para além das nossas próprias vontades e dos nossos próprios projetos. Ou podemos não perceber o que se está a passar e reagir pela recusa da interdisciplinaridade ou pela sua utilização fútil, superficial, como se se tratasse de um mero projeto voluntarista formulado no contexto de uma simples moda, passageira como todas as modas (POMBO, 2006, p. 10).

Para Pombo (2006), a interdisciplinaridade está conectada à mudança de paradigma social, a qual esse modo de não entender os fatos isolados, mas como se conectam e se relacionam, é uma das premissas dos estudos sociais contemporâneos, em ascensão, como é o caso da cultura.

Esse cenário de mudanças também afeta a conceituação de cultura que, assim como, em sua gênese inicial de ser a manifestação de comunidades no espaço e tempo, continua a ser alterada com o passar do tempo histórico, reinterpretada e reformulada a partir das experiências históricas vivenciadas pelas comunidades. Neto (2003) destaca que está ocorrendo um cenário de mudanças culturais:

É mais do que evidente que estamos vivendo num mundo atravessado por permanentes e cada vez mais aceleradas mutações. Muitas de nossas certezas, valores, verdades e práticas parecem se transformar dia a dia. O que ontem era certo e confiável hoje pode ser colocado sob suspeita, esquecido ou negado; e nada nos garante que amanhã tudo volte a ser como antes (NETO, 2003, p. 159).

Desse modo, apesar do resgate dos elementos geracionais, a cultura pode ser uma constante infinita. À medida que as relações sociais vão se alterando, ela também acompanha esse percurso. Neto (2003) relaciona esse momento como um período de crise, no entanto não analisa as mudanças sociais que acontecem. Já Eagleton (2011, p.60) pontua que “é perigoso afirmar que a ideia de cultura está em crise hoje em dia, pois quando é que ela não esteve? Cultura e crise andam de mãos dadas como o magro e o gordo. Mesmo assim, esse conceito passou lentamente por uma mudança importante [...]”. Portanto, na atualidade persistem diferentes categorias de cultura que variam seus indivíduos estaticamente. No próximo tópico desta subseção, damos ênfase às diferentes categorias de culturas que destacam os minorizados ou majorizados.

### 2.1.1 *Diferentes categorias de cultura: minorizados ou majorizados*

Na atualidade, é possível identificar a existência de diferentes categorias de cultura, resultado da evolução de sociedades em contextos geográficos diferentes. Compreendemos, dessa maneira, que a diversidade cultural é uma das marcas da sociedade contemporânea. Ana Maria D'Ávila Lopes argumenta que “na atualidade, a diversidade cultural constitui marca inegável dos mais de 190 Estados-membros da ONU. Praticamente não há, hoje, Estado que não possa ser considerado multinacional ou multiétnico” (LOPES, 2012, p. 67).

No entanto, o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural são frutos de um processo histórico que ainda não conseguiu firmar-se de forma respeitosa e entendida a sua importância pela sociedade em geral, se analisarmos, por exemplo, os noticiários locais em que é apresentado diariamente casos de racismo, intolerância religiosa e outras formas de violência que ferem os princípios da diversidade cultural.

Para Eagleton (2011), a cultura pode ser vista como um regulador social, a qual era utilizada como uma determinante, ou seja, os indivíduos eram vistos como superiores socialmente, assim, esse modelo passou por lutas históricas, considerando a diversidade social e cultural entre os povos. Neto (2003) corrobora com Eagleton (2011) ao afirmar que “[...] a cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal” (NETO, 2003, p. 7).

Diante disso, a perspectiva da diversidade cultural pode ser estudada por meio do multiculturalismo. Esse movimento é originário das lutas sociais dos negros norte-americanos contra o racismo, no entanto o conceito estava relacionado à absorção dessas culturas “na época ditas como minorias” pelo sistema cultural norte-americano dominante que não os valoriza. Eagleton (2011) define que um grande obstáculo à diversidade cultural é a falta de diálogo entre as culturas.

Por isso, o professor Thomas Bonnici, em seu livro “Multiculturalismo e Diferença” (2011), destaca que o surgimento do conceito de multiculturalismo está relacionado às problemáticas suprarraciais da época. Para o autor, o conceito relaciona-se à “[...] coexistência da pluralidade de culturas de uma mesma nação, não há dúvida de que o conceito nasce problemático e polêmico” (BONNICI, 2011, p. 13).

Lopes (2012) complementa a ideia de Bonnici (2011) ao relatar a coexistência de formas culturais distintas em uma mesma nação, caracterizando a diversidade cultural, em que é papel do multiculturalismo a busca do reconhecimento e respeito das diferentes manifestações culturais.

Na busca pela definição do conceito de multiculturalismo, Bonnici (2011) apresenta que:

Uma tentativa de definição poderia ser: “multiculturalismo é um termo que descreve a existência de muitas e diferentes culturas numa localidade, cidade ou país, sem que uma delas predomine, às vezes coexistindo separadas geograficamente, embora na maioria das vezes existentes em convivência” (BONNICI, 2011, p. 20).

Evelina Grunberg, estudiosa da área de patrimônios culturais, corrobora com os argumentos de Bonnici (2011) e Lopes (2012) quando relata sobre as diferentes categorias de cultura que existem comumente:

Reconhecer que todos os povos produzem cultura, que cada um tem uma forma diferente de se expressar e que todos os povos e suas culturas não são iguais, significa aceitar a diversidade cultural. Este conceito de diversidade nos permite ter uma visão mais ampla e reconhecer que não existem culturas superiores e culturas inferiores a partir da nossa (GRUNBERG, 2000, p. 161).

Dessa forma, cada indivíduo, enquanto ator social, analisa as culturas da qual não pertence a partir de sua cultura, portanto esse olhar é carregado de simbolismo e ideologia. Assim, necessita-se nos estudos culturais uma análise que contemple a diversidade como elemento orientador do multiculturalismo, que, como afirmado por Lopes (2012) deve buscar o respeito.

Néstor García Canclini, antropólogo argentino e estudioso na área dos Estudos Culturais, em seu livro “Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade” (2019)<sup>13</sup>, contribui para a noção da diversidade cultural. Na exposição referente ao fenômeno demarcado como hibridismo cultural, para o autor os “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2013, p. 19).

Nesse seguimento, a diversidade cultural é impulsionada na atualidade à medida que há aproximação entre diferentes grupos culturais, sendo que o resultado de sua combinação acarreta uma nova forma de cultura. Nessa mudança de paradigma que vem ocorrendo na área sociocultural, Andrea Semprini, estudioso dos estudos culturais, destaca mudanças no multiculturalismo<sup>14</sup>: “a posição multicultural apoia-se sobre a mudança de paradigma, ela

---

<sup>13</sup> O livro é traduzido por Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa, teve sua primeira edição publicada em 1990.

<sup>14</sup> Obra traduzida ao português por Laureano Pelegrini.



invoca a instabilidade, a mistura, a relatividade como fundamentos de seu pensamento” (SEMPRINI, 1999, p. 89).

Nesse sentido, reconhecemos que diversidade cultural contempla vários grupos sociais, os quais variando-se estaticamente de seus seguidores. Enquanto alguns grupos já possuem sua posição social de extrema importância consolidada, outros grupos lutam para obter a mesma posição.

Especialmente no território brasileiro há uma vasta diversidade cultural, apesar de sua totalidade ser constituída como a “cultura brasileira”. Os brasileiros ao falarem a língua portuguesa, a olhar as variações das regionalidades, os sotaques caracterizam-se como particularidades locais, que enriquecem ainda mais a constituição da cultura brasileira. No entanto, historicamente há grupos sociais colocados em situação de vulnerabilidade, os quais são negados bens, direitos e excluídos socialmente.

Historicamente, descendentes de europeus e parte da população branca sempre estiveram na centralidade da sociedade e em posição de destaque, enquanto os descendentes que não eram de origem europeia foram marginalizados. O termo, marginalizados, é referente a esses grupos sociais por serem colocados nas lateralidades sociais, estando à margem, ou seja, locais afastados dos centros, de modo que a marginalização apresenta caráter cultural, urbano, social e espacial.

Um exemplo que ilustra essa realidade é narrado na obra “O Cortiço” (1995)<sup>15</sup> de Aluísio Azevedo. O romance apresenta as condições vivenciadas por um grupo de pessoas simples, vivendo em uma habitação coletiva chamada cortiço, bem distante da área central do Rio de Janeiro, onde a história apresenta uma criticidade e verossimilhança com a realidade ao tratar da vida das pessoas em situação marginalizada socialmente no final do século XIX.

Dessa forma, consideramos a literatura como uma representatividade da realidade. Nesse sentido, Azevedo (1995) propõe uma exímia expressão social do final do século XIX, ao escrever um romance que traz uma crítica social, na qual os preconceitos raciais são denunciados; em simultâneo, o homem é explorado pelo próprio homem, portanto no Cortiço é demonstrada a realidade de grupos sociais que são maiorias, por outro lado, historicamente foram minorizados em representatividade.

O conceito de “maiorias minorizadas” é formulado na obra “Maioria minorizada: um dispositivo analítico de racialidade” (2020) de Richard Santos, comunicador e professor. Esse estudo surgiu durante as pesquisas de mestrado, fortalecido durante a trajetória acadêmica do

---

<sup>15</sup> Teve sua primeira versão publicada no ano de 1890, no primeiro ano de república no território brasileiro.

autor. Esse referido conceito refere-se a como as pessoas negras no Brasil, apesar de serem maioria demograficamente (segundo dados do IBGE (2020), corresponderem a cerca de 54% da população brasileira), são minorizadas no acesso a elementos básicos da cidadania.

Já Lilia Schwarcz, historiadora e antropóloga brasileira, vai além das considerações de Santos (2020) ao afirmar em uma entrevista no programa Roda Viva, que há uma disparidade entre a representação de homens brancos, héteros, com o lugar de grupos de negros, pardos, mulheres e de LGBTQIA+ em cargos de liderança e posições de poder no Brasil. Schwarcz (2020) afirma que essa desproporção foge dos princípios democráticos. A estudiosa ironiza ao afirmar que “há pessoas no Brasil que acreditam que foram gregos no passado”.

Dessa maneira, o conceito de maiorias minorizadas (SANTOS, 2020) pode ser interpretado na hodiernidade como um elemento que representa muitos grupos culturais, considerados “minorias sociais”, entre eles negros, indígenas, imigrantes, mulheres, homossexuais, idosos, moradores de favelas, pessoas com deficiência, pessoas em situação de rua, etc. Ou seja, são pessoas percebidas e preteridas por um padrão cultural sistematizado aos interesses do sistema econômico hegemônico. Semprini (1999, p. 43) afirma que o multiculturalismo “[...] lança a problemática do lugar e dos direitos das minorias em relação à maioria”. A partir do entendimento que essas ditas “minorias” estão relacionadas ao lugar de direito, a autora apresenta imensuráveis contribuições de uma luta por igualdade, também defendida por Lopes (2012).

Por conseguinte, os argumentos até então levantados vêm para defender a ideia de que há várias categorias de cultura, em razão da diversidade, a qual é importante valorizá-la, ocupando lugar de destaque nos debates socioculturais contemporâneos. Nesse ínterim, a cultura é uma ferramenta essencial para o reconhecimento da diversidade em sua valorização: “cultura em resumo, deixou de ser parte da solução para ser parte do problema” (EAGLETON, 2011, p. 60-61). Desse modo, o autor propõe que a cultura não está distante da vida cotidiana e, sim, é um dos elementos de maior valor, o que se recorre à extrema necessidade de identificar as diferentes culturas e valorizá-las com o intuito de convivência harmônica. Pode parecer uma declaração utopista, como a busca do paraíso perdido, mas é um caminho que pode ser percorrido.

### 2.1.2 *Paraíso perdido: a aceitação de diferentes culturas*

John Milton foi um poeta e intelectual que viveu no século XVII. Entre suas obras, escreveu o poema épico “Paraíso Perdido”<sup>16</sup>, publicado em dez cantos, em que tem o homem como elemento central da narrativa, destacando a briga entre Deus e o Diabo, resultando por final no homem sendo tentado pelo pecado; após ser enganado pelo Diabo, é expulso do paraíso. Portanto, o poema retrata esse deslocamento e a busca pelo retorno (MILTON, 2018).

Nessa possível busca intermitente pelo paraíso, os autores Aristelson Gomes dos Santos e Olga Maria Castrillon Mendes (2016) retratam em sua análise a investigação por esse local: “não perdem a esperança de encontrar o Paraíso, pois seria um lugar que encontrariam a beleza e a felicidade completas” (SANTOS, MENDES, 2016, p. 1289). Nesse sentido, evidencia que a obra retrata a noção do homem se desvencilhar do paraíso a partir do pecado. A literatura não apresenta neutralidade e persistentemente pode “tocar” em temas espinhosos.

Dessa forma, a partir desse enquadramento metafórico de paraíso perdido, na contemporaneidade, apesar de todo o reconhecimento da diversidade cultural, sendo marca consolidada das sociedades atuais, é levantado o seguinte questionamento: qual será o “pecado” que causa os diferentes ataques racistas e de tentativa de hegemonia cultural em um século caracterizado como pós-moderno? Ou seja, o que provoca essa separação dos indivíduos enquanto seres sociais? A busca pela aceitação de diferentes culturas terá um desfecho vanglorioso? Ou continuará na busca do paraíso perdido?

Chauí (1995, p. 75) realça que as diferenças culturais na sociedade brasileira são discriminadas, sendo uma das estratégias de manter a soberania. Nas palavras da filósofa: “[...] a hierarquizada sociedade brasileira, as diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando obediência”. Portanto, na atualidade persiste a busca pela aceitação como a citada intermitente necessidade do encontro do “paraíso perdido”.

A aceitação das diferentes (categorias) de cultura na contemporaneidade tem se tornado um imbróglia irreduzível, ações foram realizadas, no entanto, deixado de lado a convivência pela diferença:

Um dos grandes desafios para a convivência social é encontrar maneiras de diálogo com o diferente. Por muito tempo se procurou encontrar o que os grupos têm em comum. No entanto, descobriu-se que além de ter algo em

---

<sup>16</sup> Originalmente publicado em 1667 em dez cantos, Brasil uma de suas versões foi publicada pela editora Martin Claret, traduzido por Antônio José Lima Leitão, no ano de 2018.

comum, se faz necessário que a convivência se dê também pela diferença (SILVA, RIBEIRO, 2007, p. 13).

Lopes (2012) complementa a ideia de Clemildo Siva e Mario Ribeiro (2007) ao designar que a saída para o convívio a partir da diferença, somente ocorrerá por meio do diálogo:

No século XXI, a humanidade ainda tem a chance de superar os erros do passado. É com essa preocupação que se propõe não apenas o reconhecimento/respeito do outro, mas a necessidade de promover a interação dialógica entre as diversas culturas, pressuposto do próprio engrandecimento da humanidade (LOPES, 2012, p. 79).

Assim, exemplificamos o convívio e contato com a “diferença”, denominados “diversidade cultural”, manifestada em todo território brasileiro com o samba-enredo da escola de samba São Clemente que, no ano de 2008, levou para a avenida o enredo “Barrados no Baile”. A escola conhecida por seus enredos críticos, cheios de ironia, trouxe um libelo para os discriminados sociais. Conforme a letra do samba-enredo:

Não tem preconceito  
Sou índio, sou negro, sou filho da terra  
Meu canto de guerra é contra a opressão  
Não traio a verdade, eu sou diferente  
Tenho a São Clemente no meu coração  
Respeito o direito à sua opção  
Chega de maus tratos à mulher  
Justiça e trabalho sem distinção  
Assumo os deveres  
E exijo os direitos  
Quero ser tratado como cidadão.

A letra apresenta aspectos de combate às formas de preconceito, direito à opção das pessoas, como também a exigência de “ser tratado como cidadão”. Assim, a melodia faz uma crítica às desigualdades e valoriza a diversidade, o que vem ao encontro da proposta do interculturalismo que é diferente da proposta do multiculturalismo “[...] coloca a questão da diferença” (SEMPRINI, 1999, p. 43). A interculturalidade propõe que às diferentes culturas que convivem no mesmo recorte espacial sejam permitidas a interação cultural.

Partindo da conceituação de interculturalidade, o filósofo cubano-alemão Raúl Fonet Betancourt (2004), compreende-a:

[...] não como uma posição teórica, nem tampouco um diálogo de/e/ou entre culturas [...] no qual as culturas se tomam como entidades espiritualizadas e

fechadas; senão que interculturalidade quer designar, antes, aquela postura ou disposição pela qual o ser humano se capacita para, e se habitua a viver “suas” referências identitárias em relação com os chamados “outros”, quer dizer, compartilhando-as em convivência com eles. Daí que se trata de uma atitude que abre o ser humano e o impulsiona a um processo de reaprendizagem e colocação cultural e contextual. [...] Permite-nos perceber o analfabetismo cultural do qual nos fazemos culpáveis quando cremos que basta uma cultura, a “própria”, para ler e interpretar o mundo (BETANCOURT, 2004, p. 13).

Logo, a interculturalidade consiste em uma proposta de justiça cultural, principalmente para os grupos culturais marginalizados, negados de direitos de participação social, visando à dignidade aos minorizados socialmente (SANTOS, 2020).

Dessa forma, Semprini (2009) evidencia que o interculturalismo propõe a não colocar somente as culturas de igual para a igual, como o multiculturalismo, mas sim promover uma integração entre elas. Assim sendo, Canclini (2013) pontua que as proximidades culturais com a globalização se justificam a partir do processo de novas relocações territoriais: “[...] com isto me refiro a dois processos: a perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais, e, em simultâneo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 2013, p. 281). Tal argumento aproxima-se da perspectiva de que as culturas na atualidade coexistem na mesma configuração espacial e podem interagir entre si, processo esse causado pelas relações socioculturais estabelecidas pelo indivíduo.

O professor Reinaldo Matias Fleuri em sua obra “Intercultura: estudos emergentes” (2001), destaca que os sujeitos interagem uns com os outros socialmente a partir de suas relações culturais, às quais constroem e reconstróem: “a perspectiva intercultural reconhece e assume a multiplicidade de práticas culturais que se encontram e se confrontam na interação entre diferentes sujeitos [...]” (FLEURI, 2001, p. 142).

Sobre essa concepção, Laraia (2009, p. 45) argumenta que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo [...]”. Jean Caune, professor francês, estudioso da área de mediação cultural, no livro “Cultura e comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação” (2014)<sup>17</sup>, considera que a cultura é uma mediação social. Em suas palavras:

A cultura é um acontecimento social, não existe cultura a não ser quando manifestada, transmitida e vivenciada pelo indivíduo. A cultura existe, antes de mais nada, como herança e para compreendê-la devemos analisar os modos

---

<sup>17</sup> O livro foi traduzido por Laan Mendes de Barros.

de transmissão desta, que é o elemento constituinte da cultura (CAUNE, 2014, p. 2).

Ambos os autores (LARAIA, 2009; CAUNE, 2014) concebem a cultura como um produto denotado a partir da herança cultural por meio das transmissões de gerações a gerações. Para Eagleton (2011, p. 160), a cultura ocorre a partir da “transmissão hereditária da cultura dentro de uma cultura”. Por essa variação, existir é o que contribuiu na existência de diferentes categorias de culturas, necessitando a adoção de medidas para que essas tenham seu devido espaço na sociedade.

A noção de interculturalidade como “estratégia” para a aceitação de diferentes categorias de cultura é exposta por Fleuri (2001), que coaduna com a concepção de “cidadania cultural” proposta por Chauí (2008):

[...] cidadania cultural, em que a cultura não se reduz ao supérfluo, entretenimento, aos padrões do mercado, à oficialidade doutrinária (que é ideologia), mas se realiza como direito de todos os cidadãos, direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes possa manifestar-se e ser trabalhada porque no exercício do direito à cultura, os cidadãos, como sujeitos sociais e políticos, se diferenciam, entram em conflito, comunicam e trocam suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras e movem todo o processo cultural (CHAUÍ, 2008, p. 66).

Por conseguinte, os aspectos culturais envolvem diversos segmentos da vida social, nos quais a cultura e a comunicação são responsáveis por essa mediação na hodiernidade (CANCLINI, 2013). Dessa forma, é necessário criar políticas culturais que valorizem a diferenciação cultural, consistida como a essência da interculturalidade. Fleuri (2001, p. 145) destaca uma estratégia para reverter essa problemática: “[...] desenvolver concepções e estratégias educativas para o enfrentamento dos conflitos visando a superação das estruturas socioculturais geradoras de discriminação, de exclusão ou de sujeição entre grupos sociais [...]”.

Uma estratégia para reverter essa discriminação cultural é citada por Lopes (2012), ao afirmar que o primeiro passo seria a tolerância cultural, o que muitas vezes é colocado de lado, constatando o sistema econômico vigente impetrar um modelo cultural “dominante” a partir da midiaticização.

### 2.1.3 *Midiaticização e a pós-modernidade*

A sociedade contemporânea é regida fortemente pelo culto à imagem submersa ao espaço midiaticizado. Para Muniz Sodré (2002), esse novo espaço é subordinado pelas novas

tecnologias, moldado a partir da ótica do mundo virtual que “indica uma dinâmica de realização do real” (SODRÉ, 2002, p. 123), especialmente demarcado pelas redes digitais, alegorias da realidade, acarretando atribuição de novos sentidos sociais.

Não ficando de fora, a cultura também é demarcada por meio desse processo de midiaticização em que é deixado de lado sua perspectiva de representação de costumes de uma determinada comunidade para imperar a transformação em mercadoria: “ocorre a disseminação da cultura veiculada pela mídia e também a comercialização e a transformação da cultura em mercadoria, produção com vistas ao lucro” (KELLNER, 2001, p. 66).

A partir das considerações apresentadas por Douglas Kellner (2001), entendemos que a midiaticização cultural pode perder seu sentido de representação da diversidade e acabar exercendo uma demanda voltada aos interesses do capital. Para Sodré (2002), a veiculação ao consumo a partir da midiaticização se refere à comunicação entre dois pontos, enquanto Caune (2014, p. 1) salienta que “a cultura e a comunicação são constitutivas de toda vida coletiva”.

John B. Thompson, em sua obra “A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia” (2012), indica que os novos meios de comunicação não trouxeram somente mudanças na forma de comunicar-se, foram além, acarretando mudanças nos processos socioculturais nos quais os indivíduos são colocados. Para o autor:

[...] o desenvolvimento de novos meios de comunicação não consiste simplesmente na instituição de novas redes de transmissão de informação entre indivíduos cujas relações sociais básicas permanecem intactas. Mais do que isso, o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação de interação e novos tipos de relacionamentos sociais – formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana (THOMPSON, 2012, p. 119).

Esse exemplo elucidada as mudanças na forma de interpretar a cultura no processo de midiaticização cultural. Para Kellner (2001), dito processo tem sua origem no final dos anos de 1960, a partir das transformações drásticas, como os tumultos sociais, movimentos de contraculturas, intensificados entre a década de 1980 a 1990 a partir de novas tecnologias que substituem empregos fixos e o amplo acesso à informação e à comunicação. Segundo o autor:

[...] embora já existissem formas de “indústria cultural” (descritas por Adorno, na década de 1940) tais como: cinema, rádio, revistas e HQs, propaganda e imprensa, que colonizavam o lazer, ocupando o centro da cultura e da comunicação em países capitalistas, “foi só com o advento da televisão, no pós-guerra, que a mídia se transformou em força dominante da cultura, na civilização, na política e na vida social” (KELLNER, 2001, p. 66).

Portanto, Kellner (2001) justifica que a cultura está estreitamente relacionada à comunicação. Caune (2014) corrobora com o argumento ao afirmar que “[...] a cultura apresentando-se como um conteúdo veiculado pela comunicação” (CAUNE, 2014, p. 8), de modo a atender os interesses do capital, molda os indivíduos como seres consumidores dessa produção. Diante disso, “a midiatização da sociedade oferece a perspectiva de um eticismo vicário ou paralelo, atravessado por injunções da ordem de ‘ter de’ e ‘dever’ e suscetível de configurar uma circularidade de natureza moral, fundamentada pela tecnologia e pelo mercado” (SODRÉ, 2002, p. 50). Já os autores Kellner (2001) e Sodré (2002) apresentam singularidades em suas teorias sobre a midiatiza o cultural atender os interesses do capital, do lucro.

Kellner (2001) explica que a cultura de m dia dominante hoje em dia substituiu a forma de cultura elevada: “[...] a cultura veiculada pela m dia transformou-se numa força dominante de socializa o: suas imagens e celebridades substituem a família como árbitros do gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identifica o e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento” (KELLNER, 2001, p. 27). Do mesmo modo, Sodré (2002) contribui na análise de que as sociedades, na atualidade, procuram o culto pela imagem: “não   tanto o objeto-valor-de-uso que move o desejo de consumir, mas a emo o ou a sensa o vinculada   semiose (marca, desenho, cores) do objeto, ou seja,   imagem como forma de mercadoria acabada” (SODRÉ, 2002, p. 59).

  nesse sentido que Kellner (2001) e Sodré (2002) relacionaram que a midiatiza o cultural impera na instância de mercadoria que movimentar  a partir do lucro. Esse processo, em simultâneo com o pós-fordismo (flexível, se comparado ao fordismo), são elementos de extrema importância no que se refere   acelera o do fluxo de informa es e mudanças que ocorreram a partir dos meados do século XX. Para Stuart Hall (2020)<sup>18</sup>, essa modernidade   tardia, enquanto o sociólogo polonês Zygmunt Bauman chamar  de pós-modernidade (2001)<sup>19</sup>, quando   amplamente destacada a partir da valoriza o da imagem, que não   um fenômeno recente e, sim, datado de início na década de 1930.

A Escola de Frankfurt foi a precursora dos estudos voltados   comunica o e análise cultural a partir de uma perspectiva crítica: “inaugurou os estudos críticos de comunica o e cultura de massa e desenvolveu o primeiro modelo do estudo cultural” (KELLNER, 2001, p.

---

<sup>18</sup> O sociólogo jamaicano Stuart Hall publicou em 1992 a primeira edi o do livro “A identidade cultural na pós-modernidade”. No Brasil, a tradu o foi feita por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. A obra em questão será aprofundada posteriormente no t pico referente   identidade cultural.

<sup>19</sup> Enquanto o sociólogo polonês Zygmunt Bauman publica em 1999 o livro “Modernidade Líquida”, a edi o aqui utilizada   de 2001, de tradu o de Plínio Dentzien, que também será aprofundado no t pico referente   identidade cultural.



42), formulando o conceito de Indústria Cultural a partir da noção de “cultura de massa”. Nessa perspectiva:

O conceito de Indústria Cultural foi desenvolvido na obra *Dialética do Esclarecimento* para tratar das produções que tornam a cultura e a arte objetos mercantis, tendo o intuito de substituir a expressão “cultura de massa”, por esta gerar uma ambiguidade ao insinuar uma compreensão de cultura nascida prontamente nas camadas populares. A Indústria Cultural traz como consequência a degradação da formação dos indivíduos em âmbitos culturais, culminando na ausência de autonomia dos mesmos (KOOP, 2019, p. 129-130).

É nesse sentido que Stefane, Katrini e Koop (2019) apresentam considerações sobre a cultura de massa a ser tratada como um objeto para o mercado, relacionando-se a um modelo de autoritarismo moral que visa “ditar” às regras sociais, como, por exemplo, os padrões culturais impostos a serem seguidos: “[...] plataforma econômico-político-social-cultural, empenhada no governo mínimo, fundamentalismo do mercado, individualismo econômico, autoritarismo moral” (SODRÉ, 2002, p. 14).

Nesses significados, a “cultura de massa” é produzida para o povo, no intuito de movimentar o mercado, a produção, como, por exemplo, *best-sellers* adaptados para o cinema e *streamings*, os quais rendem a venda pela adaptação e os produtos derivados da obra, músicas com letras simples que fazem sucesso instantaneamente, estilos de vida; por outro lado, a cultura popular é produzida pelo próprio povo, por grupos culturais.

Diante disso, Kellner (2001) propõe uma solução a esse imbróglio que desfalece o verdadeiro sentido da cultura apresentado por Sodré (2002) e Koop (2019) ao afirmarem que o ideal seria não usar esses rótulos ideológicos como “massa” e “popular” e falar simplesmente em “cultura e comunica o, desenvolvendo um ‘estudo cultural’ que abranja todo o espectro da média e da cultura” (KELLNER, 2001, p. 52).

Portanto, a proposta dos estudos culturais em vigor   reconhecer os indivíduos como sujeitos culturais a partir de suas singularidades, por meio da interdisciplinaridade que relacione as diferentes culturas a partir do diálogo. De certa forma, essa no o se aproxima do interculturalismo, defendido por autores como Fleuri (2011) e Betancourt (2004).

Sendo assim, compreende-se, dessa maneira, que um dos principais obstáculos para essas inquieta es sobre como integrar diferentes culturas parte por meio do interculturalismo, para que este possa permitir que as mesmas convivam harmonicamente, ou seja, que na sociedade cada comunidade possa expressar sua manifesta o cultural. Sobre essa no o conceitual:

A comunidade se define por fortes ligações afetivas, por um pertencimento dificilmente revogável, pela dedicação dos esforços individuais em benefício da comunidade, bem como por valores comuns. A sociedade, ao contrário, define por interesses individualizados, por contratos revogáveis e, ainda, por ligações afetivas frágeis (CAUNE, 2014, p. 47).

Assim, na sociedade existe a junção de várias comunidades isoladas a partir de suas manifestações culturais, às quais necessitam dessa interação entre as mesmas para poderem conviver harmonicamente, a partir do diálogo e tolerância (LOPES, 2012).

Por ventura, o obstáculo é ocasionado a partir do que impera com a Indústria Cultural, que não vem para valorizar a diversidade cultural e, sim, manter uma padronização cultural midiática para o consumo, deixando de lado o protagonismo dos sujeitos culturais: “a Indústria Cultural traz como consequência a degradação da formação dos indivíduos em âmbitos culturais, culminando na ausência de autonomia dos mesmos” (KOOP, 2019, p. 130).

Essa ausência de autonomia na formação cultural dos indivíduos também é destacada por Chauí (1995) ao descrever que os governos que não têm como primeira pauta os princípios da efetivação da democracia, descomprometidos, ou até mesmo autoritários, ignorando a cultura como um bem público ou o direito à cidadania cultural.

Essa concepção ideológica da cultura também é retratada por Eagleton (2011): “mas cultura também é uma questão de seguir regras, e isso também envolve uma interação entre o regulado e não regulado” (EAGLETON, 2011, p. 13). No que lhe concerne, Caune (2014, p. 84-85) salienta que uma das facetas da cultura é funcionar como uma tela: “[...] uma barreira invisível que organiza, modela e orienta o pensamento e os comportamentos”.

Sobre a cultura de massa produzida no intuito de lucrar, tem-se uma experiência que “vende a satisfação manipulada, tornando o próprio divertimento um meio para que os indivíduos se sintam representados” (KOOP, 2019, p. 137). Sodré (2002, p. 50) compatibiliza com Koop (2019): “o consumo e moralidade passam a equivaler-se”. Assim dizendo, a moral social contemporânea seria regida pelo consumo.

Nesse entendimento, a cultura de mídia infelizmente não auxilia na formação sociocultural dos sujeitos, muito pelo contrário, denota um modelo pronto a ser seguido. Não que a mesma não apresente sua importância, é um acesso cultural amplamente divulgado, apresenta sua efetividade, responsável ao acesso de muitas pessoas na cidadania cultural (CHAUÍ, 1995).

Diante disso, uma das principais críticas à cultura do ponto de vista mercadológico da sociedade do consumo é destacada na concepção de Koop (2019):

A sociedade do consumo é caracterizada pela busca desesperada por satisfazer suas necessidades e desejos através da compra de bens de consumo material, colocados como uma tábua de salvação, responsáveis por resolver todos os problemas e levar por meio da compra ao bem-estar. Pode-se considerar que a cultura de modo geral é marcada, nos séculos XX e XXI, pelo consumo, fato decorrente da Revolução Industrial e da Revolução Tecnológica, que acarretaram a produção em série de fácil acesso em todas as áreas da sociedade. O consumismo se estendeu à arte e, como em todos os outros campos, tornou seu alcance universal (KOOP, 2019, p. 131-132).

Portanto, a era midiática da visibilidade da imagem ligada aos meios de comunicação, que conseqüentemente afeta os padrões culturais, é fruto de uma construção histórica, na qual a cultura perde o seu sentido mais maciço de representação dos hábitos, costumes e relações sociais, passando a ter um sentido mais efêmero, para atender o mercado, contribuindo para possíveis alienações sociais (KOOP, 2019).

Visto que a cultura produzida a partir da indústria cultural para as massas está ao apostado do fenômeno da hibridação cultural, Canclini (2013) explica que a partir da globalização diluiu-se as fronteiras do que é demarcado como cultura popular e erudita, ou seja, no momento em que há mais modelos culturais em vigência, a mídia imporá padrões.

A sociedade de consumo interfere da mesma forma que as mercadorias. Os modelos culturais existentes fazem com que os indivíduos também sejam descartáveis; melhor dizendo, caso não atenda às perspectivas que a comunidade espera, passaria a não ter valor e, assim, seria deixado em segundo plano, acarretando mudanças nas construções socioculturais da identidade cultural dos sujeitos.

## **2.2 Identidade cultural na contemporaneidade: uma abordagem interdisciplinar**

A identidade cultural é outro termo que está em evidência na sociedade contemporânea por se apresentar como objeto de investigação aos cientistas sociais, bem como ao campo da cultura, por isso circunscreve com um grau de importância aos estudos das Humanidades. Dessa forma, podemos compreender que a identidade cultural e a cultura caminham lado a lado, apresentam relações e não podem ser interpretadas como fenômenos distintos.

Diante disso, nas últimas décadas denotam-se uma forte onda de movimentos sociais, essencialmente dos grupos ditos “minorizados”, como, por exemplo: negros, feministas, homossexuais, indígenas, que buscam reivindicar os direitos sociais e políticos negados historicamente. O que se percebe em comum entre esses grupos é a busca proeminente da

afirmação de suas identidades culturais: “a guerra por justiça social foi, portanto, reduzida a um excesso de batalhas por reconhecimento” (BAUMAN, 2005, p. 43). Douglas Kellner corrobora com Bauman (2005) ao destacar que “os discursos em torno de raça, classe, etnias, preferências sexuais e nacionalidades desafiaram os discursos teóricos a explicar fenômenos antes ignorados ou subestimados” (KELLNER, 2001, p. 35).

Esse debate relacionado às identidades é recente. Os autores Osmar Veronese e Rosângela Angelin tencionam que “até pouco tempo, os debates identitários estavam relacionados somente a questões de nacionalidade” (VERONESE, ANGELIN, 2020, p. 295). Bauman (2005) denota que a identidade pode ser interpretada como uma “faca de dois gumes”, estando atrelada à luta pelos direitos de “ser e pertencer” à sociedade. Para o autor:

A identidade é um grito de guerra usado em uma luta defensiva: (...) um grupo menor (e por isso mais fraco) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora). (...) A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado (BAUMAN, 2005, p. 83-84).

Esse movimento tornou-se objeto de estudo de diversas áreas, como as da Sociologia, Antropologia, História, Geografia entre outras que demandam debates das causas relacionadas às Humanidades. Antes de analisar o conceito de identidade cultural, é necessário realizar algumas reflexões sobre a sua conceituação e aplicabilidade aos Estudos Culturais e Sociais. Para pensar sobre o conceito de identidade, um exemplo é uma pergunta do cotidiano: “quem é você”?

Dessa forma, Maria da Graça Corrêa Jacques, no livro “Psicologia social contemporânea” (1998)<sup>20</sup>, pondera que a identidade é analisada em diferentes períodos históricos: “a importância conferida ao estudo da identidade foi variável ao longo da trajetória do conhecimento humano, acompanhando a relevância atribuída à individualidade e às expressões do eu nos diferentes períodos históricos” (JACQUES, 1998, p. 159).

Por sua vez, o filósofo Martin Heidegger, em seu livro “Identidade e diferença” (2018)<sup>21</sup>, formula algumas ponderações do conceito de identidade a partir da corrente filosófica. Para o autor, o princípio da identidade está relacionado ao de igualdade:

---

<sup>20</sup> A obra é uma coletânea de vários trabalhos sobre a temática, em que Jacques (1998) escreveu um capítulo para abordar sobre a identidade.

<sup>21</sup> Publicado originalmente no ano de 1957. A edição de 2018 utilizada nessa análise é traduzida por Ernildo Stein, publicada pela editora Vozes.

O princípio da identidade soa, conforme uma fórmula corrente:  $A = A$ . O que diz a fórmula  $A = A$ , em que ordinariamente se apresenta o princípio da identidade? A fórmula designa a igualdade de A e A. De uma equação fazem parte ao menos dois elementos. Um A se assemelha a um outro. A fórmula  $A = A$  fala de uma igualdade. Ela não nomeia A como o mesmo. A é A, quer dizer, cada A é ele mesmo o mesmo (HEIDEGGER, 2018, p. 8).

As contribuições da Filosofia propõem que a identidade pode ser caracterizada como sendo a essência de um povo, ou seja, referindo-se à proximidade com os sujeitos, sendo a unidade mínima da existência a partir da caracterização de “quem são eles”. O que Heidegger (2018) propõe é que cada sujeito é único, como a representação dos “A”. destarte, podemos compreender que a identidade é relacionada ao “ser”, que só poderá ser entendida por meio das diferenças. Em simultâneo, os sujeitos se encontram em traços que os unem a características que são semelhantes.

De acordo com Hall (2020, p. 14), traços das sociedades contemporâneas são os princípios das diferenças: “[...] são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições do sujeito’ – isto é, identidades, para os indivíduos”. Nessa concepção, entendemos que, em razão das diferenças, seria possível produzir gamas de identidades diferentes.

Nas diferenças existentes entre as identidades múltiplas cabem considerar suas variações em que: “o emprego popular de tal termo apresenta-se marcado por uma intensa diversidade conceptual, sugerindo que a ostentação de um nome tão definitivo, continua sujeito a inúmeras variações” (JACQUES, 1998, p. 159). Referente a essas variações, Hall (2020) reflete que as identidades até a modernidade eram tidas como fixadas e imutáveis, de modo que, com a pós-modernidade ocorreu uma ruptura dessa lógica, a partir do descentramento do sujeito e a partir das múltiplas identidades que pode aderir em simultâneo.

Bauman (2005) corrobora com Hall (2020) ao considerar que:

Tornando-nos conscientes de que o “pertencimento” e “a identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões do próprio indivíduo tomam, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para “o pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 35).

Assim sendo, Bauman (2005) e Hall (2020) ao considerarem que na atualidade, haja vista o processo da globalização ter encurtado as fronteiras geográficas e aproximado pessoas de diferentes localidades do mundo, foi permitido o estreitamento das fronteiras físicas, na qual

as pessoas conectam-se a partir de laços culturais criados como novos padrões de identidade, a partir das mudanças. E referente às identidades serem bastante revogáveis, é uma visão do campo da Sociologia, que afirma que as identidades são construídas socialmente e podem ser alteradas ao decorrer do percurso da vida: “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos [...]” (HALL, 2020, p. 12).

Desse modo, há uma busca intermitente dos sujeitos em se encontrar em padrões de identidade cultural, sendo que a mesma perde gradativamente sua solidez: “as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a quem pedir acesso” (BAUMAN, 2005, p. 30).

Na busca pela conceituação do termo identidade, Jacques (1998, p. 138) destaca que a identidade é referente à “[...] representação e conceito de si; em geral, referem-se a conteúdos como conjunto de traços, de imagens, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele próprio” (JACQUES, 1998, p. 138). Essa definição aproxima-se com o pensamento de Heidegger ao destacar que a identidade é constituída a partir do contato com o outro, em que será reconhecido as múltiplas identidades.

De outra forma, Hall (2020) realça que as identidades estarão relacionadas a essa construção recorrente por não estarem completas, não serem fixas, sofrerem mutações e demarcarem-se em um trânsito de mudanças. Para o autor:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2020, p. 24).

Já Bauman (2005) destaca que as identidades flutuam ao redor das pessoas, seja por escolhas próprias, ou, ações causadas devido ao convívio social:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento e o resultado na negociação permanece eternamente pendente (BAUMAN 2005, p. 19).

As posições de Bauman (2005) e Hall (2020) sobre a identidade ser fruto da experiência humana e flutuar ao passar do tempo, sofrendo modificações em razão de fatores externos, relacionam-se com a opinião de Veronese e Angelin (2020, p. 295) sobre a identidade: “pode-

se conceituar identidade como sendo aquilo que a pessoa é, tendo como referência a si própria, o que a torna autocontida e autossuficiente”.

Em tal perspectiva, Jacques (1998) considera não ser fácil a definição do termo identidade em que está carrega sentidos distintos, como observado na área da Filosofia por Heidegger (2018) e Sociologia por Bauman (2005). Para Jacques (1998), “o tema identidade não é um tema de fácil compreensão ou de resposta simples. Que o digam os autores que têm se dedicado ao seu estudo nos mais diferentes campos do conhecimento. A nossa experiência cotidiana também confirma esta afirmação” (JACQUES, 1998, p. 142). Destarte, os autores Veronese e Angelin (2020, p. 295) corroboram com esse pensamento que “definir identidade é uma atividade complexa”.

Bauman (2005, p. 83) coaduna com Jacques (1998) ao afirmar que “a identidade – sejamos claro sobre isso – é um ‘conceito altamente contestado’. Sempre que ouvir essa palavra, pode-se estar certo que está havendo uma batalha”. Seja pela definição do conceito, ou por ser objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, ao analisarem a identidade, colocam versões distintas sobre si. Devemos destacar que o conceito de identidade cultural sempre existiu, desde os tempos mais remotos os homens organizavam-se em agrupamentos sociais, compartilhando informações de identificação entre seus membros; no entanto, os debates mais recentes sobre o conceito têm contribuições de áreas como a Sociologia, Antropologia, Filosofia, Psicologia, entre outras.

O termo está intimamente correlacionado com a cultura que cada indivíduo é inserido, acarretando na diversidade cultural, a partir de diferentes identidades culturais existentes que denotam tradições, crenças, preferências, etc. Nesse sentido, é essencial o estudo das diferentes identidades culturais, a fim de compreender suas particularidades e suas unidades que se relacionam com outras identidades. Esse estudo deverá ocorrer interdisciplinarmente, o qual contribuirá em intervenções que permitirão a convivência harmônica entre culturas.

No entanto, há alguns desafios a serem superados, como tencionam os autores Veronese e Angelin (2020, p. 309): “garantir a diversidade de identidades e respeitar as diferenças é um processo complexo, principalmente se considerada a tendência da maioria dos grupos sociais de colonizar o outro, bem como a do Estado, de homogeneizar o tratamento cultural”. O que os autores destacam é que ocorre a visão dita de haver padrões culturais superiores e o Estado não assentir as singularidades de seu povo. Portanto, é essencial reconhecer a identidade cultural do povo brasileiro.

### 2.2.1 *Identidade cultural: gerações baby boomers, X, Y e Z no Brasil*

No intuito de iniciar essa discussão, é necessário evidenciar alguns elementos notórios ao tratar da identidade cultural do povo brasileiro. Inicialmente destacam-se alguns dados geográficos: o território brasileiro é localizado no continente sul-americano, apresentando uma área de 8.514.876 km<sup>2</sup>, sendo a quinta maior extensão territorial do planeta, atrás dos países Rússia, Canadá, Estados Unidos e China.

Ao contrário deles, o território brasileiro quase não apresenta áreas inóspitas, ou seja, áreas onde o povoamento é impossível ou muito difícil de ser realizado. Nesse sentido, o país de extensão continental, ao longo de todo seu território delimitado pelos pontos extremos (Ponta do Seixas – E; nascente do Rio Moa – W; Monte Caburaí – N; Arroio Chuí – S), apresenta uma diversidade de elementos naturais, como a vegetação; relevo; clima; hidrografia e pedologia, etc. Não se restringindo à parte natural, o país também apresenta uma extensa diversidade cultural.

Composto por 26 estados e mais o Distrito Federal (onde fica localizado a capital do país, estrategicamente na centralidade do país), delimita-se que o país não seja um país homogêneo e sim heterogêneo. Portanto, num país com 212,6 milhões de habitantes (IBGE, 2020) vivendo e circulando por diferentes espaços, de diferentes lugares, faz com que uma das principais marcas do Brasil seja a diversidade cultural.

Hall (2020, p. 29) pontua que essa diversidade cultural é essencial na formação das identidades culturais: “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. Essa pluralidade permite a existência de diferentes identidades culturais, devido ser fruto de uma construção social, um fenômeno construído acerca da existência humana e experiências de vida, pluralidade que permite a ampliação a outros universos. A identidade cultural é relacionada à identificação dos sujeitos em uma cultura.

No Brasil, desde os primórdios das invasões no século XVI, até a atualidade (2022), os principais povos que constituíram a cultura brasileira foram: os portugueses que usurparam o território, os africanos escravizados e os indígenas, sendo os povos originários desta terra, resultante a diversificação dos grupos étnicos, além das raízes demarcadas por imigrantes que divergem entre si e constitui-se uma sociedade singular.

Aldo Vannucchi, educador e professor de Filosofia, complementa Ribeiro (2002) ao destacar que: “a conjunção dos três elementos – indígena, africano e europeu – possibilitou um



novo tecido cultural, e vem sendo diferenciado pelas influências do meio [...]” (VANNUCCHI, 2006, p. 13).

O Brasil apresenta cinco regiões<sup>22</sup> (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste), cada uma desenvolveu sua cultura, a ser analisada de maneira micro (considerando elementos regionalistas) e de forma macro (tomando a cultura em diversos aspectos que compõem uma ampla cultura brasileira). Alguns estereótipos tornaram-se simplificados como o “Brasil ser um país do futebol, da novela e do samba”; no entanto, apesar desses elementos serem primordiais, não podem ser considerados como os únicos elementos da diversidade cultural brasileira, e sim sua diversidade a partir dos estudos do regionalismo.

O regionalismo advém do conceito de região. Esse termo é relacionado a uma das categorias de análise da Ciência Geográfica, que para Claval (2007) considera fatores físicos na sua classificação; no entanto, na busca da Geografia Humana elenca-se outra determinante a classificar a região: a cultura.

Pierre Bourdieu, sociólogo francês, explica que a região é um conceito utilizado em diversas áreas do conhecimento:

[...] a região é o que está em jogo como objeto de lutas entre os cientistas, não só geógrafos, é claro, que, por terem que ver com o espaço, aspiram ao monopólio da definição legítima, mas também historiadores, etnólogos e, sobretudo desde que existe uma política de “regionalização” e movimentos “regionalistas”, economistas e sociólogos (BOURDIEU, 1989, p. 118).

Portanto, nas diferentes áreas do conhecimento, as constituintes físicas do espaço são deixadas em segundo plano, com exceção da Ciência Geográfica, sendo que as relações humanas são colocadas como prismas centrais da análise regional. Claval (2007, p. 6) explica que na análise da região a observação é essencial, a qual pode variar desde “do olhar daquele que passeia à vista vertical do aeronauta”. Dessa maneira, a cultura nacional brasileira não pode ser considerada somente com o “samba, novela e futebol”, é necessário observar as variações regionais culturais.

De acordo com Hall (2020), a cultura nacional busca a unificação de seus membros para representá-los em uma grande família. Nas palavras do autor:

Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca

---

<sup>22</sup> A regionalização oficial do país é datada de 1970 e sofreu adaptações em 1990 pela Constituição Federal do Brasil de 1988. Nesse sentido, a regionalização proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) considera semelhanças físicas, humanas, culturais e econômicas.

unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural? Essa ideia está sujeita à dúvida, por várias razões. Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural (HALL, 2020, p. 35).

Nesse entendimento de estruturas de poder, Bourdieu (1989) relaciona que o poder simbólico é expresso a partir de uma fórmula “quase mágica” que permite obter aquilo que a força econômica e física consegue. Nesse sentido, o poder cultural expressa a força da dominação cultural de determinados interesses do capital, enquanto Vannucchi (2006) destaca essa influência do poder cultural exercido no Brasil, ao realizar algumas ponderações de que o brasileiro “comum” não é considerado culto, em razão de não seguir um padrão cultural estabelecido através da influência da cultura portuguesa. Dessa forma, recaímos na antiga luta entre a “cultura de massa e clássica”. Portanto, uma maneira de reverberar esse elitismo cultural é colocar ao centro a diferença em que as múltiplas identidades culturais em decorrência de diferentes padrões culturais possam ser valorizadas.

Heidegger (2018) tenciona que quando os sujeitos mantêm contato com outros indivíduos são interpelados pelo princípio da identidade e da diferença, ou seja, uma solução para unificar a cultura nacional do país seria reconhecer as múltiplas identidades culturais, logo colocar a “diferença” como elemento central para refestelar a cultura brasileira. Bourdieu (1989) explica que o discurso regionalista contribui na constituição da identidade cultural, nesse caso seria construída a partir da diferença.

Portanto, outro elemento que influencia na identidade cultural é o contexto no qual os indivíduos de uma determinada cultura nasceram e se formaram. Logo, o conceito de geração expressa essa logística. Ferreira (1999) explica que no dicionário Aurélio há várias definições sobre o conceito de gerações. De maneira inicial, destacamos que a geração é o conjunto de indivíduos nascidos na mesma época, onde o espaço temporal varia de aproximadamente 25 anos, “baseada em uma temporalidade concreta, constituída de acontecimentos e experiências compartilhadas” (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 188).

Zaninelli, Caldeira e Souza (2022) apontam que esse termo não é somente restrito ao nascimento e recorte temporal, não há um consenso definindo com exatidão sobre a data que termina uma geração e inicia-se outra ou uma “medição do tempo médio necessário para que uma geração seja substituída – na vida pública – por uma nova” (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 187). Diante disso, consideramos que é essencialmente a influência de fatores

socioeconômicos e históricos, absorvendo também os elementos sociais. Nessa lógica, o conceito de geração estará relacionado aos temas sociológicos, sobre as vivências de situações cotidianas no mesmo espaço e tempo.

Os autores Feixa e Leccardi (2010) destacam que a identidade e geração cruzam-se no percurso por meio do entrelaçamento entre a história pessoal e social dos indivíduos, as quais dividem o mesmo espaço geográfico: “[...] que tem uma vivência parecida, que participa dos acontecimentos significativos e situações cotidianas, em um mesmo espaço de tempo” (ZANINELLI; CALDEIRA; SOUZA, 2022, p. 6).

Diante disso, Feixa e Leccardi (2010, p. 191) complementam o pensamento ao destacar que “geração é o lugar em que dois tempos diferentes – o do curso da vida, e o da experiência histórica – são sincronizados. O tempo biográfico e o tempo histórico fundem-se e transformam-se criando desse modo uma geração social”. Nesse sentido, os principais grupos geracionais que compartilham características e vivenciaram fatores históricos podem ser delimitados: gerações *baby boomers*, X, Y, Z e Alpha.

Assim sendo, compreende por *baby boomers* os nascidos entre os anos 1946 a 1964, atualmente (2022) têm entre 58 a 76 anos, nascerem em um período conhecido como “os anos dourados”. Essa geração é caracterizada por ter a maior atuação na luta contra o regime militar instaurado no Brasil (1964-1985), portanto, designam-se como uma geração atuante contra a repressão à liberdade, em que acompanharam a Guerra do Vietnã, a explosão do *rock and roll* e o surgimento da TV em cores, caracterizando-se por “força de trabalho e dedicação”.

Por sua vez, a geração X é denotada pelos nascidos entre 1965 e 1980, possuem de 42 a 57 anos na atualidade, vivenciaram o golpe militar de 1964, Neil Armstrong pisar na lua e o surgimento do computador pessoal, da internet, do celular e do *e-mail*, ou seja, os primeiros passos tecnológicos deram-se por meio dessa geração, que vivenciou um período de ascensão social. Seu lema é “força, foco e aposentadoria”.

Por outro lado, a geração Y (ou *Millennials*) é referente às pessoas nascidas entre 1981 e 1998 que possuem entre 26 a 41 anos, vivenciaram o período de tensão do final da Guerra Fria, tendo como eventos históricos o acidente nuclear em Chernobyl (1986), a derrubada do Muro de Berlim e a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1989 e a popularização da internet.

Já a geração Z (ou *Centennials*) corresponde aos nascidos entre 1999 a 2012, hoje possuem entre 10 a 23 anos, nasceram no apogeu da tecnologia digital, o qual acarreta antes de saber ler e escrever, saber “deslizar” uma tela, estando acostumados com o amplo acesso às formas de comunicação, estão à vontade com a tecnologia e a utilizam para socialização,

essencialmente as mídias digitais, como, por exemplo, as redes sociais. Para Zaninelli, Caldeira; Souza (2022)

As redes sociais certamente têm um significado importante para a geração Z como um meio de exploração. Com amigos virtuais, trabalho remoto e consumo online não existe mais fronteira geográfica, na medida que a hiperconexão e o aumento das redes sociais digitais permitem a exposição e a transmissão da vida em tempo real no mundo digital [...] (ZANINELLI, CALDEIRA; SOUZA, 2022, p. 12).

Nesse sentido, entendemos que a formação da identidade cultural do povo brasileiro vem se constituindo desde os primórdios de habitação, conforme indicado por vestígios pré-históricos, além daqueles que influenciaram antes mesmos do surgimento de cada geração, a qual os fatores da diversidade étnica marcaram, conseqüentemente, cultural e de identidade.

Desse modo, a construção do senso de pertencimento das diferentes identidades, necessita atentar-se à construção histórica do território brasileiro, ao afirmar que o Brasil é constituído de culturas indígenas, europeias e africanas, acrescentam na concretização da cultura brasileira ser marcada pela diversidade (RIBEIRO, 2002). Isto é:

Por vias se plasmaram historicamente diversos modos rústicos de ser dos brasileiros, que permitiam distingui-los, hoje, como sertanejos do Nordeste, caboclos da Amazônia, crioulos do litoral, caipiras do Sudeste e Centro do país, gaúchos das campanhas sulinas, além de ítalo-brasileiros, teuto-brasileiros, nipo-brasileiros etc. Todos eles muito mais marcados pelo que têm de comum como brasileiros, do que pelas diferenças devidas a adaptações regionais ou funcionais, ou de miscigenação e aculturação que emprestam fisionomia própria a uma ou outra parcela da população (RIBEIRO, 2002, p. 21).

Hall (2020) pontua que a unificação da identidade cultural nacional traz elementos importantíssimos para sua consolidação, no entanto, na particularidade de o Brasil apresentar-se em dimensões continentais, necessita-se atentar-se às dimensões culturais regionais para assim, então, caracterizar a identidade cultural do povo brasileiro a partir da diversidade. Um elemento que permite um amplo espaço às manifestações culturais na atualidade se dá pela ascensão das redes sociais, muito consumida pela geração Z, que será objeto de investigação neste estudo.

### 2.2.2 A ascensão das redes sociais

É inevitável que as mudanças tecnológicas impulsionaram novas formas de comunicação e construção de relações sociais, permitindo que não seja necessário estar no mesmo espaço físico que outros indivíduos para se comunicar. Raquel Recuero (2012, p. 207), doutora em Comunicação, explica que essa forma de comunicação, considerada a representação, “[...] ao invés de acesso a um indivíduo, tem-se acesso a uma representação dele”, que acarreta fenômenos como os presenciais, de modo que “[...] os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (HALL, 2020, p. 40).

O geógrafo Henrique Caetano Vian explica que os meios que ocasionaram novas ressignificações às relações sociais no mundo globalizado ocorrem a partir das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs). Conforme o autor:

[...] devemos atentarmo-nos às novas relações possibilitadas por intermédio das TICs. Os canais de informação tradicionais (como o rádio e a televisão) hoje não competem mais somente com o que criam, informam e disseminam, mas, também, com o que é criado e disseminado por indivíduos remotos em outros meios de comunicação como os computadores pessoais e, mais recentemente, os smartphones (VIAN, 2021, p. 6).

Por sua parte, o antropólogo Jonatas Dornelles (2004) corrobora com Hall (2020) ao destacar que a internet nessas novas TICs proporciona a comunicação em escala mundial:

O meio de comunicação propiciado pela Internet possibilita a comunicação em escala mundial. A partir da rede são colocados à disposição canais de comunicação entre diferentes partes do globo terrestre. A partir dela os indivíduos podem compartilhar informações (na forma de imagem, voz ou dados) em fração de segundos, mesmo situados em continentes diferentes. Esse panorama faz pensar que essa tecnologia corrobora a integração mundial, que é pregada pelo modelo de globalização iniciado no século XX e resultante dos avanços do capitalismo (DORNELLES, 2004, p. 245).

Essa é uma evidência da globalização, com seu início com as chamadas grandes navegações no século XVI e que acaba tomando proporções globais a partir do final da década de 1990 e início dos anos 2000, permitindo a troca de informações e experiências entre pessoas em diferentes localizações do globo. Dessa maneira, essa eventualidade causa impactos diretos na construção das identidades culturais, que articula o local e o global: “[...] assim, ao invés de pensar no global como substituindo o local, seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o ‘global’ e o ‘local’” (HALL, 2020, p. 45).

Diante disso, Dornelles (2004) aponta que no panorama atual, cada vez fica mais difícil participar do mundo sem a internet, em decorrência da automatização de muitos sistemas e de serem atualmente condicionados ao uso da internet. Bauman (2005) explica que parte considerável dessas transformações ocorrerá da forma que a vida social está cercada pelo mercado globalizado que procura a consolidação imediata de imagens, produtos, estilos, modas, sonhos e desejos rotulados como “que toda pessoa necessita” a partir da intensificação dos sistemas comunicacionais e a partir das redes sociais que criam conexões entre os indivíduos. Nesse viés Recuero (2012) destaca que:

As conexões entre os indivíduos não são apenas laços sociais constituídos de relações sociais. No meio digital, as conexões entre os atores são marcadas pelas ferramentas que proporcionam a emergência dessas representações. As conexões são estabelecidas através dessas ferramentas e mantidas por elas (RECUERO, 2012, p. 2).

É nesse sentido que Kellner (2001, p. 28) corrobora com Recuero (2012) ao destacar que “[...] os novos indivíduos pós-modernos, como se afirmar, terão de aprender a conviver com uma imensa fragmentação e proliferação de imagens, informações e tecnologias novas, que precisarão processar”. Para Vian (2021, p. 24), “o bombardeamento de imagens e formas de representação, possibilitado pelos avanços tecnológicos, tem afetado nossas percepções de mundo e modo com ele nos relacionamos”.

De acordo com um estudo divulgado pelo Cupom Válido, a partir da coleta de dados das plataformas Hootsuite e WeAreSocial, o Brasil é o terceiro país no mundo que usa redes sociais, ficando atrás somente das Filipinas e Colômbia (GRANDCHAMP, 2021). Segundo o estudo, os brasileiros que usam as redes sociais correspondem a cerca de 150 milhões de usuários, representando 70,3% da população. Os usuários ficam conectados em média 3h e 42 minutos por dia nas redes.

Sendo as mais utilizadas o YouTube, com 96,4%, em seguida o WhatsApp (91,7%), Facebook (89,8%) e Instagram (86,3%). Os recém-criados TikTok e Telegram aparecem mais abaixo, com 47,9% e 29,4%, respectivamente. Tais redes podem ser interpretadas como pontos de informações e comunicação: “um dos efeitos mais relevantes do surgimento dessas redes sociais no espaço *online* é, justamente, aquele da difusão de informações [...] por ações de cada nó na rede que repassará determinadas informações a suas conexões” (RECUERO, 2012, p. 5).

Destacamos em 2021 que o TikTok bateu a incrível marca de 1 bilhão de usuários ativos por mês, correspondendo a cerca de 14% da população mundial. O aplicativo vale mais de 250

bilhões de dólares, tendo o Brasil como mercado estratégico e tornando-se um espaço virtual que chama a atenção de diversos segmentos (FORBES TECH, 2021).

A maioria dessas redes sociais destacadas são utilizadas geralmente por aparelhos móveis, visto que “os smartphones se diferem por suas características de facilitação e praticidade: o tamanho (cabe em um bolso), mobilidade (pode ser transportado para qualquer lugar, sem pesar mais do que 200 gramas) e o acesso quase instantâneo [...]” (VIAN, 2021, p. 10).

Desse modo, tem crescido o número de plataformas de sociabilidade virtual em que os indivíduos se relacionam virtualmente. Nesse seguimento, Dornelles (2004) explica que a interação virtual é da mesma forma que oralmente, o que diferencia é a transferência do espaço físico para o virtual:

A sincronia é a mesma da comunicação oral, com curto espaço de tempo na troca de mensagens. Enquanto o emissor envia a mensagem o receptor já a está decodificando, com uma diferença de tempo de segundos. Existe um presente compartilhado. Em sincronia uma pessoa testemunha a presença da outra no seu mesmo tempo. [...] Entretanto, nesse caso o espaço que rodeia uma pessoa não é o mesmo que rodeia a outra. O que há de igual é a tela do computador por onde se visualiza o ciberespaço. O ciberespaço é composto por certas características que o elevam de simples meio de comunicação à espaço compartilhado (DORNELLES, 2004, p. 259).

Para Vian (2021), o ciberespaço é analisado na conjuntura da ciência geográfica, desse modo o autor complementa as ideias de Dornelles (2004) ao apresentar que o mesmo possibilita as relações no circuito material e imaterial. Diante disso, Vian (2021) destaca que:

O ciberespaço, enquanto produto de uma conjuntura espaço-temporal (e, portanto, geográfica), demonstra-se como um instrumento imaterial, de caráter fundamental para o suporte de novas relações necessárias à reprodução expandida do capital. Sendo, deste modo, um produto do espaço material, contribui como mediador (e potencializador) de relações que atuam sobre o espaço que o gerou, reelaborando e (re)produzindo uma nova materialidade em permanente reinserção nesse circuito Material-Imaterial-Material’ (VIAN, 2021, p. 4).

No ciberespaço, as redes sociais consistem em meios de comunicação: “redes sociais na Internet, portanto, são meios de comunicação emergentes, capazes de difundir informações em uma escala global” (RECUERO, 2012, p. 12). Pelo que os indivíduos buscam integrar-se em comunidades para pertencerem, ou seja, não há mais a necessidade dos espaços físicos. Nesses novos circuitos de relações sociais, Vian (2021, p. 20) complementa Recuero (2012) ao destacar

que “a noção de coletividade proporcionada pelas novas tecnologias mobiliza as relações sociais existentes e potencializa a expansão dos grupos em rede”.

Essas novas relações sociais estabelecidas a partir dos ambientes virtuais são desenvolvidas pelo aprendizado, passível de ser utilizado por qualquer geração é nesta direção que Dornelles (2004) destaca:

A familiarização com as máquinas, incluindo aí televisão, telefone e computador, faz com que seja algo natural conviver em ambientes virtuais. Existe uma base, tanto tecnológica quanto cultural, que suporta o cultivo da sociabilidade em ambientes virtuais. Há cerca de cinco anos esse fenômeno ainda causava certo estranhamento. De lá para cá cada vez mais ele tornou-se banal, comum, diário e cotidiano. Essa absorção é mais evidente entre as gerações jovens e de classe média. Nelas a prática da sociabilidade virtual mistura-se à vida cotidiana (DORNELLES, 2004, p. 261).

Nesse sentido, a partir dos números expressivos de usuários de redes sociais no Brasil, podemos entender que as mesmas possuem uma força centrípeta em relação à organização social dos indivíduos em comunidade. Portanto, esse ciberespaço proporcionou novos rearranjos à construção da identidade cultural dos seus usuários. Um exemplo é perceptível com a integração de indivíduos em comunidades em pontos distantes do globo.

Para Vian (2021, p. 19), “as redes virtuais contribuem para uma profunda modificação das formas de percepção e compreensão”. Na concepção do autor, em decorrência das redes sociais nos espaços virtuais, modificou-se a maneira de perceber as transformações sociais. Nesses espaços, é possível realizar inúmeros desdobramentos relacionados à cultura e à identidade cultural.

Diante disso, podemos interpretar como um espaço de lutas e resistências culturais, nas quais os grupos culturais minorizados podem expressar sua identidade cultural. Dessa forma, a cultura de grupos de determinadas comunidades locais ganharia notoriedade globalmente, o que é propósito da articulação entre o local e o global. Para Hall (2020).

Em certa medida, o que está sendo discutido é a tensão entre o “global” e o “local” na transformação das identidades. As identidades nacionais, como vimos, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento (HALL, 2020, p. 44).

Sendo assim, as redes sociais que tiveram sua ascensão nas últimas décadas destacam-se como um espaço virtual que permite a integração entre as diferentes culturas, o que



contribuiu ao hibridismo cultural (CANCLINI, 2013), em que essas diferentes culturas abrangem aspectos culturais, políticos e econômicos próximos entre si.

Devemos destacar que, assim, as redes sociais são uma via de mão dupla, da mesma forma que pode ser o local de preconceito e elitismo cultural, também pode ser apropriada como um espaço democrático em que permita a integração, para justiça cultural (BETANCOURT, 2004). Desse modo, entre as diferentes alternativas que as redes sociais oferecem, elenca-se sua potencialidade de ser um espaço de integração entre diferentes culturas para promover a sua valorização.

A partir dessa visão, as redes sociais podem apresentar uma efetividade no território brasileiro, utilizadas por sujeitos de diferentes gerações, acrescentando formas de entender padrões de identidades culturais, como no caso da juventude residente no campo, e a qual a partir das TICs e, especialmente da globalização, não se encontram isoladas do mundo urbano e agora está totalmente integrada por meios eletrônicos, transpassando as barreiras estabelecidas pelas possíveis distinções entre campo e cidade.

Nesse sentido, como visto anteriormente, o conceito de cultura apresenta-se de maneira interdisciplinar, sendo regido a partir das transformações no espaço e tempo, de modo que os processos socioculturais influenciam em sua essência, como, por exemplo, os sujeitos residentes no Campo tiverem suas identidades culturais modificadas ao passar das épocas.

Na próxima seção intitulada “cultura e identidade cultural dos povos do campo”, buscamos tecer reflexões sobre a temática cultura e identidade cultural voltada aos estudantes do meio rural.

### 3 CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL DOS POVOS DO CAMPO

Esta seção tem como objetivo estabelecer diálogos interdisciplinares a partir da temática cultura e identidade cultural, voltada aos estudantes do campo, tendo em vista uma formação integradora. Em virtude de o objeto de estudo desta pesquisa concentrar-se nas juventudes residentes na área rural que possuem uma cultura e identidade cultural únicas em consequência, sua produção cultural é influenciada pelo espaço/tempo no quais estão inseridos.

Diante disso, organizamos esta seção em duas subseções, sendo a primeira intitulada “Cultura e identidade cultural dos povos do campo na contemporaneidade” e estando estruturada no seguinte tópico: “Da fixação no campo e a figura do Caipira”. Enquanto a segunda subseção denominada: “Pós-modernização da agricultura e as implicações na vida do homem do campo” encontra-se estruturada em três tópicos, sendo o primeiro “A Tristeza do Jeca”, o segundo “A música sertaneja universitária como expressão cultural: análise da(s) juventude(s) do campo”, em que utilizamos músicas para analisar a cultura e identidade cultural campesina, e, por fim, o tópico “Dos processos socioculturais aos processos educativos do homem do Campo”.

#### 3.1 Cultura e identidade cultural dos povos do campo na contemporaneidade

A modernização da agricultura iniciou um movimento de renovação na produção agrícola na área rural do Brasil em meados da década de 1970 e, posteriormente, com o advento da globalização na década de 1990. Assim, esses dois processos sócio-históricos trouxeram novos significados aos *modus vivendis*<sup>23</sup> das populações residentes na área rural, cujo conceito faz referência aos povos que retiram da terra o seu sustento. O conceito de rural está relacionado principalmente à produção agropecuária, enquanto a terminologia do campo faz referência às produções socioculturais produzidas por esses sujeitos, que residem no meio rural.

Consentindo sobre as análises desses processos sócio-históricos que ocorreram na área rural, a pesquisadora e geógrafa Rosane Balsan, no artigo “Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira”, explica que as mudanças ocasionadas na área rural trouxeram diferentes indicativos: “como consequências do processo são apontados, além da acirrada concorrência no que diz respeito à produção, os efeitos sociais e econômicos sofridos pela população envolvida com atividades rurais” (BALSAN, 2006, p. 125).

---

<sup>23</sup> Frase latina que significa “modo de vida” ou “meio de viver”.

Nesse sentido, para analisar a questão camponesa no Brasil do final do século XIX até à contemporaneidade necessita-se remeter ao contexto social de cada época, o que culminou diretamente na concepção dos povos do campo em relação à sua identidade. Destaca-se a preocupação com a nacionalização, o crescimento e a modernização do país, que aumentava seu destaque no cenário internacional, como pontuados por Balsan (2006):

Pensar sobre as tendências do “novo mundo rural” requer que se volte o olhar para esta realidade que, ao mesmo tempo em que tem colocado uma classe da sociedade com o que há de mais moderno na agricultura e pecuária, contraditoriamente, deixa outra, como os agricultores familiares, ou seja, a maioria dos produtores rurais, cada vez mais distantes de tais inovações. É esta categoria que se apresenta cada vez mais próxima do limite de sobrevivência que, atualmente, tem merecido maior preocupação por parte das políticas governamentais, tendo em vista o desenvolvimento local sustentável no contexto de um “novo mundo rural” (BALSAN, 2006, p. 125-126).

Sendo assim, a noção de desenvolvimento pode ser contraditória, o que colocaria em vias de questionamentos qual a perspectiva que a mesma deveria atender. Evidentemente, a formação social e histórica do país remete-se aos princípios da diversidade étnica-cultural, independentemente do local de residência dos sujeitos. Reconhecemos que no campo há diferentes segmentos sociais e culturais, assim, as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo (DCE) determinam sendo do “campo” os [...] posseiros, boias-frias, ribeirinhos, ilhéus, atingidos por barragens, assentados, acampados, arrendatários, pequenos proprietários ou colonos ou sitiantes, caboclos dos faxinais, comunidades negras rurais, quilombolas e, também, as etnias indígenas (PARANÁ, 2006, p. 24-25).

A constituição social desses sujeitos está arraigada na história agrária do país, necessariamente relacionada à formação histórica social. Nesse sentido: “no Brasil, a história agrícola está ligada à história do processo de colonização no qual a dominação social, a política e a econômica da grande propriedade foram privilegiadas” (BALSAN, 2006, p. 126). A partir das considerações de Ricardo Abramovay, economista de formação e pesquisador da temática do desenvolvimento rural, é possível apontar que a definição do rural apresenta complexidade, a qual deve ser interpelada com a importância e efetividade, bem como o espaço urbano. Segundo o autor:

Como definir o meio rural de maneira a levar em conta tanto a sua especificidade (isto é, sem encarar seu desenvolvimento como sinônimo de “urbanização”), como os fatores que determinam sua dinâmica (isto é, sua relação com as cidades)? Os impactos políticos da resposta a esta pergunta teórica e metodológica são óbvios: se o meio rural for apenas a expressão,

sempre minguada, do que vai restando das concentrações urbanas, ele se credencia, no máximo, a receber políticas sociais que compensem sua inevitável decadência e pobreza. Se, ao contrário, as regiões rurais tiverem a capacidade de preencher funções necessárias a seus próprios habitantes e também às cidades – mas que estas próprias não podem produzir – então a noção de desenvolvimento poderá ser aplicada ao meio rural (ABRAMOVAY, 2000, p. 3).

Sérgio Moreira, pesquisador da temática das identidades rurais<sup>24</sup>, explica que “as novas ciências da interdisciplinaridade reconhecem a incerteza e a indeterminação” (MOREIRA, 2019, p. 34). Tendo em vista que a interdisciplinaridade permite essa investigação a partir de diferentes áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, se averigua um cenário comum, de preconceito e atrasos relacionados aos sujeitos residentes no meio rural, concepção antiga, que se estendeu cronologicamente na literatura, sendo o campo fomentado como espaço de atraso, de um estágio não alcançado por um determinado grupo, em que só seria possível superar este estigma quando fosse complementarmente urbanizado, concepção preconizada pela sociologia rural. Assim:

A representação que predomina na sociologia rural, mas não apenas aí, sobre o “rural” é a sua vinculação à atividade agrícola – representação construída e reforçada ao longo do processo de modernização das sociedades ocidentais, a partir da lógica e da dinâmica das cidades. Vinculadas a esse processo foram engendrados valores e visões de mundo responsáveis por uma imagem do rural que se cristalizou como espaço de “atraso”, da “tradição”, da ausência de infraestrutura, de serviços e da resistência ao “moderno” (CARNEIRO; SANDRONI, 2019, p. 44).

A concepção das autoras Maria José Carneiro e Laila Sandroni está relacionada às primeiras definições do termo rural, mais precisamente no período que ocorrerá um “salto” de modernização e a massiva concentração populacional nas áreas urbanas, sendo tal interpretação pautada somente no viés econômico. Conforme as autoras, essa concepção preconizava o rural como espaço de produção e, conseqüentemente, a população instalada sobre ela estaria restrita ao desaparecimento rumo ao desenvolvimento econômico. Para Carneiro e Sandroni:

O rural, nessa concepção, estaria fadado a desaparecer com o crescimento e o desenvolvimento fundamentados na realidade urbana, na expansão do sistema de comunicação e das políticas de desenvolvimento que levariam os benefícios da cidade para o campo, descaracterizando ou destruindo os valores

---

<sup>24</sup> Texto publicado no livro “O Rural Brasileiro na perspectiva do século XXI” de organização dos autores Sergio Pereira Leite e Regina Bruno Pós, a partir dos resultados das pesquisas do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, da UFRJ, publicado pela editora Garamond no ano de 2019.

e práticas sociais vistos como “atrasados” e ultrapassados. Assim o que é reconhecido como “rural”, a partir dessa concepção ficaria restrito aos rincões profundos ainda não alcançados pelas benesses da cidade ou como resíduos a serem eventualmente apagados da realidade social (CARNEIRO; SANDRONI, 2019, p. 44).

Evidentemente, as considerações elencadas anteriormente são datadas em um recorte temporal, por outro lado, refugos dessa visão pejorativa em relação às comunidades que vivem nas áreas rurais persistem. Portanto, destacam-se como medida mitigadora a ser adotada a desconstrução de pré-conceitos existentes quanto ao modo de viver dos indivíduos do campo, visto que muitas vezes suas práticas culturais são colocadas como inferiores àquelas dos sujeitos da cidade. São indispensáveis medidas que dissipem atitudes de preconceito.

Os sujeitos, indiferentemente dos locais que são inseridos, sejam nas cidades, ou nas áreas rurais, necessitam de respeito e valorização das práticas culturais. Uma possibilidade de contribuir nessa missão seria por meio de políticas públicas voltadas ao atendimento de suas necessidades e que contribuiriam ao pleno desenvolvimento e qualidade de vida, conseqüentemente, a transformação de sua realidade.

Assim sendo, práticas exitosas, como a capacitação dos produtores rurais, vêm acontecendo a partir do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR, criado pela Lei 8.315 de 23 de setembro de 1991, sendo uma instituição de direito privado, paraestatal e mantida com recursos provenientes da contribuição compulsória sobre a comercialização de produtos de agrossilviculturas. A partir da oferta de cursos aos trabalhadores rurais, garante a sua profissionalização e equiparação ao mercado de trabalho. Um dos princípios da instituição concentra-se na participação ativa na comunidade (CONAB, 2021).

Outro exemplo de desenvolvimento rural ocorre a partir do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), tendo como principal item os pequenos produtores rurais. Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento:

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), foi criado em 1996, através do Decreto 1.946, tendo como objetivo principal, a promoção e o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar, por meio do financiamento de projetos, individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária. Coube ao Banco Central do Brasil, através da Resolução 2191, normatizar o programa, no que diz respeito à sua relação com o sistema bancário nacional. Estes são os requisitos para os beneficiários do Programa: devem ser agricultores familiares, sejam eles proprietários, assentados, posseiros, arrendatários, parceiros ou meeiros, que utilizem mão-de-obra familiar, e tenham até 2 empregados permanentes, sendo que, não devem deter, a qualquer título, áreas superiores a 4 módulos fiscais, e no mínimo 80% (oitenta por cento) da renda

bruta familiar anual deve ser proveniente da atividade agropecuária e não-agropecuária exercida no estabelecimento. O agricultor familiar deve residir na propriedade ou em local próximo (CONAB, 2021, p. 29).

Sendo assim, mesmo com essa promoção de desenvolvimento dos sujeitos do rural a partir da capacitação, é necessário que os produtores possam ser ativos e participantes na tomada de decisões ao que se refere à perspectiva do desenvolvimento da comunidade a partir do viés econômico. Nesse sentido, os autores Cristiane Tonezer, Clarete Trzcinski e Carlos Eduardo Arns, especialistas nas temáticas do desenvolvimento rural, destacam que:

[...] é necessário também levar em conta se as pessoas são livres de utilizarem os seus conhecimentos e moldarem os seus próprios destinos. Os agricultores não “deveriam” ser sujeitos passivos, alvos de políticas e ações, mas sim profissionais autônomos com condições de atuarem como gestores na propriedade rural, privilegiando estratégias de sobrevivência familiares, bem como a diversidade e diversificação dos modos de vida (TONEZER; TRZCINSKI; ARNS, 2017, p. 60).

De acordo com Abramovay (2000), um problema pontuado no início dos anos 2000 e que se intensificou na atualidade (2022), é a impossibilidade de o pequeno produtor produzir sua vida exclusivamente da produção agrícola. Bastaria ver a crescente do agronegócio como expressão do capitalismo no espaço rural, ou seja, na contemporaneidade o rural sofreria um processo de dualidade: “[...] o rural brasileiro inscreve-se em uma lógica na qual políticas públicas atestam, institucionalmente, a dualidade desse mundo, evidenciada por dois cenários distintos: um voltado ao agronegócio e outro a agricultura familiar” (TONEZER, TRZCINSKI; ARNS, 2017, p. 53).

Portanto, a modernização da agricultura trouxe significados distintos, desde a reestruturação dos modos de produção aos impactos sociais. Nesse segmento, deve-se evidenciar que analisar esse processo sócio-histórico envolve uma complexidade, na qual há noções de desenvolvimento imbricadas: “[...] a modernização indica a capacidade que tem um sistema social de produzir a modernidade e o desenvolvimento se refere à vontade dos diferentes atores sociais (ou políticos) de transformar a sua sociedade” (BALSAN, 2006, p. 126). Nessa perspectiva, faz-se válido destacar que as complexidades que envolvem o meio rural não são somente relacionadas ao êxodo e esvaziamento, também são analisadas as práticas culturais, tal como: “[...] uma nova definição sobre meio rural que não o condene de antemão ao esvaziamento social, cultural, demográfico e econômico” (ABRAMOVAY, 2000, p. 3).

Os autores Tonezer, Trzcinski e Arns complementam Abramovay (2000) ao destacarem que:

Apenas alerta-se para o fato de que o crescimento econômico por si só não gera desenvolvimento, pelo contrário, desconsidera as tradições e culturas presentes nos espaços rurais, as potencialidades produtivas, a capacidade de se produzir de forma mais sustentável, excluindo assim boa parte da população que não se sentem integrantes deste processo (TONEZER; TRZCINSKI; ARNS, 2017, p. 62).

Por sua vez, os autores Moreira e Candau (2007) explicam que as práticas culturais têm um significado importante referente ao processo de desenvolvimento, o qual não pode ser apenas relacionado aos aspectos de fins estatísticos e sim qualitativos, ou seja, quando é referente aos povos do campo, suas práticas culturais, bem como a sua identidade cultural, concentram-se como elementos de extrema importância e decisivos ao seu desenvolvimento social. A partir das manifestações culturais, como refletido em suas identidades culturais, esses povos criam significados reais ao que é “viver no campo”, pois se observa uma deslocação de “renovação cultural”. É nessa perspectiva que, a partir do argumento de transformações no espaço/tempo do campo, procuram-se efetuar ponderações referentes à construção das identidades culturais no campo a partir de elementos contemporâneos.

Nesse sentido, a identidade dos povos do campo, mais especificamente a juventude, sofre um processo de metamorfismo, ou seja, a identidade vem mudando. Assim, Hall (2020, p. 24), ao referir-se sobre a construção das identidades culturais, coloca que “ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’”. Bauman (2005, p. 17), no que lhe concerne, complementa as asseverações de Hall (2020) ao caracterizar que “tornando-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e ‘a identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...]”. Portanto, compreende-se que a identidade está em edificação e, recortando-a para a juventude, ela não é inata.

Diante disso, destacamos que a cultura é um elemento essencial ao desenvolvimento social a todos os povos. Na atualidade, com os diferentes segmentos presentes no campo, entre a agricultura familiar e o agronegócio, criam-se dois padrões culturais que, enquanto apresentam suas especificidades, mesclam-se e se unem por características presentes no contexto de pertencerem e “serem” do campo, devido pelo compartilhamento do mesmo recorte espacial.

Em vista disso, podemos constatar que, além do modelo vigente da produção agrícola, as formas de relacionar-se com a comunidade rural, com a terra, com a natureza e todos os outros elementos centrais das narrativas camponesas serão itens de importância para a

construção cultural dos povos do campo, destacando que “um rural presente na cultura, na política dos alimentos, bem como na contracultura de uma infinidade de novos movimentos sociais” (MOREIRA, 2019, p. 23).

Em vista disso, entendemos que os fatores políticos, culturais, econômicos, sociais e geográficos influenciam nas perspectivas relacionadas à cultura e identidade cultural da população campesina, a qual por via dos princípios da interdisciplinaridade, analisamos como esses fatores formam o objeto de estudo desta pesquisa, que tem como ênfase principal evidenciar os processos relacionados à identidade contemplada na área das Humanidades.

Portanto, mesmo que não seja o enfoque desta pesquisa, compreendemos que o campo ainda na atualidade persiste como um cenário de desigualdades e lutas sociais, o qual apresenta grupos com interesses distintos, sendo necessário o fomento de políticas públicas, permitindo o progresso e o desenvolvimento não meramente em índices estatísticos, mas considerando dados qualitativos da vida desses sujeitos que são residentes dos espaços rurais. Por isso, ressaltamos a relevância desse olhar interdisciplinar que enfoque nos aspectos centrais de vivência dos sujeitos.

Logo, para o entendimento da formação do cultural dos sujeitos residentes do campo, tencionamos a necessidade de analisar a formação histórica: “é prudente considerar que a realidade de hoje de nosso país é bastante distinta daquela que serviu de referências para os primeiros estudos do meio rural [...]” (CARNEIRO; SANDRONI, 2019, p. 50). Diante do exposto, no próximo tópico discorreremos sobre as primeiras formações de comunidades no campo, as raízes culturais e as diferentes concepções sobre a terminologia do “caipira”.

### *3.1.1 Da fixação no campo e a figura do caipira*

Durante muito tempo da história brasileira, a sociedade esteve identificada com o meio rural, em decorrência das primeiras relações sociais entre grupos se formarem nesse espaço. As raízes da organização social brasileira estão intrínsecas ao espaço rural. Por outro lado, a realidade brasileira atualmente é ser um país majoritariamente urbanizado.

Evidentemente, a história dos povos do campo está relacionada à agricultura e à fixação do homem nos espaços, dessa forma esse processo é denotado de muito tempo atrás. Conforme a geógrafa pesquisadora Alana Roos (2012), a origem da agricultura está relacionada à fixação do homem nos espaços: “os primeiros vestígios da agricultura são estabelecidos [...] há cerca de doze mil anos, quando os seres humanos notaram que os grãos poderiam ser semeados. Com isso os povos se tornaram sedentários, pois tal prática permitiu a ampliação da oferta de



alimentos para as pessoas” (ROOS, 2012, p. 1424). Posteriormente, a história da agricultura intensificou por todos os arredores, ganhando destaque e notoriedade como uma das principais atividades econômicas e uma das mais antigas no Brasil. Desde o período anteriormente da invasão por parte dos europeus, os primeiros habitantes do território brasileiro já praticavam a agricultura.

Segundo Marcílio Costa<sup>25</sup> (2019), pesquisas científicas mostram a agricultura indígena sendo praticada desde 9 mil anos atrás. Roos (2012, p. 1427) completa o autor ao explicar que “no Brasil o uso da terra configura-se inicialmente através de povos indígenas que se encontravam no país e que se utilizavam das técnicas primitivas do uso do solo [...]”, onde a prática da plantação é milenar, sendo significativa e de muita influência na construção dos primeiros indícios da agricultura familiar. De acordo com Carneiro e Sandrioni (1999), esse modo de produção está relacionado à “uma unidade de produção onde trabalho, terra e família estão intimamente relacionados” (CARNEIRO; SANDRIONI, 1999, p. 329). Exemplifica-se essa concepção com os povos indígenas que, segundo Costa (2019), esses povos caracterizam-se por apresentar uma relação de muito simbolismo com a terra, como a agricultura familiar.

A agricultura familiar se caracterizou no Brasil como de extrema relevância em decorrência da produção voltada ao autoconsumo e os excedentes para abastecerem o mercado local, sendo que permitiu por muito tempo o desenvolvimento rural, considerada uma potencialidade. No entanto, com o movimento de renovação no campo, com a expansão dos produtos transgênicos, concomitantemente ao movimento da Modernização da Agricultura, deixou seu espaço de “valor” perante a sociedade brasileira para dar lugar a outro modo de produção, o agronegócio que se volta à uma proposta diferente e não considerando da mesma importância o produtor rural no centro do processo de produção agrícola. Dessa forma, “[...] o rural ocupou historicamente uma posição periférica no projeto de desenvolvimento brasileiro, o que gerou um certo vazio institucional a ser superado” (CARNEIRO; SANDRIONI, 2019, p. 51).

Em decorrência desse aspecto, a agricultura familiar foi vista como um modo de produção “atrasado”, que necessitava ser superado. Como um novo modelo, com maior potencialidade, o agronegócio começou a se destacar pelo Brasil rural, “partindo da premissa de uma maior eficiência produtiva dessa forma de produção que não desenvolveu toda a sua potencialidade, orienta-se as propostas políticas ao segmento que apresenta melhores condições (materiais e subjetivas) de superar esse atraso” (CARNEIRO; SANDRIONI, 1999, p. 331).

---

<sup>25</sup> As informações foram extraídas do site da Universidade Federal de Sergipe, referente à uma pesquisa no sítio Teotônio, em que os pesquisadores investigam vestígios arqueológicos de comunidades indígenas.

Diante disso, Roos (2012, p. 1424) explica que esse processo do agronegócio está envolvido com os aspectos tecnológicos: “com o avanço tecnológico, vários processos foram estabelecidos na agricultura, para melhorar a técnica e aumentar a produção, visando o aumento da renda diante do sistema do capitalismo”. É nesse sentido que Balsan (2006) explica as consequências desse processo, ao evidenciar que:

A dinâmica territorial observada pelo processo de modernização mostra o agravamento das questões ambientais, inchamento das cidades, concentração da terra e da renda, intensificação das lutas sociais, inclusão e/ou exclusão de segmentos sociais e de lugares no processo agrícola. Desta forma, põe-se em marcha um modelo de exploração capitalizada, dotada de meios e técnicas que asseguram a eficácia e rentabilidade de produção (BALSAN 2006, p. 145).

No entanto, esse modo de produção, a fim de atender o mercado capitalista, não é restrito somente ao território brasileiro, estendendo-se à toda a América Latina. Como elencando por Canclini (2019), a produção em larga escala para o abastecimento do mercado exterior advém da concepção de que o território latino-americano se caracterizou como um “celeiro” para o abastecimento dos países europeus. Consentâneo a essa criticidade, Moreira (2019, p. 29) explica que com a “[...] incorporação das Américas no sistema mundo, podemos visualizar a constituição e a legitimação dos processos mercantis do capitalismo e da civilização capitalista e eurocentrismo [...]”.

Enquanto Roos (2012) tenciona que a modernização agrícola trouxe diferentes aspectos. Quanto aos negativos, destacamos a degradação ambiental, a retirada do homem do campo, sendo desvalorizado a partir da industrialização. Já os outros aspectos classificados positivamente seriam vinculados à diversificação da produção:

Esta intensificou o uso de maquinário, de novas técnicas de cultivo do solo e demais avanços que puderam fornecer novidades no campo brasileiro. Novas formas de cultivos foram necessárias para a complementação da economia brasileira e mediante os avanços tecnológicos. Nesse ponto encontra-se a modernização da agricultura, sendo que o sistema agrícola de aproveitamento da terra melhorou imensuravelmente (ROOS, 2012, p. 1247).

É necessário “quebrar” essa lógica de o território brasileiro ser classificado e taxado como um espaço sem seu devido valor. A realidade é muito contrária. Em decorrência da diversidade cultural, uma das formas de destacar-se a partir da visibilidade seria considerando e ressaltando os aspectos culturais (HALL, 2020). A partir das considerações elencadas,

observam-se que a história dos modos de produção no Brasil foi sendo alterada segundo o passar das décadas.

O Brasil do século XXI já não é mais o mesmo de períodos atrás, entretanto, as raízes culturais da ruralidade brasileira permanecem vivas, buscando o espaço e mesmo reconhecendo que as manifestações culturais existentes e criadas no espaço urbano: “[...] há uma miríade de fortes questionamentos sobre a oposição do rural/urbano que procuram desbancar as concepções pautadas na dominação do urbano sobre o rural e, assim, agir politicamente no sentido de diminuir estas iniquidades” (CARNEIRO; SANDRONI, 2019, p. 51).

A partir dessa perspectiva, percebermos que o campo e a cidade não mantêm as relações de décadas anteriores, por outro lado são interdependentes. Conforme Abramovay (2012), o que é desenvolvido e produzido nos espaços rurais vêm para atender uma necessidade social. As diferentes terminologias citadas representam diferentes significações: enquanto o rural é relacionado à perspectiva de produção, “[...] proximidade com a natureza: solo, a terra e o ecossistema” (MOREIRA, 2019, p. 26), o campo relaciona-se aos processos socioculturais. Há várias classificações e vertentes a serem analisadas em relação a essas temáticas sobre o campo. Nesse viés:

É importante deixar clara a impossibilidade de produzir um sistema de classificação universal e definitivo sobre o rural e o urbano sem cair nos riscos, seja de uma generalização simplificadora, seja de uma especificação tão detalhada que perca capacidade de diálogos como outros contextos. A ideia de conjunto ou totalidade aqui é fundamental, pois é o escopo mais abrangente que a tipologia deve abarcar e deve sempre ter em mente. Não podemos, portanto, esquecer os fins que motivam uma classificação para reconhecer os seus limites de uso e a potencialidade de sua operacionalidade visando esses fins (CARNEIRO; SANDRONI, 2019, p. 54).

Entre as diferentes formas de classificação, a representação é uma forma de detalhar os povos residentes na área rural, como afirmado por Carneiro e Sandroni (2019). Segundo a pesquisadora Vera Regina França (2004), o conceito de representação social é utilizado por diferentes campos de saberes, como a Sociologia. Nesse aspecto, a representação significaria uma forma concreta, estando relacionada aos processos de construção de lutas de poder, enquanto a cultura se relacionaria aos significados partilhados pela linguagem, dando sentido aos significados e formas concretas construídas a partir da representação.

Enquanto Hall (2020) corrobora com França (2004) ao destacar que a representação se aproxima de elementos que permeiam a identidade cultural do sujeito, em relação ao mundo de

maneira compartilhada, especificidades locais, as manifestações culturais simbólicas, sua classe social e o lugar de fala. Assim:

[...] a identidade está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representações têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas (HALL, 2020, p. 41).

Em vista disso, as representações sociais dos sujeitos do campo não apresentam tenacidades, são variáveis complexas e apresentando diferentes significados. Por exemplo, no discurso separatista entre campo e cidade, apresenta-se ainda uma concepção que está relacionada ao processo da Revolução Industrial em que os trabalhadores se fixaram nos espaços urbanos, por outro lado, o espaço rural seria um estágio que um determinado grupo social não estaria evoluído. Por conseguinte, é utilizada uma abordagem com fins estatísticos no rural e, muitas vezes, não se analisam o qualitativo desse processo como a riqueza da diversidade cultural existente no modo de vida camponês que poderá ser observado a partir das representações sociais produzidas. Dessa forma:

Elas são produzidas no bojo dos processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade; por outro lado, enquanto sentidos construídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais. Na sua natureza de produção humana e social, têm uma dimensão interna e externa aos indivíduos, que percebem e são afetados pelas imagens (passam por processos de percepção e afecção) – e, desses processos, as devolvem ao mundo na forma de representações (FRANÇA, 2004, p. 19).

Nesse aspecto, as representações dos sujeitos residentes no campo flutuam conforme as variações atemporais e as dinâmicas que moldaram o espaço rural, mais necessariamente, a cultura campesina. Em decorrência dos processos de modernização e a centralização do capital ocorrerem no espaço urbano, criou-se o “mito” dos habitantes desse espaço serem superiores aos residentes a qualquer outra área, de modo que o homem do campo foi visto como inferior e como um estágio a ser atingido (CARNEIRO; SANDRONI, 2019).

Uma das principais representações referentes aos povos do campo, durante muito tempo esteve vinculada à figura do personagem “Jeca Tatu”, criado pelo escritor Monteiro Lobato, no livro “Urupês”<sup>26</sup> (2007). A obra reúne contos referentes ao imaginário brasileiro, em relação ao espaço rural e seus residentes, como os “caboclos”, que na maioria de suas construções de

---

<sup>26</sup> A primeira versão é de 1924. Para análise, considerou-se uma edição de 2007, publicada pela editora Globo.

significados, envolvem conotações pejorativas e preconceituosas, fazendo com que aqueles que seriam compreendidos como tal não se identifiquem com o termo. Por isso, “caboclo” passou a ser associado à uma hipotética baixa condição social com características passivas, preguiçosas, etc.

Na obra literária de Lobato (2007), Jeca Tatu é retratado na imagem de um homem tomado pela falta de perspectiva: “Jeca possuía muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveitá-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abóbora e mais nada” (LOBATO, 2007, p. 8). Os autores Matos e Ferreira (2019, p. 197) apresentam as características do personagem como “alheio à ideia de pátria, indolente, apático, impenetrável à civilização”. Essa visão classificativa, de maneira pejorativa, indicava que os povos do campo não possuíam condições de mudar sua própria realidade.

As autoras Ilha e Ribeiro (2017) explicam que essa visão iniciada por Monteiro Lobato, de um estereótipo de maneira negativa, perdurou por muito tempo e ganhou visibilidade pelas mídias e plataformas de comunicação, como, por exemplo, a canção “A Tristeza do Jeca” do compositor Angelino de Oliveira, entre outras canções que retratavam os povos do campo com os seus dramas sertanejos que estão relacionados ao vínculo de um espaço geográfico, o sertão, mas carregado de concepções negativas quanto aos tipos sociais que ali habitavam a partir da infelicidade e da desesperança.

Sendo assim, estrategicamente com o movimento que iniciará posteriormente de tornar o país agroexportador com a expansão da industrialização e o interesse do capital estrangeiro, a imagem do povo do campo como atraso veio ao encontro de um momento favorável pela intenção de criar-se um país industrial. Desse modo:

Ainda falando de Lobato, outra de suas influências decorreu do tempo em que viveu nos Estados Unidos no período de 1927 a 1931. Trouxe de lá a convicção de que o progresso, tão almejado da nação brasileira, seria possível através da industrialização. Nesse momento, mais do que nunca, o Jeca passou a caracterizar a identidade da nação que precisava ser, além de saudável, redimida por este novo modelo de produção e de sociedade. Jeca Tatu tornou-se a personificação do atraso econômico do Brasil, atribuído à vida e às atividades econômicas predominantemente rurais. Passou então a ser o modelo do que pretendia ser superado e deixado no passado em função de ideais republicanos e modernos que a sociedade da época pretendia (ILHA; RIBEIRO, 2017, p. 124).

Tendo em vista as considerações destacadas, observamos que o escritor Monteiro Lobato contribuiu negativamente para a valorização dos povos do campo em decorrência de seus escritos literários serem demarcados por visões preconceituosas dessa comunidade.

Visando reverter essa visão arraigada de preconceitos sobre os povos do campo, um precursor desse processo se deu com Cornélio Pires:

Na busca pelas “raízes autênticas” da nação e de seu povo, em oposição às representações negativas do Jeca, diferentes vertentes identificaram o homem interiorano (sertanejo, caipira, caboclo) como trabalhador, forte, inteligente, arguto, maleável, dócil, sentimental, afetivo e sincero, apesar de intimidado no meio urbano. [...] Cornélio Pires assumiu o papel de promotor e porta-voz da cultura caipira; além das publicações, coletou e organizou registros sonoros e gravações, montou espetáculos (com encenações, apresentando violeiros e grupos musicais) e viabilizou a divulgação da cultura do interior pelo rádio (MATOS; FERREIRA, 2019, p. 198).

Enquanto Santos e Barboza (2019) corroboram com os autores anteriores, ao destacarem sobre a vida e obra de Cornélio Pires<sup>27</sup>:

Cornélio Pires foi um defensor do caipira (principalmente o paulista), contrapondo o jeca de Monteiro Lobato. Silva afirma que as obras de Cornélio Pires enfatizavam o homem rural como sendo um trabalhador, lavrador que estabelece uma relação harmoniosa e romantizada como meio ambiente, e que, dessa relação, emerge um homem de sentimentos e atitudes simplórias, sinceras, cordiais, bem como produtor de cultura vastíssima, sendo o cururu, a moda de viola, o cateretê, a culinária e o próprio jeito de falar, exemplos dessa sabedoria (SANTOS; BARBOZA, 2019, p. 605).

Para os autores, as contribuições do jornalista e escritor Cornélio Pires trouxeram uma nova forma de ver o homem do campo, como um sujeito, bem como os que são residentes no espaço urbano, ambos possuem uma bagagem cultural riquíssima. Nesse sentido, houve a contribuição a partir dos fragmentos de cantos tradicionais do ruralismo brasileiro.

Sendo assim, em relação aos povos do campo, há um terreno fértil apresentando diferentes significados e representações sociais que variam consoante as especificidades temporais e espaciais (FRANÇA, 2004). A respeito das duas concepções sobre os povos do campo, é necessário frisar que: “[...] Monteiro Lobato ‘inventou’ a figura do Jeca Tatu – uma representação do homem do campo, realçando seus aspectos negativos. [...] Cornélio Pires, cuja ampla produção (escritos, gravações e apresentações) difundiu e valorizou a cultura caipira” (MATOS; FERREIRA, 2019, p. 215).

A partir das considerações elencadas, o termo caipira é de origem tupi, “caapora”, significando “morador do mato”. Esse habitante passou ao longo das décadas por muitas transformações em seu local de moradia e modo de relacionar-se com a terra. Evidentemente a

---

<sup>27</sup> As contribuições de Cornélio Pires na área musical serão explicadas nos próximos tópicos.

cultura trazida pelos povos do campo apresenta uma importância imensurável na formação da identidade cultural brasileira, a qual não pode ser negada e colocada em segundo plano. Nesse ínterim, com a diminuição da agricultura familiar, em contrapartida ao avanço do agronegócio (CARNEIRO, 1999), novos significados aos *modus vivendis* do campo emergiram-impactando diretamente nas pessoas que residem atualmente nos espaços rurais.

### **3.2 Pós-modernização da agricultura e as implicações na vida do homem do campo**

Tendo em vista que as mudanças espaciais e temporais causam efeitos de mudanças sociais para as sociedades contemporâneas, as transformações que ocorreram nos espaços rurais ao passar das décadas não iriam possuir efeito contrário. Esse processo culminou em novas formas de viver para o homem do campo, envolvendo a dualidade entre o mantimento de suas tradições e a inserção no mundo globalizado e capitalista. Esse movimento iniciou-se na década de 1960, tendo um efeito exponencial nas próximas décadas:

Somente a partir de meados da década de 1960, a agricultura brasileira inicia o processo de modernização, com a chamada Revolução Verde. Emergem, nessa década, com o processo de modernização da agricultura, novos objetivos e formas de exploração agrícola originando transformações tanto na pecuária, quanto na agricultura. Como consequências do processo são apontados, além da acirrada concorrência no que diz respeito à produção, os efeitos sociais e econômicos sofridos pela população envolvida com atividades rurais (BALSAN, 2006, p. 124).

Portanto, a incorporação de novos modos de produzir trouxe efeitos significativos de mudança para a vida dos camponeses, sendo que o mais agressivo será o movimento de saída da área rural em direção aos espaços urbanos em decorrência da falta de oportunidades que ocorrerá no campo. Em vista disso, os autores Tonezer, Trzcinski e Arns (2017) complementam Balsan (2006) ao citar que:

[...] se por um lado a modernização agrícola contribuiu para um aumento da produção e produtividade, por outro, a renda e a qualidade de vida de inúmeros indivíduos não aumentaram na mesma proporção. Ao contrário, observou-se que o meio rural foi acometido por um forte êxodo, isso porque, muitos produtores não ‘conseguiram se modernizar’ gerando crescente exclusão (BALSAN, 2017, p. 125).

Diante disso, podemos exemplificar os modos de vida que eram perceptíveis antes do período de modernização da agricultura, como é o caso da produção e cultivo da hortelã na

região centro-oeste do estado do Paraná, entre as décadas de 1960 a 1980. Conforme o historiador e pesquisador Gilson Backes (2009), a atividade com a produção da hortelã exigia muitos trabalhadores e, com essa mão de obra, permitiu-se a migração para a região, destacando a abertura de novos empregos. Conforme o autor:

O espaço que estava se abrindo, a partir da década de 1950, em meio às matas virgens do Oeste do Paraná, tornou-se o cenário em que a hortelã tomou destaque como uma atividade produtiva que acarretou uma movimentação nos âmbitos sociais e econômicos da região. Com o desenvolvimento das lavouras hortelaneiras ocorreu um processo intenso de migração para a região. As plantações exigiam um contingente expressivo de força de trabalho, pois praticamente todas as atividades eram manuais (BACKES, 2009, p. 3).

A partir dessa exemplificação, podemos analisar que quanto mais a atividade for manual, maior será o envolvimento de famílias, garantindo maneiras de fomentar o fortalecimento da agricultura familiar e a permanência dos povos nos espaços rurais. Essa cultura, de cultivo temporário, foi significativa a muitas famílias no interior do Paraná, colocando-se como além de uma forma de renda, também apresentando um imaginário coletivo referente às produções e manifestações do campo e suas formas de vida: “os sujeitos participantes do processo do chamado ciclo produtivo da hortelã são portadores das experiências vividas e que necessitam ser problematizadas para a compreensão das dinâmicas sociais [...]” (BACKES, 2009, p. 6). Dessa forma, vinculam-se os processos culturais e as memórias coletivas que serão representadas (FRANÇA, 2004).

Outro cultivo em que foi destacado o manejo familiar no Paraná foi o café. Esse grão teve uma considerável expressão na economia paranaense, sendo considerado um ciclo econômico pujante na economia paranaense. Segundo a pesquisadora Nadir Cancian (1981), esse grão mudou os rumos da história do Paraná, após sua substituição ao ciclo da erva-mate.

Na década de 1960, o café foi o principal produto agrícola no estado do Paraná, começou no chamado Norte Pioneiro e, através da ferrovia, se espalhou até chegar ao noroeste do estado. Nesse tempo de auge, o Paraná chegou a abarcar cerca de 50% da produção nacional de café, a qual foi avançando e ganhando destaque ao passar dos anos, atraindo os interesses de muitos produtores rurais a essa cultura. No entanto, o fenômeno conhecido como “Geada Negra” mudou drasticamente o cenário do cafezal no estado (CANCIAN, 1981).

O cronista Dante Mendonça, no seu conto “Nascidos em 17 de julho”, ilustra o fenômeno da Geada Negra: “até o inverno de 1975, o sonho do endinheirado fazendeiro era ter um Cadillac vermelho, um cavalo no prado e uma amante argentina. Com a Geada Negra, só



restaram as contas penduradas nas boates da capital” (MENDONÇA, 2016, p. 1). Os paranaenses de idade mais avançada certamente se recordam do dia 18 de julho de 1975, quando uma geada fortíssima atingiu o norte do estado e queimou praticamente todas as plantações. Os termômetros registraram -3,5 °C no abrigo e -9 °C na relva (diretamente com o solo). Muitos agricultores relatam que foram dormir avistando seus pés de café verdes e acordaram com eles todos queimados.

É impossível imaginar o Paraná atualmente se não tivesse ocorrido a geada negra. Como ficaria a queda da cultura do café? A supremacia da soja? O fortalecimento de cooperativas? A industrialização e urbanização? Inegavelmente, a geada foi um marco na história do estado. A partir desse fenômeno não sobrou nada: 300 mil hectares de café foram erradicados. Em efeito dominó afetou a economia, essencialmente para aqueles que apenas trabalhavam com a cultura deste cultivo (CANCIAN, 1981).

Após esse período conturbado, rapidamente o governo realizou campanhas para a cultura do trigo e, em um processo gradual, muitos agricultores foram abandonando os pés de café secos que não tinham coragem de cortar e aderindo o plantio do trigo, posteriormente com a entrada de novos cereais. Esse processo fora se intensificando até que, atualmente, o depara com um cenário agrícola altamente mecanizado e com a supremacia de culturas de exportações como a soja.

Gomes (2019) salienta que uma das principais diretrizes do regime militar no Brasil foi o foco na promoção para um país agroexportador. Nesse sentido, as pequenas propriedades rurais, com uma produção em escala menor, como por exemplo, do café e da hortelã, seriam um obstáculo. Faltou um processo de capacitação e acréscimos que esses produtores rurais pudessem se adaptar a esse movimento de renovação.

Tendo em vista disso, com os povos do campo estando à mercê, excluídos dos processos de desenvolvimento econômico, em virtude de utilizar-se a terra e deixar de lado os residentes desse espaço, devido à modernização da agricultura ser carregada de processos de maneiras “[...] eivadas de desigualdades e privilégios” (BALSAN, 2006, p. 125), mingou-se a esperança de poder continuar nesses espaços, logo, sem muitas esperanças foram em direção aos espaços urbanos.

Mas, na memória coletiva, ainda permanecem vivos os registros relacionados à produção dessas culturas, como atividades econômicas que permitiram aos povos permanecerem no campo e construírem suas identidades culturais. Como a memória coletiva, necessita ter-se registros para servir como comprovação histórico-social, logo os registros fotográficos, relatos orais, entre outras possibilidades permitem essa representação “com a

produção de outras memórias a possibilidade que se tem é de perceber como os sujeitos se veem inseridos num espaço em que há uma memória sobreposta que se caracteriza como oficial” (BACKES, 2009, p. 6).

Portanto, uma das principais críticas à modernização da agricultura foi a priorização da terra, enquanto forma de aumentar os índices produtivos, mas deixando de lado os residentes dos espaços rurais que ficaram à mercê, sem as movimentações necessárias para a inserção ao mundo tecnológico. Porém, ocorreu como forma de substituição do trabalho humano, uma classe da sociedade com o que há de mais moderno na agricultura e pecuária, contraditoriamente, deixa outra, como os agricultores familiares, ou seja, a maioria dos produtores rurais, cada vez mais distantes de tais inovações (BALSAN, 2006, p. 125).

As representações sobre esses cultivos agrícolas trouxeram aspectos importantes que contribuíram ao crescimento econômico, no entanto, “[...] o sucesso de um país ou região e o bem-estar de um indivíduo não pode ser avaliado somente pelo dinheiro [...]” (TONEZER; TRZCINSKI; ARNS, 2017, p. 54). Para os autores:

[...] o crescimento econômico por si só não gera desenvolvimento, pelo contrário, desconsidera as tradições e culturas presentes nos espaços rurais, as potencialidades produtivas, a capacidade de se produzir de forma mais sustentável, excluindo assim boa parte da população que não se sentem integrantes deste processo (TONEZER; TRZCINSKI; ARNS, 2017, p. 62).

Diante disso, se observarmos o cenário do Brasil rural atual, denota-se o mesmo voltado à agroexportação. O agronegócio está presente na região centro-oeste e sul do país. Assim, destacamos positivamente na projeção do Produto Interno Bruto (PIB) do país, mas seu desenvolvimento tem gerado controvérsias em relação à degradação ambiental que ocasiona essa prática. Nesse sentido, a participação brasileira ocorre a partir da consideração de que o:

[...] agronegócio possui papel fundamental na economia brasileira, pois gera emprego e renda, apresenta papel ativo no saldo positivo da balança comercial brasileira e destaca o país no comércio internacional. O Brasil é o terceiro maior exportador de commodities, sendo o primeiro em açúcar, café, suco de laranja, carne bovina e de frango. Também é um dos maiores produtores agrícolas do mundo, e em 2019 passará a liderar a produção mundial de soja (GOMES, 2019, p. 64).

Porém, como destacamos, o agronegócio tem relevância nacional, no entanto sua maior participação é destinada ao mercado estrangeiro, ou seja, aí se apresenta uma contradição que, enquanto o país denomina-se como o celeiro mundial (CONAB, 2021), sendo um dos principais

cereais em expansão - a soja (GOMES, 2019), a distribuição de alimentos no país ocorre de forma desigual onde há núcleos de fome. Conforme apresentado pela pesquisa “Olhe para a fome”, a partir da Rede Penssan (2022), no fim de 2020, 19,1 milhões de brasileiros(as) conviviam com a fome. Em 2022, são 33,1 milhões de pessoas com consideráveis limitações no acesso à alimentação.

Devido a essa lógica, é necessário atentar-se a quais objetivos cada modo de produção planeja atender. É importante salientar que a economia e a rentabilidade são necessárias ao desenvolvimento econômico do país, no entanto a noção de desenvolvimento e progresso não se baseia em fins estatísticos, mas sim na qualidade de vida (BALSAN, 2006). Sendo assim, a segurança alimentar de todos os cidadãos do país é um item que deveria ser atingido o mais rápido possível.

Por isso, a agricultura familiar tem importância, mesmo que em menor proporção, se comparada ao agronegócio, auxiliando no abastecimento de alimentos no país. Segundo os dados obtidos a partir do Censo Agro do IBGE (2017), a agricultura familiar abastece a mesa dos brasileiros com cerca de 70% dos alimentos, de modo que um dos principais limitadores é a falta de investimentos aos pequenos agricultores. Corresponde à essa lógica as informações obtidas pelo boletim da Conab (2021):

A agricultura familiar é, e sempre foi, a base da alimentação mundial. É comum estudiosos tentarem mensurar quantitativamente a sua importância, ora para dizer que a maior parte dos alimentos da mesa dos consumidores vem dela [...] ou seja, a agricultura familiar carrega em si a responsabilidade de colocar alimentos na mesa dos brasileiros e renda para as famílias do campo. Seu valor vai além das comparações com as outras modalidades da produção de alimentos, seu valor é indiscutível (CONAB, 2021, p. 8).

Sendo assim, o agronegócio necessita passar por reformulações e fortalecer formas de contribuir ao desenvolvimento sustentável, tendo em vista que uma das principais críticas a esse modo de produção é a forma que explora os recursos naturais e impacta negativamente o meio ambiente. Necessita-se a adoção de mudanças, a produção do agronegócio “precisa desenvolver-se em bases ecológicas, visando à otimização e à sustentabilidade da produção agropecuária em seu ambiente ao longo do tempo” (GOMES, 2019, p. 76).

Por outro lado, alguns expoentes da agricultura familiar presentemente podem ser observados por meio dos produtores da pecuária leiteira, de hortaliças, entre outros, cultivados, feitos manualmente, com poucos e quase nulos aspectos tecnológicos (IBGE, 2017). São essas práticas com aspectos familiares que são mais recorrentes nos pequenos municípios

paranaenses, como formas de valorização da vida no campo, com essa ligação com a natureza, a partir das representações simbólicas (FRANÇA, 2004).

Já que o agronegócio não contribui com a permanência dos povos na área rural em circunstância do trabalho ser mecanizado e ter poucos núcleos sociais presentes na área rural, geralmente os trabalhadores realizam suas atividades laborais e posteriormente voltam ao espaço urbano, local de sua residência. Elenca-se que os principais itens que ocorreram ao esvaziamento populacional foi a modernização da agricultura, conjuntamente à busca pelo lucro e à pouca atenção aos indivíduos.

Como consequência desse aspecto de valorização da rentabilidade em detrimento da qualidade de vida, muitos produtores perderam seus espaços, seus locais de morada em que, sem alternativas, migraram para o espaço urbano. Esse movimento foi e segue sendo retratado pela mídia e pela comunicação como em canções, obras literárias e na mídia visual e sonora. Como na canção “Tristeza do Jeca”, que apesar de seu contexto de lançamento ter ocorrido antes do processo de modernização da agricultura, é um elemento simbólico que exemplificou esse processo sócio-histórico.

### 3.2.1 A Tristeza do Jeca

Nesta viola eu canto e gemo de verdade  
 Cada toada representa uma saudade  
 Eu nasci naquela serra  
 Num ranchinho beira chão  
 Tudo cheio de buraco  
 D'onde a Lua faz clarão  
 Quando chega a madrugada  
 Lá no mato a passarada  
 Principia um baruião  
 (ANGELINO DE OLIVEIRA, 1918).

Há mais de um século, o compositor e instrumentista Angelino de Oliveira compôs a canção “Tristeza do Jeca”, que se tornara mais tarde uma das principais canções da história da música sertaneja, tendo sua primeira versão gravada pelo cantor Patrício Teixeira em 1926 e, mais tarde, soaria a melodia na voz de muitos cantores de sucesso da música sertaneja brasileira, recebendo versões até hoje e tocada em muitas rodas de viola. Os versos dessa canção atemporal retratam um estilo de vida no campo expressivamente singelo, onde paira a “calmaria”, uma das características próprias da música sertaneja, a qual vem sofrendo mudanças em decorrência do processo intensivo e despreparado da urbanização, além das mudanças da própria dinâmica da sociedade.

Nesse aspecto, a música traduz-se como uma forma de representatividade cultural e identitária para apresentar temáticas específicas sobre as transformações que foram ocorrendo ao passar das décadas, ao que se refere à vivência no campo, como, por exemplo, o êxodo rural, hábitos, costumes, relação com a natureza, trabalho, religião, relações humanas e o romantismo. Portanto, por meio da música, podemos realizar uma análise sobre estilos de vida e, conseqüentemente, sobre práticas socioculturais.

De acordo com John Blacking<sup>28</sup>, etnomusicólogo, a música representa um elemento das manifestações culturais:

A “música” é um sistema modelar primário do pensamento humano e uma parte da infraestrutura da vida humana. O fazer “musical” é um tipo especial de ação social que pode ter importantes conseqüências para outros tipos de ação social. A música não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana (BLACKING, 2007, p. 201).

Consoante, o autor Gabriel Teles, doutor em Sociologia, analisa que a música decorre a partir da construção do trabalho humano, nesse sentido concentra-se como uma forma de expressão cultural: “é necessário partir do pressuposto que a música é produto do trabalho humano, cuja consciência e valores expressos são constituídos socialmente, portanto, a partir relações sociais [...]” (TELES, 2019, p. 22-23).

Assim sendo, Teles (2019) e Blacking (2007) priorizam que a música se constitui como um elemento simbólico das práticas culturais, a qual não é um produto isolado e, sim, o resultado das vivências e práticas socioculturais que uma determinada comunidade age e produz. Ou seja, da mesma forma que as comunidades produzem a cultura, elas também são originadas dessa produção:

Os instrumentos musicais e as transcrições ou partituras da música neles tocada não são a cultura de seus criadores, mas as manifestações desta cultura, os produtos de processos sociais e culturais, o resultado material das “capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”. Não podemos “ver” uma cultura: somente podemos inferi-la das regularidades na forma e na distribuição das coisas que observamos. Toda performance musical é, num sistema de interação social, um evento padronizado cujo significado não pode ser entendido ou analisado isoladamente dos outros eventos no sistema (BLACKING, 2007, p. 204).

---

<sup>28</sup> Artigo publicado na revista *Cadernos de Campo*, de tradução de André-Kees de Moraes Schouten.

Portanto, a música sertaneja constitui-se como um reflexo das práticas socioculturais dos povos residentes no campo. Nesse sentido, as autoras Prados e Geraldes (2012) explicam que a sociedade residente na área rural expressa sua cultura. Para as autoras:

A sociedade rural expressa, por meio da música de raiz, sua consciência coletiva, a sua maneira de ser, sua visão de mundo. Esses valores incorporam e caracterizam uma identidade cultural; sustentam aspectos dos sistemas de valores e dos sistemas de crenças que integram esse imaginário coletivo da comunidade do interior paulista. As letras dessas músicas fazem referências à vida pacata dos pequenos povoados, ao convívio familiar, aos hábitos e costumes da gente simples da roça, à valorização da natureza, ao trabalhador rural, à religiosidade e ao misticismo que marcam a sociedade caipira. Na etapa fundamental desses discursos, subjacentes ao texto das letras das canções manifestam-se sistemas de valores presentes na visão de mundo da comunidade caipira (PRADOS; GERALDES, 2012, p. 71).

Sobre essa valorização da música sertaneja como forma de expressão cultural, em tese, dos produtores da agricultura familiar, que era um cenário predominante há décadas no campo: “todas as relações sociais desenvolvidas em um determinado modo de produção são orientadas segundo determinados valores e determinadas concepções” (TELES, 2019, p. 25).

Tendo em vista o processo histórico e a formação social do Brasil, analisamos a importância dos processos que ocorreram mais especificamente no campo para a constituição da cultura brasileira, portanto observamos que a música sertaneja apresenta uma magnitude no cenário cultural brasileiro, visto que, atualmente, o sertanejo é o ritmo mais ouvido no Brasil (ECAD, 2018), exemplificando na plataforma de músicas Spotify. A partir dessa ampla aceitação, justifica-se a sua inserção na cultura brasileira. Consoante as ponderações destacadas, a música sertaneja de raiz faz essa valorização do homem que vive no campo, destacando seus processos socioculturais com uma valorização do mesmo, como forma de combater o estigmatismo que era o “caipira” como sinônimo de atraso.

É necessário destacar que a música sertaneja recebe influências das histórias que eram contadas em rodas de viola desde o período de invasão do território brasileiro, onde o seu surgimento como gênero musical é correspondente do início do século XX, tendo como principais expoentes compositores residentes nas áreas rurais e do sertão, uma vez que este último termo sertão dá origem como prefixo do sertanejo. Por estar relacionado às canções das áreas afastadas dos centros urbanos, o gênero musical foi sendo modificado a partir do tempo, podendo ser dividido em quatro frases (ROLIM, 2019).

O sertanejo raiz que corresponde a uma fase datada entre os anos de 1910 e 1940, foi o primeiro passo desse gênero musical, que ganharia maior notoriedade nas décadas seguintes,

com muita influência das rodas de viola, sendo Cornélio Pires um dos precursores da música (SANTOS; BARBOZA, 2019). A canção “Jorginho do Sertão” retrata uma tradição muito significativa no campo nesse período, que eram os casamentos arranjados entre famílias:

O Jorginho do Sertão  
 Rapazinho de talento  
 Numa carpa de café  
 Enjeitô treis casamento  
 Logo veio o seu patrão  
 Cheio de contentamento  
 (tenho treis filhas sorteira que  
 ofereço em casamento)  
 O Jorginho arresorveu  
 é melhor que eu mesmo suma  
 não posso casá cum as treis, ai  
 eu num caso cum nenhuma  
 (PIRES, 1929).

Nos versos da canção, podemos observar elementos textuais presentes do dialeto caipira, que propositalmente “enriquecem” a melodia por contribuírem com itens que contextualizam a história retratada na canção, que faz o imaginário remeter-se às histórias dos membros mais antigos das famílias sobre a prática dos casamentos arranjados pelos pais dos noivos. O período do sertanejo raiz beneficiou-se para sua expansão em decorrência do rádio iniciar no Brasil a partir de 1922 (TELES, 2019).

Posteriormente, o Sertanejo Moderno (1940-1970) corresponde a um período de transição que acompanha mudanças significativas no contexto mundial, como o final da Segunda Guerra Mundial (1945), a polarização mundial e o início da rede de televisão em 18 de setembro de 1950 com a inauguração da TV Tupi em São Paulo. No entanto, o que contribuiu para a expansão do sertanejo foi a 1ª Edição da Festa de Peão de Barretos em 1956.

Nesse período, surgiram duplas sertanejas clássicas, que fizeram sucesso e permanecem no imaginário coletivo das pessoas até a atualidade, como as Irmãs Galvão, que levaram o legado de serem uma dupla sertaneja por 74 anos, encerrando suas carreiras em 2021, em decorrência de problemas de saúde e falecimento de uma das integrantes (ROLIM, 2019).

Posteriormente, o período do Sertanejo Romântico (1970-2000) é um dos períodos que o gênero musical mais se popularizou pelo país e transpassou as fronteiras territoriais do país, o qual atingiu seu ápice na coletividade da cultura brasileira. Nesse mesmo período, o gênero sertanejo incorporou outros ritmos musicais, além de receber influências do *country* americano.

Nesse período, ocorreram significativas mudanças no campo, como o início da contraditória modernização da agricultura e o fenômeno do êxodo rural que atingiu seu ápice

entre as décadas de 1980 e 1990 (BALSAN, 2006). Esses fatores sócio-históricos foram representados na canção “Êxodo Rural” da dupla Dom e Ravel. Os cantores são reconhecidos por canções de grande apelo emocional que acabaram sendo utilizadas pelo regime militar na época sem o devido consentimento dos artistas. De acordo com a letra da canção:

Fomos abandonando os campos  
Seguindo pras capitais  
Pra construir edifícios  
Pra ver se ganhava mais  
Gente que fugiu das secas  
Geadas de inundações  
Que deixaram seus arados, inchadas, foices e facões  
(DOM; RAVEL, 1982).

Curiosamente, a canção retrata o processo do êxodo rural como consequência do projeto de tornar-se um país agroexportador (GOMES, 2019). Para isso, necessitava-se expandir o agronegócio e retirar os agricultores familiares, forçados a deixar o campo. Sendo assim, elementos simbólicos foram retratados nas narrativas das canções, como a “saudades”, a “tristeza” e a “falta de pertencimento no espaço urbano”.

Destarte, observamos que a música é um elemento narrativo para representar construções históricas que vão ocorrendo a partir das interações e dinâmicas sociais na época, de tal forma que o período do sertanejo romântico foi um momento de surgimento de novos artistas que, em suas canções, iriam mesclar o sentimento de pertencimento ao campo com as novas dinâmicas sociais que ocorriam. José Roberto Zan, no artigo “Música popular brasileira, indústria cultural e identidade”, escreve que:

[...] uma nova modalidade de música sertaneja começa a ser produzida a partir de então. Novas duplas destacam-se nesse período como Milionário e José Rico, Léo Canhoto e Robertinho, entre outros. O repertório produzido por essas duplas confunde-se com outro segmento, também em expansão chamado “brega”. Eram canções com temáticas românticas e melodramáticas que anunciavam a produção que se destacou no mercado fonográfico brasileiro a partir dos anos 80 com as duplas Chitãozinho e Xororó, Zezé de Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo, Gian e Giovani, dentre outras (ZAN, 2001, p. 4).

Nesse período, surgiram muitas músicas que, mesmo com todo esse passar de tempo, ainda permanecem ocupando posições de destaque nas plataformas musicais, rádios e karaokês, principalmente quando são relançadas na mídia, como por exemplo, a música “Evidências”, composta em 1989 por Paulo Sérgio Valle e José Augusto, gravada nas vozes da dupla



Chitãozinho e Xororó em 1990 e que ganhou uma repercussão sem precedentes. Logo, constitui-se como uma forma de comunicação e expressão cultural: “[...] a ‘música’ como uma capacidade humana, e sobre seu potencial como força intelectual e afetiva na comunicação, na sociedade e na cultura [...]” (BLACKING, 2007, p. 216).

Assim sendo, o sertanejo romântico consistiu em um período em que o gênero musical alcançou repercussão, ganhando notoriedade como símbolo cultural nacional. Da mesma maneira, começaria um processo de perda da identidade nas músicas, de retratar as músicas somente da vida do homem no campo, agora indo mais além, contextualizando-o no mundo globalizado, o qual não está mais isolado em um recorte espacial e, sim, articulado em outros espaços, alcançado sua notoriedade e contribuindo para diminuir o estigma que “ser do campo” é sinal de “atraso”. Ou seja, as canções que retratavam a “tristeza do jeca” e o “êxodo rural” sobre o sentimento de saudades em decorrência da ausência do campo, ficaram datadas em um período da saída do homem do campo em direção aos espaços urbanos, sem as mínimas condições de qualidade de vida.

Posteriormente, o sertanejo universitário iniciou-se a partir dos anos 2000, com a virada do milênio, permanecendo até a atualidade. Essa nova concepção da música sertaneja tornou-se a mais aclamada pela juventude, tocado em festas, baladas, rádios e plataformas de música. No entanto, com a música sertaneja, inicia-se o advento da fabricação da indústria fonográfica (ZAN, 2001), que com ela, a música perde um pouco da sua posição como expressão cultural e passa a ter um viés de venda, de produto, de comercialização. Sobre essa perda de raízes culturais:

As raízes culturais de um povo não devem-se perder no tempo, no entanto sabemos que esse perigo é real, devido às transformações que acontecem no mundo moderno; portanto, é de suma importância que este tipo de cultura seja salva guardado para que as futuras gerações possa desfrutar da riqueza do patrimônio presente neste estilo musical, que talvez, atualmente, seja o que mais sofre pressão dos meios de comunicação de massa e da música comercial, desfigurando, deformando e comprometendo sua autenticidade (SANTOS; BARBOZA 2019, p. 616).

Logo, essas mudanças no gênero musical retratam os cenários contemporâneos sociais, da dinâmica do capital e da comercialização. Desse modo, na sequência, serão evidenciadas as diferentes concepções relacionadas à música sertaneja universitária e como se tornaram expressão cultural e de identidade da juventude residente no campo.

### 3.2.2 *A música sertaneja universitária como expressão cultural: análise da(s) juventude(s) do campo*

A juventude caracteriza-se por ser fruto de um construto social, indo além de determinantes biológicos, destaca-se por “uma categoria social construída por múltiplas re-presentações e interpretações sociais” (VETTORASSI; FERREIRA; SOFIATI, 2021, p. 3). Castro (2009, p. 182) coaduna com os autores citados ao afirmar que a juventude “vem se desenhando em diferentes contextos como uma categoria marcada por relações de hierarquia social”. Nessa perspectiva, a autora alega que a juventude do campo é vista como uma parcela específica, um recorte delimitado; todavia, esse grupo possui uma identidade cultural estruturada, que deve ser considerada e analisada, posto que cada grupo apresenta características que os tornam únicos.

Rodrigo Kummer, em sua dissertação de mestrado<sup>29</sup>, destaca que a juventude rural “[...] se configura diante da diversidade e da heterogeneidade. Isto decorre do fato de que não é apenas “estar” no espaço rural e situar-se numa baliza cronológica de idade que configura de modo claro o que “é” um jovem rural ou o que é “ser” um jovem rural” (KUMMER, 2013, p. 58). De acordo com o autor, o recorte temporal da juventude é considerado flutuante, o qual varia dos quinze aos vinte e quatro anos.

Castro (2009) destaca, ao se reportar sobre a juventude do campo, que os primeiros preceitos se relacionam à questão do êxodo rural; por outro lado, Kummer (2013) explica que a literatura relaciona a juventude com o êxodo rural, no entanto é necessário a busca da compreensão desse grupo, deve-se detectar aos fatores socioculturais que influenciam e moldam o sujeito, a partir de suas relações (VETTORASSI; FERREIRA; SOFIATI, 2021), ou seja, tais fatores são um reflexo das suas próprias histórias, criando demandas sociais a partir de suas identidades.

Desse modo, devemos considerar que a juventude envolve uma série de fatores complexos para sua interpretação. Especificamente, a juventude do campo sofre um processo de exclusão; por isso, para conhecê-la, é necessário atentar a todos os elementos internos e externos que a compõe. Kummer (2013) destaca que a literatura necessariamente tende a considerar a juventude do campo nos aspectos de êxodo rural e não de pertencimento.

A cultura das populações do campo é deixada em segundo plano; no entanto nas regionalidades brasileiras, a cultura sertaneja e a caipira são muito valorizadas, sendo retratadas

---

<sup>29</sup> Intitulada “Juventude Rural, entre ficar e partir: a dinâmica dos jovens rurais da comunidade de Cerro Azul/SC”, pelo Programa de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

como marcas identitárias do Brasil. Para Ferreira *et al* (2020), a população brasileira possui um gosto musical muito eclético. Assim, se observarmos as dimensões territoriais do país e o processo da construção da identidade nacional cultural, “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das primeiras fontes de identidade cultural” (HALL, 2020, p. 29).

Logo, averiguamos a presença de povos com culturas distintas que contribuíram para esse ecletismo, sustentando, dessa maneira, a ideia que os autores defendem, do Brasil ser diverso até no eixo musical. A relação estabelecida entre a música e a sociedade é fruto de uma historicidade, visto que “a relação entre música e sociedade é complexa, pois se insere em determinado contexto histórico e em determinadas relações de produção desta sociedade” (TELES, 2019, p. 22). Como reiterado anteriormente, o modo de produção vigente influencia nessa relação e, por outro lado, continua sendo uma maneira de manifestação cultural.

Pacheco (2015) chama a atenção a um racismo rural, disfarçado e camuflado, o qual acaba por desqualificar a população residente no campo. Para o autor (2015, p. 431), isso “traz à cena a imagem de um folclore e um preconceito que o colonizador instituiu sobre a população campesina ao longo dos anos”. Além da logística do consumismo priorizar o modelo instituído de produção que mais permite lucro, a partir dessa apropriação indébita pelo modelo capitalista, que constituíra nos espaços urbanos, “[...] o urbano representa para muitos o auge civilizatório” (VETTORASSI; FERREIRA; SOFIATI, 2021, p. 6).

Já os autores Prados e Geraldês (2012) observam que as práticas culturais são renovadas na contemporaneidade; por outro lado, muitos saberes e fazeres permanecem vivos e marcam-se como elementos atemporais. Dessa forma, um grande obstáculo é o ponto midiático que, visando alcançar os parâmetros da indústria cultural, tenciona vender a imagem de “caipiras modernos”. Essa imagem, largamente difundida, causa receio à juventude do campo, que sente receio de ser rotulada a pertencer a esse grupo antigo e estereotipado.

No que lhe concerne, a modernização das sociedades intensificou as relações entre o rural e o urbano, ou seja, entre o campo e a cidade. De fato, esses espaços não são dicotômicos, não formam dois extremos, mas se entrelaçam; nesse sentido, todos esses elementos são incorporados na construção da cultura das populações do campo, são determinantes para apresentação de seu legado para o mundo, pois “as práticas de resistência contribuem para o respeito às diferentes culturas e evidenciam os saberes marcados em cada cultura [...]” (CORRÊA, NEVES, 2021, p. 9).

Um dos elementos que caracteriza as práticas de manifestações culturais e gostos das juventudes do campo é justamente a música sertaneja. Em relação a essa preferência, Ferreira

*et al* (2021, p. 232) afirmam que esse “é o gênero musical mais apreciado, liderando as pesquisas em praticamente todas as capitais”, demonstrando, dessa forma, uma propensão cultural acima das barreiras entre o rural e o urbano. Santos (2018), por seu turno, relaciona o gosto musical a ser estudado pela perspectiva da Sociologia Musical, posto que se refere a como o indivíduo relaciona seus gostos pessoais e suas práticas sociais.

De acordo com Teles (2019, p. 25), “[...] o sertanejo universitário é um ritmo advindo da indústria cultural<sup>30</sup> e do regime de acumulação integral capitalista”. Com as transformações decorrentes no tempo, moldaram-se novas formas de interpretações sociais. Isso faz com que esses atores envolvidos influenciem na produção do gosto e do estilo musical predominante. É, nesse sentido, que se observa um coletivo compartilhado entre membros da comunidade, uma vez que, “dessa forma, analisar o gosto pelo Sertanejo Universitário atuando em um coletivo significa considerar o que dizem os jovens sobre suas práticas coletivas” (SANTOS, 2018, p. 525). Resultam-se de práticas coletivas como o gosto, algo em comum como, por exemplo, o gosto pela música sertaneja; portanto, “[...] o gosto como o resultado de uma série de práticas que os jovens estabelecem com a música, tais como a escuta constante, a execução de um instrumento, o canto, a dança, as amizades, o estar em família” (SANTOS, 2018, p. 526).

Segundo as concepções de Teles (2019), a música sertaneja, bem como todas as outras manifestações artísticas culturais repassam valores e significados; nesse sentido, o estilo Sertanejo Universitário representaria um modelo dominante, sendo que o autor sugere a concepção de luta cultural. É nesse sentido que se sobressai a ideia de que os jovens buscam não estar somente presos a ideais defendidos pela Indústria Cultural, mas que esse estilo musical represente de fato as juventudes do campo com seus gostos e da forma que são, que se sintam bem, pois “a luta cultural perpassa uma luta mais ampla, que é a luta de classes” (TELES, 2019, p. 30).

A preferência da juventude campestre pelo estilo “sertanejo universitário” tem influenciado nos padrões culturais, pois nessa seara musical, na atualidade, tudo gira em torno do dinheiro, ou seja, de onde vem o lucro, como propunha Max Horkheimer e Theodor Adorno (1978), ao caracterizarem os gêneros artísticos da indústria cultural e sua lógica capitalista. Por

---

<sup>30</sup> O termo “indústria cultural”, bastante conhecido hoje, foi desenvolvido por Max Horkheimer e Theodor Adorno, no capítulo “Indústria cultural”, que integra a obra *Dialética do Esclarecimento*, de 1944. O conceito dos autores de “indústria cultural” refere-se à produção em massa, típica das fábricas e indústrias, que foi adaptado às produções artísticas com fins comerciais, tais como músicas, filmes, espetáculos e outras produções. Mais informações em: ADORNO, Theodor Ludwig. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (org.) **Comunicação de Cultura Industrial**. 4.ed. São Paulo: Nacional, 1978.

outro lado, em relação a essa juventude, esse gênero está relacionado à resistência, como uma forma de manutenção de sua identidade cultural ao resistir a padrões culturais elitistas estabelecidos, demonstrando, assim, que “ser do mato, é sinal de orgulho”.

Conforme discutimos na seção anterior, ainda que algumas produções culturais – como o estilo de música sertaneja – façam parte do mercado capitalista que visa o lucro, configurando no que Adorno e Horkheimer (1978) denominaram de “indústria cultural” por, entre outros argumentos, impor uma padronização do gosto dos consumidores, o fato é que, para a juventude do campo aqui analisada, essas músicas trazem representações identitárias e culturais relevantes de autoafirmação e orgulho do seu pertencimento ao espaço do campo.

Nessa perspectiva, propõe-se, na sequência deste tópico, a análise de algumas músicas sertanejas, como elementos de identificação da identidade cultural da juventude do campo.

A música “A roça venceu”, de Antony e Gabriel, que integra o álbum homônimo, lançado em 2021, por exemplo, traz em sua letra trechos de valorização das pessoas que vivem no campo, utilizando de uma melodia carregada por ironia e de uma linguagem marcada pela oralidade e pelo uso do dialeto caipira. Para isso, a canção introduz a concepção de que é denotado que povos do campo não terão sua “vez” socialmente como, por exemplo, “conquistar uma menina” ou ter uma caminhonete; no entanto, seu sucesso na internet prova que essa concepção está superada, conforme expressam os versos abaixo da música:

Quem usa só chapéu e botina  
Nunca vai cair no gosto das meninas  
Quem anda de cavalo e charrete  
Não vai dar cavalo de pau na caminhonete  
E olha quem tá estourado na internet.  
(ANTONY; GABRIEL, 2021).

A visibilidade da música entre a juventude com seu grande acesso nas redes sociais comparece no verso: “e olha quem tá estourado na internet”, o qual demonstra um fenômeno apresentado por Hall de que elementos culturais locais ganham destaque e notoriedade, substituindo a ideia de um padrão cultural hegemônico, em que “[...] assim, ao invés de pensar no global como substituindo o local, seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o ‘global’ e o ‘local’ (HALL, 2020, p. 45), ou seja, a música sertaneja ganhou espaço, sendo uma das formas de cultura popular.

Nesse sentido, além de mostrar o empoderamento da “roça” que “venceu”, a música coloca em evidência elementos culturais típicos do Brasil rural como o lucro com a venda do gado, o uso da cachaça e a indumentária caracterizada pelo “chapéu” e “botina”, opondo, dessa

forma, o “peão” da roça com o “playboy” da cidade, concluindo que, mesmo mantendo algumas de suas raízes culturais, o homem da roça pode ter uma vida confortável como o da cidade, afirmando assim sua identidade cultural.

Outra forma de manifestação cultural por música sertaneja é apresentada em “Amor Rural”, lançada em 2021, do cantor Gabeu, no álbum *Agropoc*. Em relação a essa composição, é importante destacar que o cantor é filho do também cantor Luiz Felizardo, mais conhecido popularmente como Solimões, da sua dupla com Rio Negro, a qual teve notoriedade no final dos anos 1990 e início de 2000. Já Gabeu ganhou notoriedade ao lançar sua música, conforme um trecho apresentado da letra a seguir:

Ah, já passei tanto tempo só sentindo vontade  
 Cada pedaço dessa roça esconde a verdade  
 Por dentro dessa mata não falta desejo  
 ‘Vamo’ assumir o nosso amor rural  
 Sai desse armário e vem pro meu curral  
 (GABEU, 2021).

Na letra da canção comparecem ironias e metáforas, pois a criticidade é aliada de um som que usa elementos da música raiz, mas com elementos modernos. Devido a isso, apresenta um “espanto” ao primeiro momento, mas demonstra-se como uma prova da diversidade hoje existente no campo, a qual “quebra” o estereótipo de um local heteronormativo e conservador.

Esse movimento iniciou-se por meio do subgênero *queernejó*<sup>31</sup> pertencente à música sertaneja, o qual nasceu a partir do movimento de jovens LGBTQIAPN+, possuindo relação com o gênero sertanejo, portanto o ritmo sertanejo universitário, torna-se uma forma de revelação de necessidades, como dar voz aos jovens homoafetivos, o empoderamento da roça, as ironias na representatividade das novas formas de vida, no mundo rural globalizado.

Contudo, na música aparecem vozes dos homoafetivos que não se sentiam representados no gênero. Marcada por forte erotismo e afirmação do desejo homoerótico, temática estranha ao mundo do sertanejo raiz e mesmo universitário composto de peões másculos e heterossexuais, a música tem atualidade ao mostrar as várias representações de gênero e sexualidade e ao propor a visibilidade e a afirmação do amor entre dois homens, em versos como:

---

<sup>31</sup> A teoria *queer* propõe-se a estudar as desconstruções do gênero, partindo da premissa das orientações sexuais como um construto social, não sendo natural. De acordo com Gamson (2006, p. 347), “a teoria *queer* e os estudos *queer* propõem um enfoque não tanto sobre populações específicas, mas sobre os processos de categorização sexual e sua desconstrução”.

Sai desse armário e vem pro meu curral  
 Como ‘nóis’ nunca se viu  
 Duas potrancas no cio  
 Num cruzamento adoidado  
 Vamo assumir o nosso amor rural  
 Larga essa inchada e pega no meu \*\*\*  
 Quero montar na sua cela  
 Cavalgar até ela descobrir  
 Que nós é viado  
 (GABEU, 2021).

Com efeito, apesar do ambiente opressor e lutando contra a hegemonia heterossexual masculina no gênero, o subgênero *queernejó* está em ascensão dando voz aos jovens homoafetivos que vivem no espaço rural, mas enfrentando um espaço desleal de competição, em decorrência dos investimentos milionários por trás do sertanejo universitário.

Também se destaca como subgênero da música sertaneja, o “feminejo”. Tendo como característica principal o empoderamento feminino, ganhou notoriedade com a recém-falecida cantora Marília Mendonça, no álbum *As Patroas*, de 2020, em parceria com a dupla Maiara e Maraisa, no qual as temáticas das músicas são relacionadas ao amor, à traição, à “sofrência”, à bebedeira, temáticas essas, até então, restritas aos homens. No entanto, é preciso considerar que as músicas sertanejas, por parte de cantoras, consagraram artistas como: As Galvão, Inezita Barrosa, Roberta Miranda e, mais recentemente, Paula Fernandes, precursoras do *feminejo*. Assim, o sucesso e a ascensão em termos de mercado de mulheres como Marília Mendonça, assim como as duplas Maiara e Maraisa e Simone e Simária são resultados de uma luta anterior de cantoras sertanejas por reconhecimento e visibilidade.

Nessa perspectiva, a maior expressão do feminejo repercutiu no final do ano de 2016. Um exemplo do movimento é caracterizado na música “Boiadeira”, da cantora Ana Castela, em que a letra demonstra uma moça que fixou suas raízes no campo, deixando de ser a “patricinha” rica e com *status* social da cidade para viver uma vida modesta no espaço rural, em que o “Dolce & Gabana agora foi trocado / Por um perfume com cheiro de mato”. Essa opção pela vida do campo também marca a afirmação de uma identidade cultural ligada a esse espaço, conforme expressam os versos a seguir:

Ela que era cheia de não me toque  
 Agora ‘tá tocando o gado  
 A maquiagem dela agora é poeira  
 A patricinha virou boiadeira  
 Largou o vinho pra tomar cerveja  
 A patricinha virou boiadeira  
 (ANA CASTELA, 2021).

É importante destacar que o movimento feminejo contribuiu para as mulheres conquistarem um espaço em um universo artístico antes dominado somente pelos homens, onde as coloca no centro das histórias contadas na música sertaneja. Assim, “[...]o feminejo é uma ferramenta que democratiza o conteúdo do movimento feminista, levando-o a grupos sociais que até então se viam excluídos do debate” (SEIXAS, 2020, p. 56), permitindo às mulheres serem e agirem como quiserem; todavia, necessita avanços, como é destacado pelo autor, ao evidenciar que muitas vezes essa representatividade ocorre vagamente, mas é uma saída, uma alternativa ao machismo ainda vigente na sociedade.

Dessa maneira, a música tem um papel fundamental ao entendimento de estilos de vida, conseqüentemente a identidade cultural, por se configurar um elemento simbólico, a qual está em uma constante reinvenção, em simultâneo em ser resistência e representatividade.

### *3.2.3 Dos processos socioculturais aos processos educativos do homem do campo*

A juventude residente no campo é caracterizada por muitas identidades culturais que mesclam elementos culturais de seus antepassados, alinhado com as “novidades”, tecnologias e o mundo “pop” contemporâneo. Permitindo uma continuidade do legado de ser do “campo”, concomitantemente às modernidades, as músicas sertanejas analisadas anteriormente demonstram que no campo há a diversidade identitária.

Desse modo, essas composições musicais podem ser caracterizadas como expressões culturais das distintas juventudes existentes no campo que, apesar de ser o mesmo recorte espacial, têm muitas representações a serem estudadas e analisadas pelos Estudos Culturais. Cada grupo cultural é único, é necessário compreender de onde esses sujeitos envolvidos falam, o que querem dizer, o que sentem, como vivem.

São sujeitos, atores e transformadores do espaço e tempo que vivenciam, inovam, apresentam suas marcas, suas tradições e movimentos e, dentro de sua realidade, podem contribuir para mudanças em prol da construção de uma sociedade igualitária, democrática, inclusiva e coletiva.

Dessa maneira, esse processo poderá ser incorporado aos processos educativos, tendo em vista a sua construção e sua continuidade através de sua transmissão geracional. Nesse aspecto, o autor Marcos Antonio da Conceição Silva (2018) destaca que:



Ao se abordar a temática “cultura”, esta faz referência ao que o homem produz, podendo esta ser reproduzida como herança de pais para filhos; não são exatamente produto espontâneo, mas resultam das ações humanas. Em razão disto, a cultura também pode ser ensinada e aprendida pelas gerações que se seguem, sendo implícito que estas estão encarregadas da sua preservação. Quando se refere à sua função de transmitir valores culturais da educação, seu significado se traduz como uma riqueza de conhecimentos e competências, institucionais, integradas de valores e de símbolos, compostos durante diversas gerações [...] (SILVA, 2018, p. 3).

Por conseguinte, os processos socioculturais que ocorrem no campo não devem ser colocados em segundo plano, o direito à terra, as formas de produção agrícola que não poluam o meio ambiente e sejam sustentáveis, além de todo o aparato que considera formas de vida que valorizam as diversidades culturais existentes no mundo campestre, destaca-se que o campo é um espaço rico e diverso, produto e produtor de sua própria cultura, cuja valorização poderá ocorrer a partir dos processos educativos. Nesse sentido, o campo:

É um espaço emancipatório, um território fecundo de construção da democracia e da solidariedade, ao transformar-se no lugar não apenas das lutas pelo direito a terra, mas, também, pelo direito à educação, à saúde, à organização da produção, pela preservação do meio ambiente, etc. São lugares simbólicos permeados pela diversidade cultural, pela multiplicidade de geração e recriação de saberes, de conhecimentos, que são organizados com lógicas diferentes, de lutas, de mobilização social, de estratégias de sustentabilidade (CARVALHO, 2011, p. 100).

Assim sendo, podemos observar que, com o passar das décadas, houve um pré-conceito em relação à população residente no campo por ter a ausência de muitas características que as colocavam como inferiores às populações residentes nos espaços urbanos, com tal característica advindo de uma herança colonial e racista. Diante disso, Carvalho (2011, p. 70) pontua que “[...] acreditamos que por mais pressão que tenham sofrido os povos do campo, sendo claramente chamados de retardados e sem capacidade de mudar, sua teimosia era e é uma forma de manter seus costumes [...]”.

Dessa forma, a educação pode permitir o entendimento do real, ou seja, uma forma de combater a negação que ocorre para a própria história. Para Silva (2018):

Já a educação, [...] é um segmento que integra a cultura; reproduzindo e cuidando dos valores a ela intrínsecos, conseqüentemente, não obstante que a educação ignore que está inserida em uma realidade onde sua função é a organização e sistematização da estrutura social, onde é participante. Entenda-se que, como a educação é um fator que constitui e é constitutivo a partir da cultura, e esta deve estar no ponto para ser capaz de auxiliar na promoção da formação necessária para a integração da sociedade, visando conjuntamente e

em prol desta, as ferramentas indispensáveis à aprendizagem dos conhecimentos com real significado social (SILVA, 2018, p. 4).

Kummer (2013) corrobora com Silva (2018), ao destacar que os processos educativos auxiliam os sujeitos nas suas escolhas em relação ao seu futuro no campo, entre o “ficar e partir” está inserido um processo de construção, o qual com o apoio da educação em sua função de libertação do indivíduo auxiliará na tomada de decisão desse jovem a partir do seu projeto de vida, constituídos de uma força interior do sujeito e projetando para além de si. (ARAUJO; ARANTES; PINHEIRO; 2020)<sup>32</sup>.

Essa discussão sobre os projetos de vida, como uma premissa de formação do sujeito a partir do seu contexto sociocultural, está relacionado a três instâncias: amplitude e estabilidade (metas a longo prazo); significado pessoal e transcendentalizante (força interior que manifesta no exterior); e algo a ser realizado (não são fins determinados, mas sim, aqueles que consideram um percurso de vida), a qual podem impactar outros sujeitos, permitindo uma formação integradora. Desse modo, no contexto da realidade do campo, permite o desenvolvimento da comunidade – nesse estudo, a juventude.

Tendo em vista a diversidade de práticas culturais existentes dentro do campo, uma proposta educacional que vise a formação para a vida dos sujeitos residentes nesse espaço se faz mais que necessária, a qual priorize a construção de seus projetos de vida. Nesse aspecto de diversidade, destaca-se que “viver no campo cada vez mais denota um conjunto significativo de possibilidades. Se não se pode falar em uma única juventude rural, muito menos falar-se-á em uma única agricultura ou uma única perspectiva de rural [...]” (KUMMER, 2013. p. 24).

Portanto, a vida é uma eterna constante, nós seres humanos nunca paramos de projetar sonhos e metas a serem alcançadas, nisso se constrói o que se pode considerar como sendo o sentido da vida, esta constante busca pela felicidade, pelo bem-estar e o sentimento de pertencimento ao mundo (ARAUJO, ARANTES, PINHEIRO; 2020).

É necessário reconhecer que as juventudes não se delimitam somente por suas condições biológicas, mas sim, indo muito mais aprofundado a sua construção cultural, social e histórica. Portanto, revela-se necessário desconstruir o significado de ser jovem. A juventude deve ser interpretada no plural, reconhecendo as diversidades juvenis, em suas principais características

---

<sup>32</sup> No livro “Projeto de Vida - Fundamentos Psicológicos, Éticos e Práticas Educacionais”, publicado no ano de 2020 pela editora Summus, os autores Ulisses Araújo, Valéria Arantes e Viviane Pinheiro, que são estudiosos da área da Educação, destacam as premissas educacionais para um processo de ensino-aprendizagem que permita a construção dos projetos de vida dos estudantes, sendo uma vertente da educação do futuro que parte do princípio da formação pessoal, profissional e social do sujeito, não atendo-se somente à formação curricular.

que, apesar das especificidades, integram-se em um mesmo contexto. Kummer (2013) corrobora com os autores, ao destacar que:

A operacionalização da análise da categoria juventude deve, invariavelmente, levar em conta as “muitas” juventudes manifestas em diferentes espaços. Nesse sentido é importante considerar como característica inerente à condição juvenil as inferências e influências do momento em que se encontram os jovens, entendido como uma transição que lhes colocam em sensível estado de mal estar. Decidir que caminho seguir, por qual profissão se dedicar, estudar ou não, que área de estudos optar, que local de moradia, etc., é bastante complexo. E as decisões precisam ser tomadas (KUMMER, 2013, p. 51).

Neste sentido, a juventude está relacionada a diferentes possibilidades e relações com o próprio meio em que vive, portanto o ponto de partida é considerar o espaço rural e as práticas culturais camponesas que influenciarão esse sujeito na construção de seu futuro, no qual esteja envolto ao senso de pertencimento e arguição à transformação da sociedade para um modelo ético e justo.

Assim, Carvalho (2011) corrobora com Kummer (2013) ao destacar que os processos educativos fundamentarão esses diferentes espaços relacionados ao campo, nos quais os sujeitos residentes permeiam, para o cumprimento de sua função social. Dessa forma:

[...] a educação do campo como toda ação educativa, que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher a si os espaços pesqueiros, caçaras, ribeirinhos e extrativistas e fundamenta-se nas práticas sociais constitutivas dessas populações: os seus conhecimentos, habilidades, sentimentos, valores, modo de ser e de produzir, de se relacionar com a terra e formas de compartilhar a vida (CARVALHO, 2011, p. 100).

Sendo que o primeiro passo é a necessidade de elencar a importância e equidade do jovem que é residente do espaço rural com o do espaço urbano. Desse modo, os processos educativos contribuirão a esse senso de pertencimento e valorização: “o jovem rural em certa medida se vê estigmatizado diante da aproximação entre o mundo rural e urbano. Isso decorre do fato que o centro de análise é valorativamente urbano. Ser ou parecer rural é ser diferente do padrão social” (KUMMER, 2013, p. 59).

Estamos vivenciando um contexto de mudanças no campo educacional, no qual destaca-se o rompimento com o modelo de ensino tradicional que não atende às demandas sociais atuais. Desde a Antiguidade Clássica até os tempos atuais, a Educação se constituiu como um reflexo

das sociedades, marcadas em um tempo e espaço, sendo assim, não condizentes com o período que vivenciamos atualmente.

Por trás da Educação há um fundamento socializador, um propósito, uma intenção, não há neutralidade: “[...] é impossível uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral [...]” (FREIRE, 2006, p. 23). Essa percepção da educação deve ser utilizada no planejamento social, já que muitos avanços que conhecemos nas sociedades modernas advêm de lutas, resistências e revoluções que buscaram o bem-estar coletivo. Silva (2018) tenciona que a Educação relacionada às práticas socioculturais permite ao homem exceder suas limitações, emancipando-o e tornando crítico:

[...] é possível identificar que a cultura consiste em um processo de aquisição de conhecimentos de alta complexidade conferindo ao homem o potencial de exceder suas limitações partindo de suas experiências pessoais, implicando na diversidade cultural, de onde sua assimilação é critério de conhecimentos específicos, de responsabilidade da Educação e que, por conseguinte, é constituída de dialogicidade orientada para o desenvolvimento humano, e mediado com ferramentas culturais que tornem possível as experiências íntimas prementes à aquisição de tais conhecimentos (SILVA, 2018, p. 14).

Nesta pesquisa, o viés educacional está relacionado à Educação do Campo, que consiste em uma modalidade de ensino voltada à educação de crianças, jovens e adultos vivendo em áreas do campo, sendo uma política pública a evitar o êxodo rural, é uma forma de acesso à educação aos povos do campo sem a necessidade de ter que se deslocar às cidades. A Educação do Campo configura-se “um conceito político ao considerar as particularidades dos sujeitos e não apenas sua localização espacial e geográfica” (PARANÁ, 2006, p. 24).

A partir das considerações elencadas nesta seção, podemos compreender que os processos culturais são produtos e produzidos pelos indivíduos que se localizam nesses contextos de diferentes recortes espaciais, nos quais a Educação pode cumprir sua função social a partir de processos socioculturais existentes, configurando-se como um elemento emancipador. Como observado no campo, onde por meio da modalidade da Educação do Campo permite que os jovens se sintam valorizados e pertencidos. É um movimento que teve início recentemente, a passos lentos, portanto necessita de políticas públicas que contribuam ao seu pleno desenvolvimento.

Nesse sentido, na próxima seção, serão apresentados os resultados da pesquisa *in loco* que foi aplicada em um colégio localizado na área rural, que contempla a oferta de ensino voltado às premissas da Educação do Campo e que se configura como uma forma de (re)existência dos povos do campo em suas práticas culturais.

## **4 A IDENTIDADE CULTURAL DA JUVENTUDE DO CAMPO E OS PROCESSOS EDUCATIVOS**

Tendo em vista a discussão realizada sobre as temáticas de cultura e identidade cultural, a presente seção evidenciará como a identidade cultural da juventude do campo se configura na contemporaneidade, a partir da pesquisa realizada *in loco* considerando a instituição escolar escolhida para a aplicação dos questionários e entrevistas semiestruturadas. Tal instituição concentra-se como o “coração” da pesquisa, haja vista a relação que será estabelecida entre as teorias estudadas de Hall (2020) e Bauman (2005), como exemplo, com elementos da cotidianidade: a identidade cultural.

Nesse sentido, esta seção encontra-se organizada em quatro subseções, sendo a primeira intitulada “Dos processos metodológicos da pesquisa”, enquanto a segunda “Análise de um colégio do Campo” que está estruturada no tópico “Da modalidade de ensino da Educação do Campo”, prosseguindo pela terceira subseção “Cultura e Identidade Cultural: o que pensam os professores da Educação do Campo?” estruturada no tópico “Da análise dos resultados às sugestões a prática docente”, finalizando com a subseção “Cultura e Identidade Cultural dos estudantes do Campo: caipiras ou *agroboys*?” dividida em dois tópicos “Análise dos resultados” e “Estudos culturais como elemento do desenvolvimento social”.

### **4.1 Dos processos metodológicos da pesquisa**

Antes de iniciar a descrição do aporte metodológico da pesquisa, devo constatar minha relação enquanto pesquisador, em simultâneo ao trabalho de educador que desenvolvo no Colégio Estadual do Campo de Alto São João desde o ano de 2020, no qual iniciei minha jornada enquanto docente; logo, o *locus* da pesquisa considero “meu segundo lar”. Por haver tal proximidade, pude realizar essa etapa da pesquisa exitosamente, o que talvez não seria possível caso não fosse um ambiente ao qual estou tão habituado, focando na valorização de cada um dos meus estudantes concomitantemente à contribuição no desenvolvimento local a partir das potencialidades culturais.

O aporte metodológico foi constituído de pesquisa exploratória, permitindo uma investigação da temática ampla e abrangente, por meio de procedimentos de análise bibliográfica/documental e levantamento de dados quali-quantitativos (GIL, 2008). Portanto, a pesquisa ocorreu em fases.

A partir do levantamento bibliográfico realizado, em que foram consideradas as palavras-chave cultura, identidade cultural e juventude do campo e com as análises sobre essas temáticas a partir das interfaces da interdisciplinaridade previamente apresentadas, foram contrastadas com o perfil social/cultural da juventude residente na área rural matriculada no Ensino Médio do ciclo da Educação Básica.

Portanto, realizaram-se as atividades *in loco* no Colégio Estadual do Campo de Alto São João. Essa instituição escolar será retratada na próxima subseção, na qual contou-se com análise da modalidade de ensino e objetivos pedagógicos, a partir do site “Consulta Escolar Paraná” que fornece dados estatísticos das instituições de ensino do estado, além de documentos orientadores sobre a Educação do Campo e ao Tempo Integral e o projeto político pedagógico (PPP) escolar. Além da aplicação de questionários semiestruturados aos estudantes, professores e equipe pedagógica e gestora.

A partir da aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP UNESPAR, protocolado na Plataforma Brasil pelo número CAAE - 52685221.0.0000.9247, e autorização da gestora do Colégio, buscou-se desenvolver a aplicação dos questionários com os estudantes. Foi inicialmente aplicado um questionário piloto com um estudante para o aprimoramento das perguntas a serem postas no rol de questionamentos sobre o tema de estudo. Posteriormente, um a um, cada estudante do Ensino Médio foi informado da pesquisa que estaria participando, recebendo um resumo e objetivos do estudo; logo após, respondeu-se o questionário em um espaço reservado no Colégio, sob minha supervisão enquanto pesquisador.

Buscando manter-se a confidencialidade da identidade dos participantes da pesquisa, optou-se em atribuir a nomenclatura “E1, E2, E3”, sucessivamente para cada estudante que respondeu às perguntas propostas do questionário.

Desse modo, ocorreu no ano de 2022, entre os meses de novembro e dezembro, a aplicação de 27 questionários semiestruturados aos estudantes do Ensino Médio (13 que cursaram a 1ª série, 5 a 2ª série e 8 a 3ª série). O recorte geracional da juventude do Campo foram os estudantes regularmente matriculados na instituição de ensino, na fase do Ensino Médio, por estarem em um momento ao qual suas identidades culturais encontram-se em fase inicial de formação, além de ser um momento marcado por angústias e preparação para a trajetória após o término de conclusão dos estudos propostos pela Educação Básica.

Esse momento vivenciado pelos estudantes do Ensino Médio residentes na área rural vai ao encontro das problemáticas levantadas nesse estudo, como a dualidade entre o “ficar e o partir”, além da valorização da cultura relacionada ao seu local de origem. Esses dois subitens

são essenciais ao pertencimento local, logo contribuirão ao seu progresso a partir do desenvolvimento que focará na qualidade de vida dos habitantes dessa comunidade.

Portanto, as perguntas presentes no questionário buscaram identificar nesse grupo participante da pesquisa itens relacionados aos hábitos, costumes, tradições, movimentos, gostos musicais, culinários, lazer, atentando às transformações do modo de viver na área rural, além da relação dos mesmos com a área urbana e como expressam e se identificam como sujeitos culturais, tendo em vista a ampla difusão dos meios de comunicação como a internet, além da integração e expansão de suas culturas com outros referenciais culturais espalhados pelo mundo, a partir da globalização. Os dados obtidos foram transcritos, agrupados a partir de respostas com similaridades, referentes aos pensamentos dos estudantes e analisados, tal como serão apresentados na próxima subseção.

Nesse ínterim, por meio desta pesquisa exploratória, proporcionamos uma visão geral sobre a identidade cultural da juventude do campo a partir do levantamento de hipóteses que poderão ser aprofundadas em estudos futuros sobre o objeto da pesquisa, permitindo dessa forma a constante análise de como o tema está em desenvolvimento e em contribuição com o conhecimento científico.

Diante disso, visamos complementar diferentes pontos de vistas sobre a temática com a aplicação de questionários também com os professores da instituição escolar. Uma adaptação do início da pesquisa para o momento de trabalho de campo consistiu-se em que inicialmente os docentes participantes do estudo seriam aqueles que lecionam componentes curriculares da área das Ciências Humanas, no entanto pela instituição apresentar um número reduzido do corpo docente, estendeu-se às demais áreas, tendo como participantes docentes de Geografia, História, Sociologia, Ciências Biológicas, Química, Arte, Língua Portuguesa e Inglesa.

De modo a garantir o anonimato da identidade dos docentes participantes da pesquisa, atribuiu-se a simbologia “D1, D2, D3”, sucessivamente a cada docente que respondeu os questionamentos propostos a partir do questionário.

Sendo assim, o critério utilizado aos docentes participantes da pesquisa foi o tempo de trabalho com a Educação do Campo, os quais puderem contribuir a partir de sua visão crítica sobre o olhar referente às mudanças nas vicissitudes de seus estudantes do campo ao passar dos últimos anos, e como esse fenômeno sociocultural vem afetando o trabalho pedagógico sobre a temática da Cultura em sala de aula. As respostas foram transcritas, analisadas e serão apresentadas nas próximas seções deste estudo.

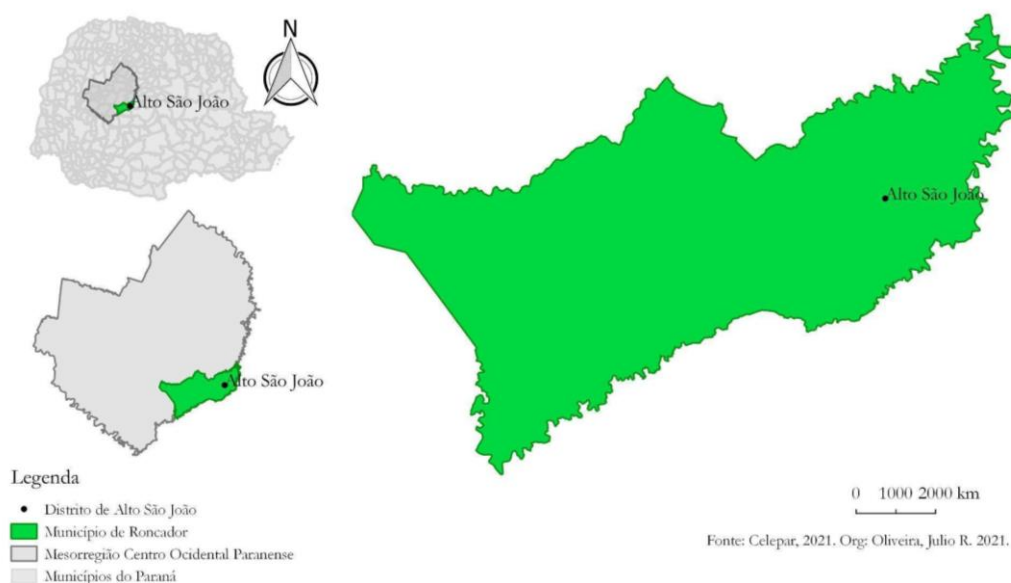
Por fim, a partir dos estudos teóricos e pesquisa *in loco*, visamos evidenciar as análises na redação que visam contribuir com uma perspectiva de desenvolvimento a partir de elementos

socioculturais, presentes em comunidade e que reforçam o espírito coletivo de pertencimento ao local. Desse modo, é um intensificador para que as populações coletivamente busquem desenvolver os espaços físicos e simbólicos que ocupam. Esse processo de identificação e pertencimento às localidades relaciona-se com objetos, símbolos e espaços compartilhados, como, por exemplo, os significados do Colégio Estadual do Campo de Alto São João ao distrito de mesmo nome, o qual será apresentado a seguir.

#### 4.2 Análise de um colégio do Campo

A instituição escolar escolhida como lócus da pesquisa foi o Colégio Estadual do Campo de Alto São João, localizado no distrito de Alto São João, no município de Roncador/PR e pertencente ao Núcleo Regional de Educação (NRE) de Campo Mourão. A Figura 1 apresenta a localização geográfica do distrito:

**Figura 1:** Localização do distrito de Alto São João



**Fonte:** Os autores (2023).

O Colégio Estadual do Campo de Alto São João - Ensino Fundamental e Médio está localizado a uma distância de 22 km do município de Roncador, no endereço Avenida Alto São João s/n; Distrito de Alto São João, com CEP: 87323-000, pelo Núcleo Regional de Educação (NRE) de Campo Mourão. Deu início a suas atividades escolares em 1984 no mesmo local que funciona a Escola Municipal do Campo Afonso Camargo, permanecendo no mesmo prédio até 2008, até a construção do prédio que atenderia o novo Colégio. Com o suporte ao



desenvolvimento da educação na modalidade em tempo integral, a instituição escolar é representada na Figura 2.

**Figura 2:** Colégio Estadual do Campo de Alto São João



**Fonte:** Os autores (2023).

A inauguração do novo local ao qual seria o Colégio se deu no dia 21/05/2010. O Colégio foi fundado, a princípio, com o propósito de fortalecer a região, que era carente de um Ensino Médio, detendo em suas proximidades apenas ensino de séries iniciais do Ensino Fundamental, além da inviabilidade de se ter acesso às aulas, devido à grande distância e escassez de recursos de transporte até o centro urbano do município de Roncador.

No ano de 2012, conforme resolução nº 2266/12 DOE 27/04/2012, a nomenclatura do Colégio foi modificada para Colégio Estadual do Campo de Alto São João e, em 2013, ofertando o Ensino Fundamental séries finais em Tempo Integral com turno único. O Colégio, então, com o Ensino Fundamental, passou a ter um total de 45 horas/aulas semanais e o Ensino Médio 25 horas/aulas semanais, sendo de 50 minutos a hora/aula. No ano de 2023, com as mudanças ocasionados pela reforma do Novo Ensino Médio, que contempla o aumento de carga horária, a instituição passou a ofertar a Educação em Tempo Integral no Ensino Fundamental e Médio.

O colégio detém em seu interior cerca de 42 alunos do Ensino Fundamental e 31 alunos no Ensino Médio, totalizando, assim, 73 alunos matriculados. Além de atender a comunidade

do distrito de Alto São José, também atende a mais 8 comunidades da região, sendo estas: Encruzo, Três Estrelas, Rio Bonito, Rio Liso, Beira Rio, Mandaçaia, Palmital de Baixo, Alto Progresso e Água da Cruz.

Como parte de sua estrutura física e seus materiais, juntamente aos espaços destinados ao cunho pedagógico, a instituição conta com 2 laboratórios de informática com 20 computadores cada, 1 laboratório de ciências, biblioteca ampla, 8 salas de aula, 1 sala de reunião, cozinha, refeitório, sala dos educadores, direção, orientação, almoxarifado, secretaria, 1 sala multidisciplinar, banheiros em todos os blocos e 2 banheiros específicos para cadeirantes, elevador e uma quadra esportiva coberta. No que diz respeito aos recursos humanos do Colégio, encontra-se um total de 30 funcionários, sendo eles servidores em funções de apoio técnico pedagógico (13) e professores em regência de disciplina, totalizando 17, divididos entre período de 40 horas, 20 horas, entre outros.

Ao referirmos à comunidade, à qual a instituição atende, trata-se de famílias com suas histórias de vida relacionadas às atividades agropecuárias, onde os imóveis rurais variam de extensão, desde as pequenas propriedades de origem familiar, voltadas para atividades de subsistência, até grandes propriedades rurais que concentram atividades voltadas ao agronegócio.

Nesse aspecto, a população local apresenta diferentes camadas e nuances, desde pequenos agricultores, que tencionam suas fontes de renda a partir de atividades agropecuárias, até aqueles que prestam serviços como “boias frias”, além de trabalharem esporadicamente em outros estados, como nos períodos das colheitas, além de programas de incentivo (uma parcela que vive exclusivamente de auxílio da Bolsa Família e outros programas de procedência governamental) e iniciativas realizadas pelo poder público municipal, por intermédio da Secretaria de Assistência Municipal<sup>33</sup>.

Portanto, observamos que as trajetórias de vida dos sujeitos pertencentes à comunidade escolar estão relacionadas ao espaço rural. Essa relação influencia nas práticas culturais comunitárias e especialmente na identidade cultural dos indivíduos enquanto seres sociais.

Nos objetivos apresentados pela instituição de ensino, é visada a busca por inovações e crescimento das ações educativas, considerando as mudanças ocorridas no contexto escolar, como Educação no Campo e Educação em Tempo Integral Turno Único no Ensino

---

<sup>33</sup> Esta iniciativa foi realizada a partir da parceria das esferas municipal e estadual. Como ponto inicial, o investimento do Governo Estadual foi promovido por intermédio do programa desenvolvido pela Secretaria do Desenvolvimento Social e Família (Sedef) e o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-PR), que procura geração de trabalho e renda, impactando significativamente a realidade das famílias moradoras do distrito.

Fundamental. Além disso, busca-se uma educação de qualidade, que vise o âmbito da comunidade escolar, que contemple a valorização do ensino, a qual deve estar pautada na reflexão das práticas de ensinar e aprender.

Em relação à modalidade de ensino, o Colégio Estadual do Campo de Alto São João oferta do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e a 1ª Série do Novo Ensino Médio. Há oferta do tempo integral, sendo ofertadas 09 aulas de 50 minutos por dia, totalizando 7 horas e 30 minutos. O ensino está dividido entre Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Parte Flexível Obrigatória (PFO).

Tendo em vista os dados disponibilizados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), o Colégio Estadual do Campo de Alto São João teve como dados na turma do 9º ano do Ensino Fundamental (atualmente 1ª série do Novo Ensino Médio) o percentual de 5,1 pontos em 2021. São resultados expressivos, haja vista que na última avaliação ocorrida em 2017, a instituição obteve 3,6 pontos. Isso demonstra o avanço da oferta do tempo integral que permite o aprofundamento na aprendizagem dos estudantes. A avaliação realizada durante o período de dois (2) anos não ocorreu no ano de 2019, devido aos dias da realização do exame não apresentarem condições meteorológicas favoráveis.

#### *4.2.1 Da modalidade de ensino da Educação do Campo*

Existem diferentes modalidades de propostas educacionais, cada uma delas oferece diferentes abordagens e métodos de ensino, os quais estão em consonância com as necessidades e as circunstâncias que envolvem os estudantes. No entanto, todos os modelos educacionais têm em comum objetivo o fornecimento de conhecimentos, habilidades, valores e competências essenciais para o pleno desenvolvimento integral dos estudantes.

Sendo assim, elencamos a necessidade de que a Educação deve ser direcionada como um ato racional e crítico, politizada e não posicionada de forma descompromissada (FREIRE, 2006). Logo, engendra-se a necessidade de pensar a proposta educacional mediante os estudantes e seu contexto sociocultural que irá atender, proporcionando a formação integral dos sujeitos, a qual permitirá a liberdade sobre sua forma de pensamento, alinhado com a autonomia e determinação a transformação local, sendo a instituição escolar fundamental nessa lógica.

A Escola consiste na principal instituição social de ensino responsável por mediar os processos educativos. Sendo assim, cada Escola necessita atender à realidade social a qual o público alvo está inserido. A partir da Educação Básica é possível promover uma sociedade mais justa e igualitária, considerando o recorte espacial e geográfico, ações históricas e os

indicadores socioeconômicos dos estudantes. Nesse caso, referindo-se às áreas campestres no Brasil, como na Educação do Campo.

A Educação do Campo é uma modalidade educacional voltada para atender às especificidades e demandas das áreas rurais, valorizando suas culturas, saberes e práticas, dos povos que se localizam nesse recorte geográfico. As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, no Art. 5, define que “as propostas pedagógicas das escolas do campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade [...] contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia” (BRASIL, 2002, p. 34).

A partir da relevância da educação como método de desenvolvimento das comunidades rurais, é garantido o acesso a uma educação de excelência, contextualizada e eloquente para os estudantes que vivem no campo a partir de elementos presentes em suas vivências e como definições de indivíduos sociais.

Portanto, essa proposta educacional possui um caráter emancipador, uma vez que os povos do campo sempre foram marginalizados no aspecto social, político, cultural e educacional, no momento em que são excluídos da própria formulação do processo educativo que estão inseridos. Perspectiva essa que se assemelha com as relevâncias de Paulo Freire (1921-1997) sobre a educação ter como fundamento principal ser libertadora. A Educação do Campo é fruto de muita luta que vai além dos aspectos regionais e se perpassa as condições históricas e de desigualdade.

É nesse momento que o povo do campo é ouvido como seres sociais. Além de inseri-los como centro no processo educativo, “a Educação do Campo veio de encontro aos anseios de uma parte da população brasileira que ficou por vezes à margem da sociedade, sendo ‘enxergada’, mas não vista, a deixavam falar, contudo não a ouviam [...]” (SIMÕES; TORRES, 2011, p. 13).

Assim, destacamos que muitas vezes a Educação do Campo tem seu significado confundido com a proposta da Educação Rural, onde ambas as propostas educacionais se estabelecem em um marco territorial e sociocultural que se aplica ao meio rural e aos indivíduos que ali residentes. Todavia, embora ambas estejam voltadas para o mesmo público, até mesmo utilizadas como sinônimos, possuem perspectivas curriculares e formas de efetivar a educação totalmente diferentes.

A escola Rural é influenciada pelas ideologias capitalistas, ou seja, seria adequação e ajustamento da classe trabalhadora rural aos interesses dominantes, visto que o currículo escolar

na Educação Rural está voltado para a perspectiva da realidade e necessidade dos povos urbanos.

O aluno da Educação Rural se torna prisioneiro das necessidades do capital. Embora o surgimento de escolas no meio rural corroborou para a alfabetização ruralista, seu intuito não era de emancipação de aprendizado, mas de alienação e de padronização. Isto é, “a educação rural foi criada com base nos interesses do capital, é fruto dos interesses deste, ou seja, pela busca do desenvolvimento do capitalismo no campo [...]” (SANTOS; MIRANDA, 2017, p. 136). Vale destacar que a Educação Rural exala implicações mercadológicas.

O que diferencia a Educação Rural com a do Campo é que enquanto a primeira tem viés capitalista, somente voltada à formação de mão de obra, a segunda busca promover a valorização cultural local, a inclusão social, o desenvolvimento sustentável e os fortalecimentos dos estudantes, enquanto cidadãos críticos e proativos a transformar as realidades em que vivem.

Diante dessas considerações, é compreensível que a educação voltada para o meio rural não pode ser uma mera reprodução da educação já estabelecida no meio urbano. Uma vez que essa educação deve considerar as perspectivas históricas e culturais do povo para qual será ofertada.

Portanto, os processos metodológicos tangenciam a necessidade de valorizarem a cultura e identidade local, sendo imprescindível sua incorporação no currículo escolar, além da contextualização do ensino que permitirá a inclusão social para o combate às desigualdades impostas aos povos do campo. Como é reiterado pelo art. 9º das Diretrizes da Educação do Campo: “as demandas provenientes dos movimentos sociais poderão subsidiar os componentes estruturantes das políticas educacionais, respeitado o direito à educação escolar, nos termos da legislação vigente” (BRASIL, 2002, p. 35).

Nesse fortalecimento da autonomia e protagonismo dos estudantes, que entenderão suas práticas culturais, auxilia na compreensão mais ampla e enriquecedora dos fenômenos que ocorrem no mundo. Desse modo, justifica-se a relevância do trabalho com as temáticas culturais em sala de aula, para permitir a emancipação do aluno enquanto sujeito, a partir do reconhecimento de si próprio em sua cultura. Nesse sentido, a próxima subseção apresentará o pensamento dos professores da Educação do Campo em relação às temáticas de cultura e identidade, tangenciadas nesse estudo.

### 4.3 Cultura e Identidade Cultural: o que pensam os professores da Educação do Campo?

Nessa subseção, buscamos a compreensão do trabalho docente em relação à temática de identidade cultural no contexto das práticas educacionais voltadas à Educação do Campo. Foram aplicados 10 questionários a docentes e à equipe pedagógica e gestora da instituição escolar (vide Apêndice A).

Inicialmente, restringimos os questionários somente aos docentes que lecionam componentes curriculares da área das Ciências Humanas, no entanto, em razão do número limitado de profissionais da Educação (20), se comparado a colégios maiores, estendemos a professores das demais áreas do conhecimento, sendo o critério utilizado para as respostas possuir mais de cinco anos de atuação enquanto docente na modalidade de ensino do campo.

A aplicação dos questionários ocorreu mediante a apresentação prévia da sinopse do projeto de pesquisa e aceite dos docentes, em que os questionários foram respondidos um a um pelo pesquisador conjuntamente com o participante da pesquisa durante os momentos de hora/atividade compartilhada entre os pares.

#### *4.3.1 Da análise dos resultados às sugestões e à prática docente*

A primeira pergunta do questionário aos docentes, equipe pedagógica e gestora buscava entender os motivos de atuarem nas escolas da modalidade do Campo. As respostas tencionaram realidades profissionais, contextualizadas com experiências pessoais que fortaleceram os vínculos de pertencimento com o local.

Os participantes D2, D4, D5, D6 e D8 apresentam similaridades em suas respostas ao tencionar que os principais motivos estão relacionados ao início de suas carreiras no magistério ser nesse modelo de instituição escolar, já que não conseguiam aulas suficientes para completar carga horária e que, no decorrer dos anos de regência, afeiçoaram ao ambiente escolar pela redução de estudantes por turma. Em contrapartida, indicaram que as instituições escolares que estão presentes na área urbana concentram um contingente maior de estudantes<sup>34</sup> e que turmas menores permitem um melhor trabalho docente.

Por sua vez, para os docentes D3 e D10, o sentimento simbólico por esse modelo de ensino prevalece nas respostas “a paixão por este modelo de escola” (D3, 2022), o qual é

---

<sup>34</sup> A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 4731/12, do Senado, que fixa em 25 o máximo de alunos na pré-escola e nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental e em 35 nos demais anos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

complementado por “o que me motivou foi acreditar em uma educação nas quais os alunos do campo possam serem os protagonistas de sua própria história” (D10, 2022). Esses pensamentos tencionam a função social da educação, que consiste na preparação dos indivíduos para a sociedade. Outros docentes tangenciaram experiências de vida relacionadas a essa proposta educativa: “Por fazer parte pertencente ao campo e pela possibilidade de fazer com que meus alunos, além de conhecer o meio rural, também o valorizem” (D1, 2022). Ainda nesse pensamento:

Nasci e me criei na zona rural, fiz graduação e comecei a trabalhar também na zona rural. Me mudei para São José dos Pinhais e lá trabalhei 14 anos, pude observar a diferença entre os alunos do campo e da cidade. Os estudantes do campo valorizam a escola ao verem que somente através dos estudos eles poderão realizar seus sonhos, já uma grande porcentagem dos alunos da cidade está na escola para não perder o auxílio ou não ficar em casa sozinho (D1, 2022).

Cada narrativa apresenta um valor simbólico que, ao ser interpretado subjetivamente conforme a trajetória profissional de cada um dos docentes, demonstra de maneira precisa que a atuação destes com a modalidade de Educação do Campo cumprirá sua função social em tornar os estudantes críticos, atentos à realidade e proativos a mudar a realidade em que vivem.

A segunda pergunta esteve relacionada aos componentes curriculares que cada docente atua. Entende-se por componente curricular as disciplinas ou área de conhecimento específica que compõem o currículo escolar.

Entre as respostas dos participantes, preponderou-se a Língua Portuguesa, Inglesa, Química e Geografia que para a atuação, há pelo menos dois docentes para esses componentes curriculares; também há menções para a Arte; Educação Física; História; Filosofia; Sociologia; Matemática e Ciências.

Geralmente, por haver somente uma turma para cada seriação, os docentes que atuam no Campo ministram além do componente curricular de concurso, ou lotação, outros como emergem nas respostas dos entrevistados: a atuação em Projeto de Vida; Educação Financeira; Pensamento Computacional, acrescidos no currículo após a reforma do Ensino Médio. Além dos componentes curriculares de Corresponsabilidade Social; Eletiva<sup>35</sup>; Estudo Orientado; Práticas Experimentais, que fazem parte da base diversificada da Educação em Tempo Integral,

---

<sup>35</sup> De caráter interdisciplinar e criativo, fortalece a BNCC, atendendo expectativas e interesses dos estudantes e apoiando seu projeto de vida.

ofertada na instituição lócus da pesquisa. Esses componentes têm o objetivo de permitir a ampliação do processo de aprendizagem dos estudantes.

Desse modo, consideramos que os participantes possuem experiências nas diversas áreas do conhecimento, que ao lecionarem os componentes curriculares que vão além de sua formação inicial, permitem-lhes sair da “zona de conforto” e a pensar em estratégias interdisciplinares no intuito de garantir um melhor aprendizado dos estudantes.

A formação dos docentes participantes está relacionada às graduações em licenciatura como: Letras/Língua Portuguesa e Inglesa; Ciências Biológicas; Química; Arte; Educação Física; Matemática; História e Sociologia<sup>36</sup>.

Já quanto às pós-graduações realizadas pelos docentes, estão as no formato *lato sensu*: Educação do Campo; Diversidade; Metodologias de Ensino; Gestão Educacional; Educação Inclusiva; Tecnologias em Sala de Aula. E as no formato *stricto sensu*: Mestrado em Estudos Literários e em Mestrado no Ensino de Química.

Logo, podemos constatar que a maioria dos docentes possui formação nos componentes que ministram, sendo imprescindível na efetividade dos objetivos de formação curricular, a fim de garantir o crescimento intelectual e de aprendizagem dos estudantes.

Enquanto sobre a formação específica na área da Educação do Campo, 60% dos professores possuem formação específica a essa modalidade de ensino, destacando-se os cursos de pós-graduação *lato sensu* em Educação do Campo, que 6 docentes possuem, além dos cursos de formação continuada voltados para área, ofertados pela mantenedora<sup>37</sup>, enquanto 40% não possuem. Nesse prosseguimento, todos os docentes dizem que participam ativamente dos cursos de formação continuada. Para D1 (2022): “os cursos contam pontuação para a progressão, distribuição de aulas e, claro, sempre há novas experiências a serem aprendidas”.

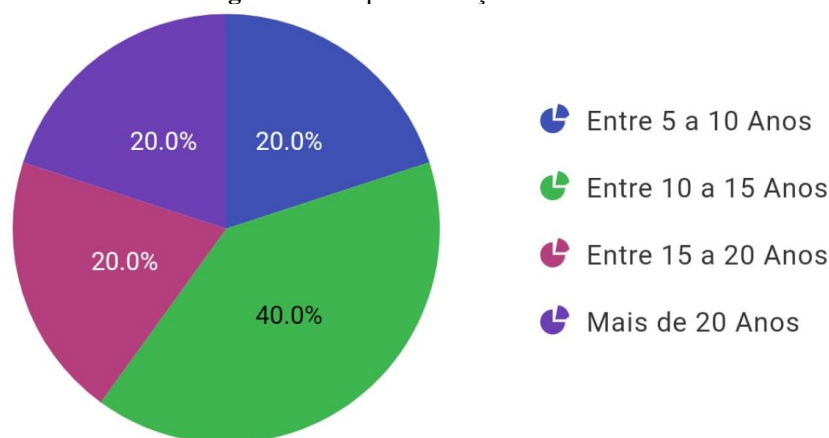
Posteriormente, foi questionado aos docentes o tempo de carreira no magistério, conforme evidenciado Figura 3.

---

<sup>36</sup> O docente possui formação em Sociologia, no entanto, também ministra o componente curricular de Filosofia, em razão da falta de profissionais formados na área e por possuir a grade curricular de sua graduação próxima aos objetivos de aprendizagem.

<sup>37</sup> Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED.

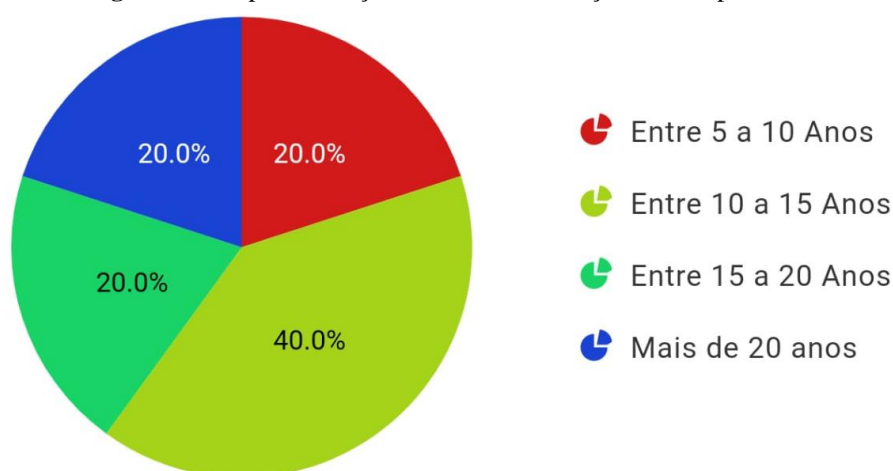


**Figura 3:** Tempo de atuação docente

**Fonte:** Os autores (2023).

Por conseguinte, elencamos que a maioria dos docentes participantes estão na profissão a mais de 10 anos, especificamente entre 10 a 15 anos, os quais acompanharam mudanças ocorridas nos processos educativos e a clientela a qual atendem, como é o caso de 2 docentes que estão no exercício da profissão há mais de 20 anos, o que representa uma bagagem significativa ao pensar nas estratégias educativas que valorizem os estudantes e permitir uma emancipação e pensamento crítico a partir de suas identidades culturais.

Em relação ao tempo de atuação dos docentes na modalidade de ensino da Educação do Campo, a Figura 4 apresenta os resultados:

**Figura 4:** Tempo de atuação docente na Educação do Campo

**Fonte:** Os autores (2023).

Os resultados referentes à atuação docente na Educação do Campo coincidem com o resultado evidenciado ao tempo profissional dos entrevistados em geral, o que demonstra que as respostas da pergunta referente ao que levou a trabalhar na Educação do Campo serem

fidedignas com a realidade, já que os docentes, mesmo com 20 ou mais de magistério, ainda continuam a trabalhar com esse público.

A próxima indagação feita aos docentes visou entender a opinião em relação se a Educação do Campo cumpre sua função social em atender as populações residentes nas áreas rurais. Desse modo, 70% acreditam que essa modalidade de ensino cumpre sua efetividade. Entre as argumentações apresentadas, tencionam-se: “Sim. Pois através da Educação os alunos aprendem a valorizar o campo, criam perspectivas mais reais, sendo estimulados a não perderem o foco dos seus ideais” (D1, 2022). Coaduna a esse pensamento a afirmação que apresenta a contextualização em sala de aula: “sempre o trabalho pedagógico é voltado à realidade do campo” (D3, 2022). No entanto, há desafios a serem superados.

Haja vista que 30% afirmam que não. Questionados em relação à essa opinião, os docentes contestam que falta suporte à prática docente para contribuir na permanência do estudante no campo: “faltam materiais, livros e até as avaliações vindas do governo serem vinculadas à Educação do Campo, para que o contexto na totalidade faça sentido para o processo de ensino-aprendizagem” (D2, 2022). Em complemento: “falta muito ainda para que a Educação do Campo seja valorizada, respeitada, com um currículo próprio que caracterize a Educação do Campo” (D9, 2022).

Desse modo, tivemos em vista entender como os docentes correlacionam os conteúdos propostos dos componentes que ministram com a realidade agrária local, onde a comunidade está inserida. Todos afirmaram realizar essa correlação, como, por exemplo: a “educação ambiental, preservação do meio ambiente, solo, água, ar” (D2, 2022). Integrado a isso: “acredito que a Geografia é interligada à Educação do Campo e sendo eu um campestino, consigo trabalhar bem em minha área do conhecimento com o viés e olhar para o campo” (D9, 2022).

Os exemplos citados anteriormente tencionam como os conteúdos curriculares possam estar correlatos com a realidade a qual os estudantes estão inseridos e posteriormente ampliar os horizontes “integração campo e cidade” (D10, 2022). Outra perspectiva indicou que “a língua portuguesa é a base para toda comunicação” (D1, 2022), relacionando as vivências com a localidade, região e entendendo os estudantes como partes constituintes fundamentais das vivências em sociedade.

Ao que se refere à prática da interdisciplinaridade, no colégio são desenvolvidos projetos pedagógicos com essa abordagem metodológica entre componentes curriculares da

BNCC e da parte diversificada da Educação Integral<sup>38</sup>. 80% dos docentes elencaram realizar essa prospecção: “a interdisciplinaridade com as aulas de Arte ou História são interessantes, pois o aluno ao deparar com uma obra de arte, uma tela, por exemplo, e ele já viu na outra disciplina, ele consegue interagir com o assunto (D1, 2022). Complementa-se: “nas minhas aulas, sempre relaciono a abordagem com a Arte, tendo em vista a linguagem visual e a percepção dos estudantes em relação à imagem”. Outro exemplo é apontado por meio de “atividades que envolvam áreas de conhecimento dos alunos, como a implantação de horta na escola” (D8, 2022).

Por outro lado, trabalhar metodologicamente com a interdisciplinaridade não é um caminho fácil, exige traçar estratégias que envolvam os docentes dos demais componentes curriculares, correlacionando com a área em questão, como afirma:

Não consigo trabalhar bem a Geografia e os alunos se apropriarem dos conhecimentos necessários se não for com trabalho interdisciplinar, pois seus conhecimentos precisam ser aprofundados e complementares e eu somente não dou conta. Exemplo: conhecimento morfológico e estruturas do solo fica a cargo do professor de Biologia; cálculo das áreas e medidas de produção, gastos e consumos de insumos e outro a cargo do professor de Matemática; produtos químicos (herbicidas, inseticidas, fungicidas) a cargo do professor de Química, e assim por diante. Em especial para as aulas de campo no estudo das produções agrícolas de verão e inverno (D9, 2022).

Entre as abordagens levantadas pelos docentes, podemos entender que a interdisciplinaridade proposta se manifesta com a integração de áreas de conhecimento, de modo que um conteúdo proposto em um componente curricular relaciona-se com a temática desenvolvida pelo anterior, concomitantemente a relevância de contextualizar a sala de aula com as práticas vivências pelos mesmos, como a implementação de uma horta, que tangencia a vida em sociedade.

Enquanto que, em relação à oferta da rede de internet, que a instituição escolar possui, todos os docentes destacaram que a mesma apresenta positividade, sendo uma ferramenta que auxilia o ensino-aprendizagem dos estudantes. De acordo com D1, D6, D7 e D10, em relação à velocidade da internet, destacaram haver limitações, mas sempre estar a atender as eventualidades necessárias.

---

<sup>38</sup> Entre o período de trabalho de campo realizado na Instituição Escolar, foram ofertados os seguintes componentes curriculares: Teatro; Dança; Horta; Jardinagem; Fotografia; Culinária; Voleibol; Artesanato; Pintura. Estes apresentam interdisciplinaridade com diferentes áreas do conhecimento.

Tendo em vista as informações inquiridas sobre a formação docente e as práticas metodológicas executadas, a segunda parte do questionário teve em vista entender as compreensões dos docentes em relação às mudanças na identidade cultural dos estudantes. Desse modo, pontuamos as seguintes constatações.

A primeira indagação relacionamos a entender o perfil dos estudantes segundo as percepções dos docentes. Sendo assim, nas prospeções destacadas com similaridades, exemplificamos: “a maioria mora em pequenos sítios, vivem da agricultura e pecuária, são crianças e jovens com sonhos e ideais” (D1, 2022). Complementando: “grande maioria são parecidos com os alunos da zona urbana” (D6, 2022). Outros docentes relacionaram aspectos positivos, como adjetivos de “bons”, “curiosos”, “participativos”.

Os docentes argumentaram que o uso de aparelhos móveis, como o *smartphone*, contribui para a sua inserção no mundo digital, possibilitando as trocas de elementos culturais: “com o uso constante de celulares, os alunos já não se sentem isolados do mundo aqui no campo” (D1, 2022). Nesse ponto de vista: “presentemente não está muito diferente das escolas urbanas, os alunos têm o uso de tecnologia e assim acompanha as novidades” (D2, 2022). Ou seja, os telefones enquanto ferramentas móveis são alternativas para que o estudante e jovem do campo transpasse sua barreira cultural, delimitada pelas fronteiras geográficas.

Outros docentes relacionaram que essa mudança identitária está alterando os modos como os estudantes comparam sua identidade cultural com o espaço vivenciado: “muitos dos costumes e tradições estão sendo substituídas por mídias digitais” (D5, 2022). O que gera o movimento de desejo de migrar dos espaços rurais: “a principal é a falta de pertencimento ao campo, bem como a vontade de sair, mudar para lugares mais movimentados e com mais recursos” (D7, 2022).

Dessa forma, a falta de oportunidades e as monotonias dos espaços rurais são as principais intempéries na busca dos estudantes em migrarem dos seus locais de origem, como foi tencionado anteriormente. Segundo as ponderações elencadas com Kummer (2018), o que um docente tencionou foi a necessidade de trabalhar com o resgate e valorização da identidade cultural, como maneira de alcançar os objetivos da promoção da diversidade.

Após, examinamos as estratégias que os docentes utilizam ao desenvolver a temática de cultura em sala de aula, a partir dos conhecimentos que os estudantes possuem como hábitos e costumes, concomitantemente, a influência recebida do meio. Recebemos as seguintes respostas: “muitas vezes em rodas de conversas, no conteúdo do folclore, nos ditados populares, etc. O aluno pode perceber como as crenças, os hábitos e costumes familiares ou local pode influenciar em sua prática cultural” (D1, 2022). Em complemento: “busco incentivá-los a

compartilhar seus hábitos culturais para elaborar aulas mais dinâmicas que vão de encontro com seus interesses” (D4, 2022) e “valorizando a cultura local, familiar e regional para que o aluno se sinta importante fazendo parte do meio” (D10, 2022).

Os três relatos apresentados tencionam o que Santos (2018) propõe: pensar a cultura e a identidade cultural por meio de lógicas nas quais o contexto local e familiar são os principais propulsores na construção da mesma. Assim, trabalhar contextualizadamente faz-se necessário para a valorização da identidade cultural.

Outros exemplos são ressaltados pelos docentes ao destacarem a influência intercalável entre o local e global (HALL, 2020) como indicadores da construção das temáticas cultura e identidade cultural em sala de aula, como exemplificado em: “na minha disciplina, viso enfatizar os dois lados - Brasil /EUA. Falando sobre a vida e a cultura de lá e cá” (D6, 2022). O viés é complementado por: “atualmente, o maior é manter a identidade cultural dos alunos, em virtude de uma globalização, que determina padrões culturais baseados na cultura estadunidense, que tem se tornado hegemônica no mundo e vem consumindo todas as outras culturas” (D9, 2022).

Enquanto o docente D6 explica a correlação feita entre o Brasil e os Estados Unidos, tendo em vista a língua inglesa ser padronizada como a de maior destaque mundial pela economia e cultural para contextualizar suas aulas, em contrapartida, o docente D9 preocupa-se com o fenômeno ocorrido por meio da cultura de mídia. Conforme Kellner (2001), os estudantes se baseiam às avessas sua identidade cultural, o que deixa desfalecer a verdadeira identidade ser formada por elementos transitórios entre locais e globais.

Assim sendo, os docentes apresentaram essa intencionalidade em desenvolver as práticas culturais nos contextos educacionais. Espreitou-se entender se a Instituição Escolar se atualizou à medida que os *modus vivendi* da população residente do Campo se sofisticou devido ao acesso às mídias informacionais e digitais, de maneira que 80% dos professores argumentam que sim, conforme ilustrado pelo uso constante de recursos digitais educacionais, que possibilitam estarem conectados com outros padrões culturais. Por sua vez, 20% destacaram que não realizam essa intencionalidade enquanto prática pedagógica. Entre as justificativas, destacam a falta de diálogos entre os conteúdos propostos dos componentes que ministram.

Para a finalização do questionário, tivemos em vista identificar quais abordagens, conteúdos ou caminhos teórico-metodológicos eminentes para a Educação do Campo cumprir sua função social. Entre as verificações elencadas, evidenciamos diferentes constatações e possibilidades.

Alguns docentes relacionaram a necessidade de desenvolver estratégias de progresso a aos alunos na área rural, conforme exemplificado: “projetos como a horta e a jardinagem. Conteúdos de medidas, variação linguística, protagonismo, empreendedorismo, entre outros” (D1, 2022). Adiciona-se a essa argumentação: “acredito ser importante orientá-los sobre diferentes formas de se gerar renda nas propriedades rurais” (D5, 2022). Outros docentes averiguaram as mesmas articulações, a citar a importância da valorização do trabalho campestre, de suas práticas culturais e contribuir com sua valorização, considerando o local em que vivem.

Todas essas abordagens tencionadas pelos docentes estão pautadas no que é proposto pelas Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, em desenvolver os processos educativos a partir de eixos temáticos como: trabalho: divisão social e territorial; cultura e identidade; interdependência campo cidade; questão agrária e desenvolvimento sustentável; organização social, movimento sociais e cidadania (PARANÁ, 2006).

Em relação às sugestões às práticas docentes, foram relacionadas estratégias que os próprios entrevistados sinalizaram como exemplos, como desenvolver aulas a partir do que está “na atualização” (D5, 2022). Ao mesmo tempo: “o trabalho pedagógico deve estar sustentado na temporalidade e saberes próprios dos estudantes” (D6, 2022). Por isso, é necessário “entender que as cobranças não podem ser as mesmas que nas escolas urbanas” (D9, 2022), ou seja, considerar as particularidades da modalidade de ensino e a tomada de decisões que contribuam ao protagonismo juvenil a partir da intencionalidade na preparação para a vida em sociedade.

Sendo assim, a intencionalidade do trabalho pedagógico em promover a Educação pautada nos princípios culturais dos estudantes, em simultâneo à sua emancipação enquanto sujeito, fará toda a diferença na vida dos alunos. Conseqüentemente, a fim de entender seu ponto de vista, a próxima subseção irá abordar como os estudantes manifestam suas práticas de identidade cultural.

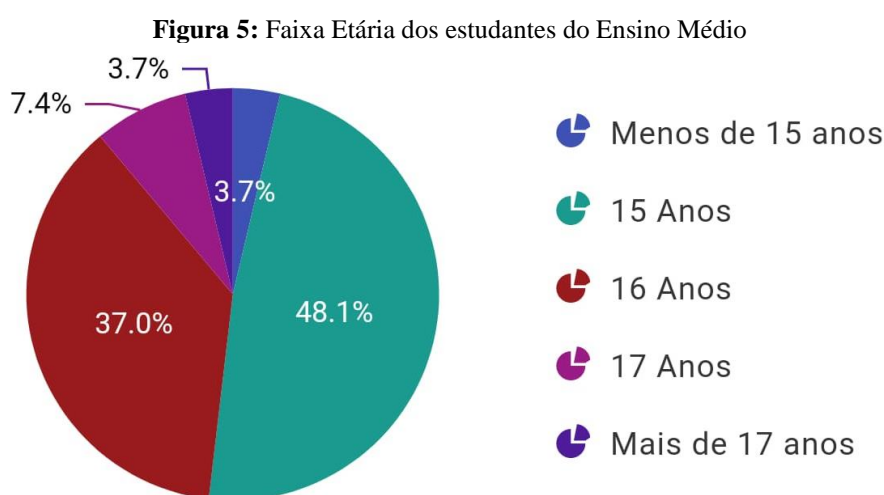
#### **4.4. Cultura e Identidade Cultural dos estudantes do Campo: caipiras ou *agroboys*?**

No objetivo de apresentar os diferentes padrões de identidades culturais da juventude do campo, nesse microuniverso que se encontram os grupos de caipiras e *agroboys*, as perguntas do questionário semiestruturado (vide Apêndice B) buscaram coletar informações gerais dos estudantes. Dessa forma, caracterizam o perfil geral dos participantes da pesquisa, com perguntas relacionadas aos aspectos gerais de identificação pessoal, além daquelas que

buscaram identificar seu perfil sociocultural, tendo como desígnio principal a definição de suas múltiplas identidades culturais e quais influências as tencionam em sua elaboração.

#### 4.4.1 Análises dos resultados

Nesse sentido, primordialmente o questionário aos estudantes teve em vista identificar características gerais dos participantes da pesquisa. Logo, a primeira pergunta feita foi relacionada à idade, com os resultados expressos na Figura 5:



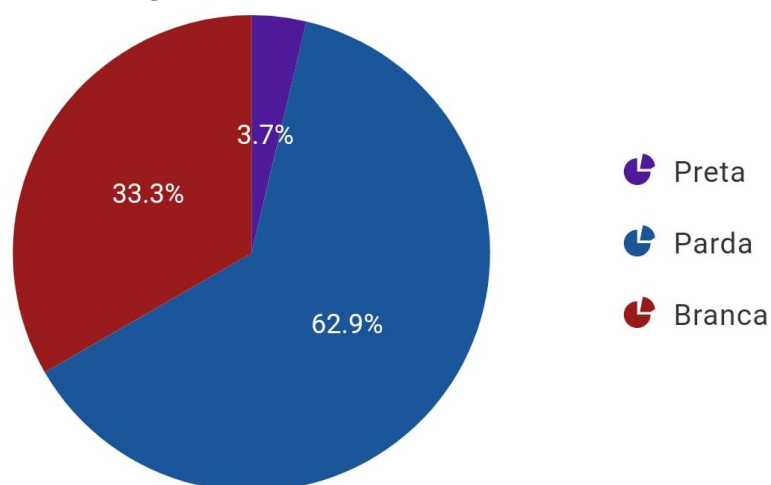
**Fonte:** Os autores (2023).

Nesse aspecto, a partir dos dados elencados, podemos constatar que os estudantes se concentram na faixa etária consoante à seriação a qual frequentam, portanto, não apresentam a distorção da faixa etária; além disso, estão dentro do que é relacionado recorte etário da juventude, que se designa como o público alvo do estudo aqui desenvolvido.

Posteriormente, foi questionado aos estudantes a cor a qual se identificam. Conceito entendido com a caracterização das pessoas, a cor, em um sentido geral, refere-se à percepção visual da luz refletida. No contexto humano, a cor é frequentemente associada à pigmentação da pele, que varia devido à quantidade e distribuição de melanina. Laraia (2009) pontua que a cultura consiste em um amplo repertório de significados compartilhados e, necessariamente, a etnia refere-se a uma abordagem moderna para designar estes significados que transpassam as características biológicas e relacionam-se a aspectos culturais de um grupo com origem e interesses em comum. Nessa perspectiva, a caracterização das pessoas pela cor é uma construção social.

Nesse segmento, foi perguntado aos estudantes a cor a qual se identificam, com a Figura 6 apresentando as respostas dos estudantes.

**Figura 6:** Etnia dos estudantes do Ensino Médio



**Fonte:** Os autores (2023).

Mediante os resultados obtidos, podemos constatar que a maioria dos estudantes se identificam com a cor parda, relacionando, dessa maneira, ao que Ribeiro (2002) explica sobre a diversidade do povo brasileiro, que possuiu como base em sua história populacional a “mistura” de diferentes etnias, que se aproximam dos preceitos do pardo.

Outro fator relevante é que o município de Roncador teve como pioneiros descendentes de imigrantes poloneses e ucranianos, por isso justifica-se uma parcela significativa de brancos. Somente 1 estudante, correspondido por 3,7% do gráfico, identificou-se sua cor com a Preta, o que, analisando empiricamente, não corresponde à realidade, por se apresentar mais estudantes dessa cor de acordo com seus registros de matrícula. Portanto, destaca-se a necessidade do desenvolvimento de ações e estratégias para permitir que mais jovens possam reconhecer sua cor e assim valorizá-la a partir de propagação.

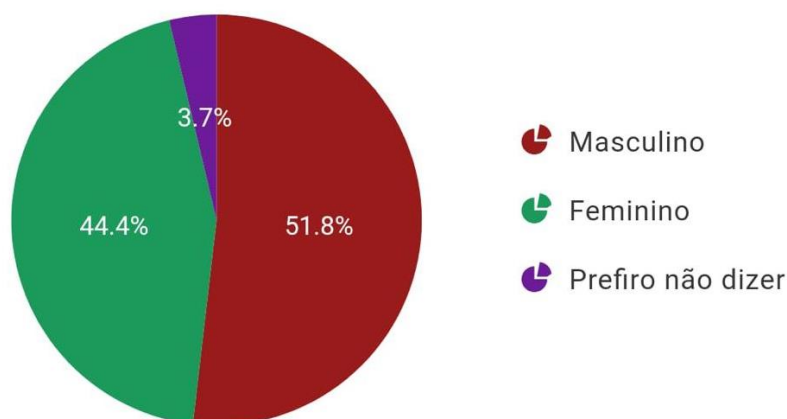
Na sequência, os estudantes foram questionados sobre o gênero a qual se identificam. É importante pontuar que o gênero é um conceito complexo e multidimensional que se refere às características, papéis e identidades atribuídas socialmente às pessoas com base em sua percepção de masculinidade e feminilidade.

Ademais, é importante distinguir entre o sexo e gênero: o primeiro está relacionado às características biológicas, como órgãos reprodutivos e cromossomos, enquanto o gênero é uma construção social e cultural. As opções de respostas para esta pergunta estavam denotadas em



agrupamentos de masculino, feminino e prefiro não dizer; buscando a identificação mais próxima para cada um. Os resultados são expressos na Figura 7:

**Figura 7:** Gênero dos estudantes do Ensino Médio

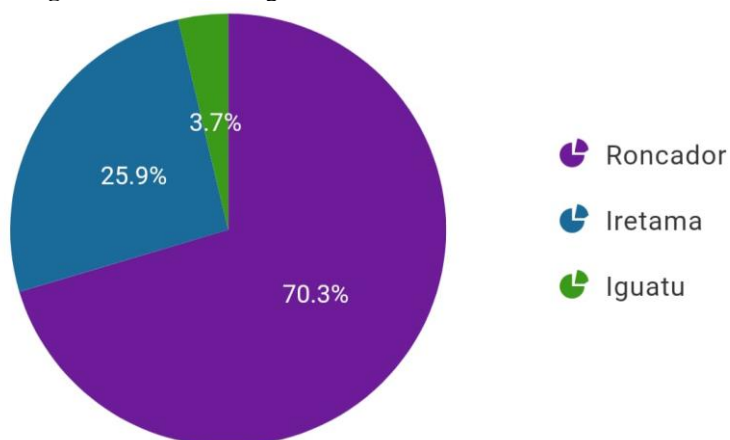


**Fonte:** Os autores (2023).

A partir dos resultados obtidos, destaca-se a predominância masculina dos estudantes do Ensino Médio, enquanto o feminino é relativamente menor; no entanto, apresentam igualdades próximas entre estes gêneros. Além disso, um dos participantes da pesquisa não identificou seu gênero, assinalando a resposta “prefiro não dizer”, o que transverbera que com o passar da atualidade e o maior acesso à informação, permitiu-se à juventude expressar sua identidade e, assim, tornar-se quem realmente “é”, um motivo de “orgulho próprio”.

Outro questionamento aos estudantes refere-se ao local de nascimento ou ao município de origem. Os resultados da Figura 8 expressam essa informação.

**Figura 8:** Local de origem dos estudantes do Ensino Médio



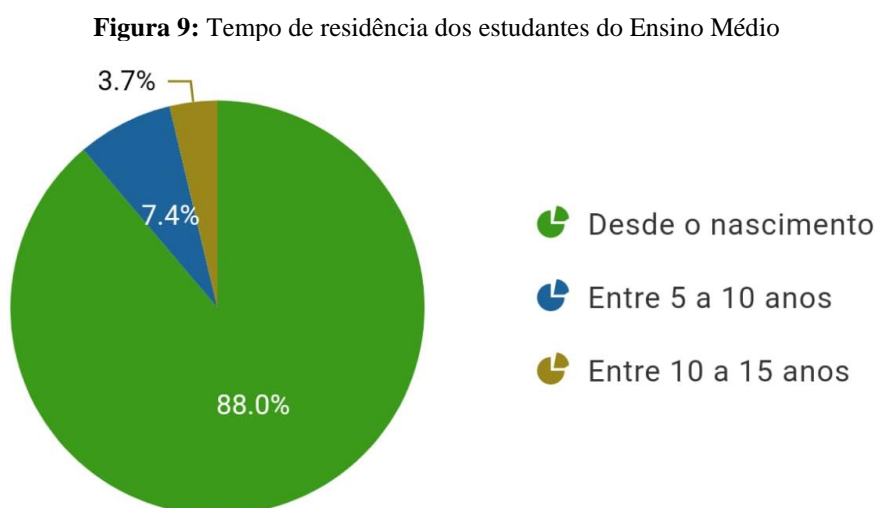
**Fonte:** Os autores (2023).

Consoante às respostas dos estudantes, 70,3% nasceram no município de Roncador, enquanto 25,9% nasceram no município de Iretama, os quais residem atualmente nas comunidades denominadas de “Encruzo” e “Três Estrelas” localizadas na fronteira municipal entre Roncador e Iretama. Pela sede do segundo ser mais próxima geograficamente, as atividades necessárias do dia a dia são realizadas nesta cidade, de modo que frequentar Roncador torna-se menos assíduo.

Um estudante apresentou que nasceu no município de Iguatu, localizado na região oeste do estado, em uma distância de aproximadamente de 155 km em relação a Roncador. O estudante apresentou em seu relato que, após seu nascimento, viveu durante cinco anos na área urbana desse município e, a partir de uma oportunidade de trabalho em uma fazenda da região, vieram embora e onde permanecem até hoje.

Questionados sobre as pessoas e o grau de parentesco com as quais os estudantes residem, todos afirmaram que compartilharam seus lares com seus familiares, como pais, avós, irmãos, tios, etc. Dessa forma, apresentando que os laços familiares têm um significado e simbologia na construção de suas identidades culturais.

Coadunando com questionamentos anteriores, a próxima pergunta era relacionada ao tempo que os estudantes residem na área rural, visando traçar um panorama do tempo de contato com o espaço rural que, conseqüentemente, acarreta influências na identidade campesina. Os resultados são expressos na Figura 9:

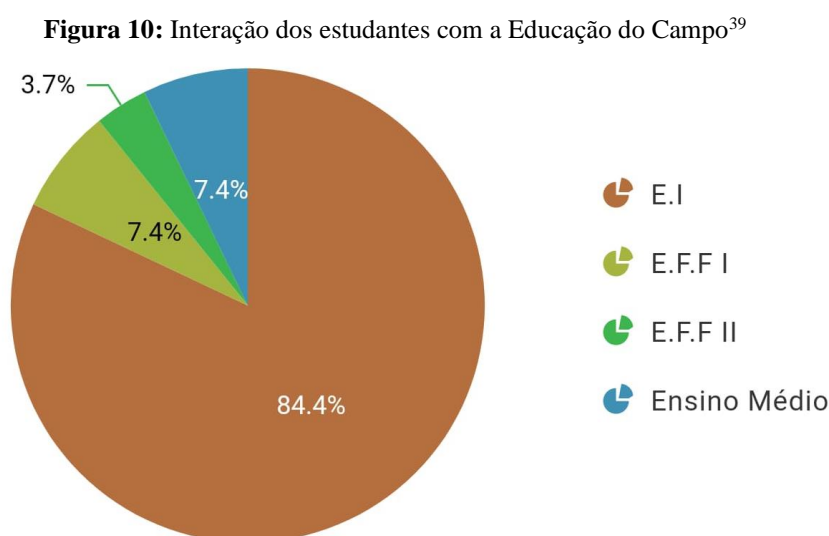


**Fonte:** Os autores (2023).

Conseqüentemente, os indicadores demonstram que 88% dos estudantes residem na área rural desde o nascimento, ou seja, o universo do campo e rural é apresentado a estes desde os primeiros momentos de suas vidas. Enquanto os demais estudantes não estão residindo desde o

nascimento, mas apresentam um recorte temporal significativo com esse espaço, acarretando impacto de suas identidades culturais. Questionados sobre os motivos que levaram seus familiares a migrarem do espaço urbano ao rural, foram relacionadas as oportunidades de trabalho, além de uma qualidade de vida que o espaço urbano não poderia os oferecer.

Outro item que os estudantes responderam, foi pautado nos processos educativos, relacionando-se assim a interação dos mesmos com a Educação do Campo. Os resultados são expostos na Figura 10.



**Fonte:** Os autores (2023).

Tendo em vista as respostas obtidas, pode-se analisar que a maioria (81,4%) dos estudantes frequenta a modalidade de ensino do Campo desde os momentos iniciais do processo de alfabetização na Educação Infantil. Por estudarem na mesma instituição escolar, com objetivos didáticos-pedagógicos de fornecer subsídios aos sujeitos do Campo em se emanciparem cultural e socialmente, buscando a libertação social por meio do conhecimento, que oferta a educação infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental, há uma familiaridade com esse modelo de ensino.

Já os estudantes que passaram por essa proposta de ensino a partir de outras etapas da educação básica, observaram ao longo dos seus processos de formação educativa gradativa os objetivos da Educação do Campo em subsidiar o sujeito residente da área rural a se emancipar,

<sup>39</sup> As fases da Educação Básica apresentadas no gráfico correspondem a:

E.I. → Educação Infantil, que engloba desde às creches e pré-escolas;

E.F.F. I → Ensino Fundamental I, que engloba os alunos do 1º ao 5º ano;

E.F.F. II → Ensino Fundamental II, que engloba os alunos do 6º ao 9º ano;

Ensino Médio → Engloba as séries da 1ª a 3ª Série e em casos de cursos técnicos pode chegar à 4ª série.

o que permite, assim, a busca intermitente pela libertação sociocultural como maneira de se desenvolver.

O segundo bloco de perguntas teve em vista identificar a percepção dos estudantes em relação às práticas interdisciplinares desenvolvidas e a importância das Ciências Humanas na formação curricular, além da contextualização dos componentes curriculares com as práticas vivenciadas. Com isso, pode-se tornar os objetivos da aprendizagem mais significativos. Na parte final do bloco de perguntas, identificamos as expectativas dos estudantes para a conclusão do Ensino Médio.

Inicialmente, os estudantes foram questionados por meio de uma pergunta dissertativa, o que estes relacionam à importância dos componentes curriculares da área das Ciências Humanas como Filosofia, Geografia, História e Sociologia no contexto de sua formação estudantil e aprendizagem para a vida.

É necessário destacar que os questionários aplicados seguiram rigorosamente os critérios estabelecidos pela comissão de ética, a qual pontua a extrema importância em não se utilizar dos nomes reais dos participantes no estudo; desse modo, optou-se por atribuir a nomenclatura de “E1”, “E2”, “E3” para cada participante, visando classificar as respostas obtidas por meio de estabelecimento de agrupamento dos resultados.

Desse modo, os participantes da pesquisa E1, E6, E8 e E14 apresentaram respostas semelhantes por concernirem a importância das Ciências Humanas com a “leitura do mundo ao redor, permitindo uma compreensão de fenômenos complexos que ocorrem na cotidianidade” (E1, 2022). Além disso, os participantes E12, E19, E22, E23 e E27 perfazem esses apontamentos ao designarem suas respostas com similaridades por afirmar que “por meio dessas disciplinas podem ampliar seus conhecimentos e visão, sobre fenômenos sociais” (E12, 2022). Em síntese, constatamos um pensamento dos estudantes sobre a relevância das Ciências Humanas em sua formação, tendo em vista a compreensão holística da condição humana.

Prosseguindo com as perguntas com respostas abertas, foi indagado aos estudantes sobre o desenvolvimento de propostas metodológicas interdisciplinares realizadas pelos professores. Nesse aspecto, é importante destacar que 07 dos estudantes não conheciam o conceito de interdisciplinaridade inicialmente, no entanto, mediante à breve explicação, reconheceram a aplicabilidade de tal ao constatarem ações que os professores desenvolveram na escola, buscando a união entre áreas, como as feiras de Ciências, projeto “Educação em Valores”, entre outros. Sendo assim, todos os estudantes afirmaram que os docentes desenvolvem a metodologia interdisciplinar.

Em seguida, foi inquirido aos estudantes sobre a sua percepção em relação às disciplinas curriculares serem contextualizadas com a realidade local. Em concordância, todos os participantes afirmaram que esse processo ocorre durante as aulas. Os entrevistados E6 e E14 mencionaram sobre as aulas práticas em Geografia, a utilização da contação de histórias<sup>40</sup> na área da História, a análise de políticas públicas em Sociologia e a articulação durante os exemplos trazidos para as discussões em sala de aula sobre o “local e global” (HALL, 2020), entre outras metodologias de êxito.

No segundo bloco de perguntas propusemos a identificação dos projetos de vida dos estudantes após o término do Ensino Médio<sup>41</sup>. Reconhecendo essa importante etapa de suas vidas como um momento de preparação à realização de um propósito e realização pessoal, em diferentes áreas da vida do sujeito (ARAUJO; ARANTES; PINHEIRO, 2020).

Dessa forma, foi indagado se o estudante possuía um projeto de vida estruturado, o qual obteve-se enquanto respostas o total de 88,8% para “sim”, enquanto 11,2% elencaram que seus projetos de vida estão em vias de formulação, ainda sem um direcionamento certo sobre suas expectativas profissionais futuras.

Quando questionados sobre suas expectativas futuras após a conclusão da etapa do Ensino Médio, entre os 27 estudantes que responderam, as principais respostas que figuraram foram 16 menções para iniciarem um curso de graduação e 13 colocações para a inserção ao mundo do trabalho.

Como era permitido mais de um item a ser elencado nessa pergunta, outras respostas apresentadas como as relacionadas a situações da cotidianidade que foram elencadas pelos participantes da pesquisa foram: formação de família; geração de filhos; realização do processo de habilitação para poder dirigir perante a lei; a aquisição de bens próprios, por exemplo: a casa própria e veículos como carro e moto. Outro grupo de respostas estava relacionada à especialização, sem necessariamente a realização de uma graduação, como: “cursos técnicos, de operador de máquinas agrícolas” (E14, 2022).

Outras respostas que também foram evidenciadas foi o interesse de mudar-se para alguma fazenda nas regiões agrícolas do centro-oeste brasileiro para poder trabalhar com maquinários agrícolas de alta precisão, condicionando a uma boa remuneração e ascensão

---

<sup>40</sup> Metodologia proposta pelo *storytelling*.

<sup>41</sup> Por se tratar de uma instituição escolar que oferta a modalidade de ensino de Educação em Tempo Integral, os estudantes possuem, além das disciplinas propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a parte diversificada, que visa o desenvolvimento de suas competências. Sendo assim, possuem a disciplina de Projeto de Vida desde o 6º ano, permitindo uma familiaridade com o conceito durante a resposta do questionário.

financeira, além da meta de deixar de residir na área rural e ter uma casa no perímetro urbano, projetos que perfazem o imaginário dos estudantes.

Por final, no último bloco de respostas, a pergunta sobre as expectativas futuras demonstrou um grau elevado de consciência crítica dos estudantes, ao afirmarem pensamentos estruturados. Dois estudantes, E1 e E14, afirmaram que querem realizar um curso de “Domador de Cavalos” e um segundo estudo de “Laço”, podendo assim realizar essas atividades remuneradamente, as quais são elementos notórios de suas identidades culturais e estão relacionadas ao interesse em permitir a continuidade na área rural, a partir dessas atividades significativas em suas vivências.

Entre as respostas dos estudantes, E24 expôs seu pensamento da vontade de permanecer na área rural<sup>42</sup>:

Gostaria de ficar com minha família no sítio para sempre, a calma, sem barulho, o ar puro, por outro lado, não tem oportunidade, a gente jamais irá competir com os fazendeiros que possuem vários hectares de terra, e se hoje em dia já não é fácil para meus pais me criarem junto dos meus três irmãos, futuramente há de estar pior. Logo, não quero dar essa condição de vida aos meus filhos. Sendo assim, terei que mudar para cidade daqui a um tempo e arrumar emprego (E24, 2022).

Nessa resposta percebemos a síntese de um dos principais problemas da realidade do espaço rural no Brasil: a concentração de terras na mão de poucos e a falta de incentivos a políticas agrárias efetivas, especialmente a agricultura familiar, tornando-se assim um retrato brasileiro da desigualdade social, não apenas no espaço urbano, mas também no campo, e a necessidade de uma equidade nos programas sociais interventivos aos ambos espaços.

Em vista disso, justificamos a necessidade de uma proposta educativa centrada nos sujeitos, buscando sua emancipação e permitir que por meio do acesso ao conhecimento possam libertar-se das amarras da opressão social e atuarem proativamente para a solução de problemáticas da desigualdade sociocultural nos grupos e comunidade pertencentes.

Inqueridos sobre o interesse em permanecer em residências na área rural, após concluir o Ensino Médio, 55% dos estudantes têm o interesse em continuar; no entanto, 45% querem migrar às cidades. Percebemos uma proximidade entre as respostas, nas quais os elementos de identificação com o local de origem e a falta de oportunidades transfiguram-se em itens que

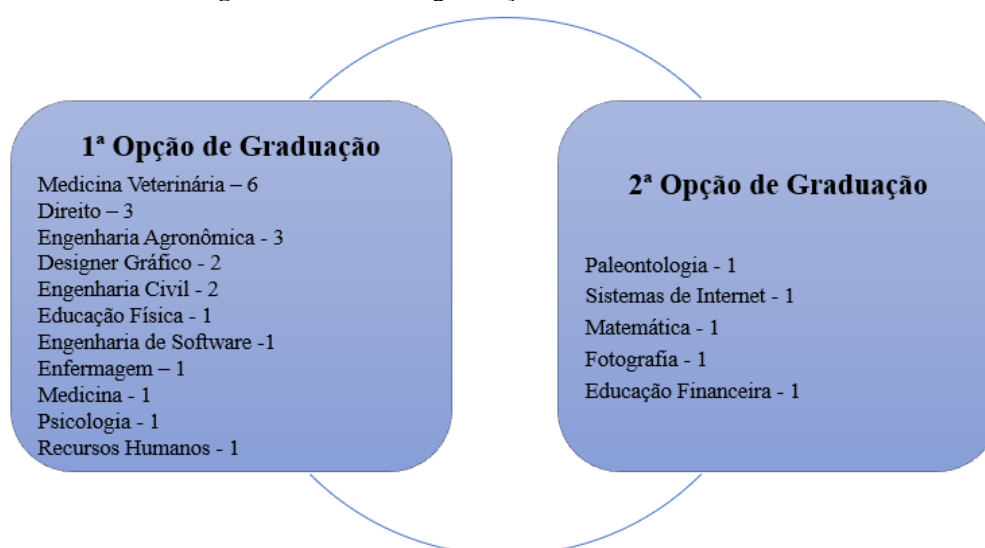
---

<sup>42</sup> Todas as respostas dos estudantes foram preservadas, para serem o mais fidedignas possível. Apenas foram utilizados alguns recursos da língua portuguesa para estarem autoexplicativas.

impactam o pensamento da juventude que vive na área rural sobre o desejo de “ficar ou partir” (KUMMER, 2018).

Diante disso, avançamos nessa caracterização dos estudantes e constatamos o interesse dos mesmos em realizar um curso de graduação, isso surpreendeu veementemente ao analisar que 85% dos estudantes têm o interesse na formação a partir do Ensino Superior, enquanto os 15% que não prosseguirão, tendo em vista que poderão realizar diferentes cursos, como elencados na pergunta anterior. Entre as respostas dos estudantes que buscarão realizar uma graduação, foram categorizadas em 1ª opção de curso e 2ª, além do número de estudantes que possuem interesse por cada. Os resultados estão apresentados na Figura 11:

**Figura 11:** Cursos de graduação de interesse dos estudantes



**Fonte:** Os autores (2023).

Entre as opções de curso com maior predominância entre os estudantes, destacaram-se as graduações em Medicina Veterinária, Engenharia Agrônômica e Direito, sendo os dois primeiros cursos relacionados com a realidade rural local, enquanto o Direito tem um significado cultural, por ser um curso de referência na “visão” dos familiares dos estudantes para posição social de destaque e ascensão financeira.

Enquanto as formações em Designer Gráfico e Engenharia de Software são exemplos de preparação aos estudantes para inserção no mercado de trabalho, tendo em vista áreas que apresentam crescimento exponencial. Já os cursos de Recursos Humanos, Psicologia, Medicina, Enfermagem, Educação Física, Engenharia Civil, também citados, apresentam-se como itens de realização pessoal e profissional, planejamento familiar e busca de ascensão financeira, bem como os outros citados anteriormente.

Enquanto a 2ª opção de graduação que alguns estudantes elencaram, estão relacionadas a questões de planejamento e oportunidades. Por exemplo, E3 que afirmou como primeira opção de graduação o curso de Direito, apresentou seu planejamento em realizar essa primeira graduação, inserir-se no mercado de trabalho e, após alguns anos, cursar Paleontologia, que é o curso que afirma “nascido para trabalhar com o passado” (E3, 2022). O mesmo estudante tenciona não realizar essa graduação inicialmente por não haver tantas oportunidades de trabalho como sua primeira opção de curso, e que cursará Paleontologia pelo sentimento e propósito que construiu para si. A mesma realidade pode ser percebida em E7, que cursará Designer Gráfico por questões de emprego e salariais, mas futuramente quer especializar-se na Fotografia, afirmando ser sua verdadeira vocação.

Enquanto outros estudantes afirmaram estarem em dúvida em cursos correlatos, como cursar Engenharia de Software ou Sistemas de Internet. O que motivou E12 a escolher o curso da 1ª opção é o fator de salário e que poderá trabalhar remotamente, assim não necessitará ficar longe da família, conciliado ao pertencimento na área rural. O mesmo caso de E9, que afirma o interesse em seguir na área da docência, mas está em dúvida em relação ao curso de Educação Física ou Matemática, em circunstância das oportunidades de emprego, pela quantidade relativa de aulas semanais, o qual afirma ser suas “matérias favoritas” (E9). Realidade próxima a E17, que não quer permanecer na área rural, pretende cursar Recursos Humanos, mas irá investir na Educação Financeira por ser uma opção rentável atualmente.

Assim sendo, observamos nas narrativas que os estudantes apresentaram, além da simples opção de curso de graduação, é a busca intermitente pela realização pessoal e profissional a partir de um propósito, o que se demonstra, mesmo que timidamente, projetos de vida estruturados; por isso, faz-se necessário o desenvolvimento de ações interventivas a partir de políticas públicas aplicadas no campo educacional para fortalecimento de práticas pedagógicas que visem auxiliar e apoiar cada jovem nos seus percursos de vida.

Consoante os autores Araújo, Arantes e Pinheiro (2020), o projeto de vida é constituído das dimensões, pessoal, profissional e social. Embora a última não seja tão focalizada, faz-se necessário o incentivo ao retorno para as comunidades que cada jovem é integrante; logo, permitirá um crescimento coletivo e humanitário, contribuindo ao desenvolvimento a partir desse senso de pertencimento irrevogável (CAUNE, 2014).

Portanto, perguntamos aos estudantes, a partir de suas perspectivas futuras, quais seriam as possíveis contribuições de retorno que os mesmos poderiam atribuir ao distrito de Alto São João, onde é localizado a instituição escolar. Nesse segmento, os principais itens que figuram enquanto respostas foram necessariamente o trabalho.



A partir do agrupamento de respostas, identificaram-se alguns padrões, por exemplo: alguns participantes tencionaram que não poderão contribuir, tendo em vista que irão morar nas cidades, como foi o caso de E17. Enquanto os estudantes que pretendem cursar Medicina Veterinária e Agronomia afirmam poderem contribuir a partir do aprendizado construído durante a graduação, sendo assim, prestando assistência médica veterinária e agrônômica aos moradores do distrito.

Outro exemplo foi E9, que aspira seguir na área da docência, projeta-se trabalhando futuramente na instituição escolar onde estuda atualmente. Nas palavras do entrevistado: “trabalhar como professor é o maior grau de contribuição para uma sociedade” (E9, 2022). Também foi levantado como forma de encargo os estudantes E7, E12 e E20, que explicam em suas respostas que buscarão trazer melhorias e recursos ao distrito. As formas e obtenções desses benefícios, segundo os participantes, ocorrerão “mediante a uma maior participação na vida política e cidadã, que foi negado às gerações anteriores, pela falta de acesso à informação” (E17, 2022).

Essa corrente de pensamento indicada pelos estudantes aproxima-se das considerações postuladas pelo autor Moreira (2019), ao destacar a necessidade de pensar um novo rural brasileiro, não somente na perspectiva econômica, que gera exclusão, sendo necessária sua identificação integrada com as dimensões sociais, culturais e políticas para a vida cotidiana.

No viés das perguntas anteriores, a próxima indagação foi relacionada se, na perspectiva dos estudantes, falta algum elemento para o campo (tendo em vista o local de suas vivências) se tornar um espaço atrativo; nesse sentido, 92% dos estudantes responderam que “sim”, enquanto 8% afirmou que não havia a necessidade de inserção de novos elementos.

Tendo em vista que o termo atrativo é um adjetivo que descreve algo que consegue atrair ou chamar a atenção das pessoas, como um espaço interessante, foi questionado a partir de suas vivências, para os estudantes que responderam sim, quais seriam os elementos necessários.

Entre as principais ponderações dos estudantes, salientamos a necessidade extrema de pontos de lazer e cultura da comunidade. Exemplificam esse pensamento de E12 que tenciona sobre a urgência de projetos sociais que visem o estímulo para a permanência da juventude no local, e de E9 que cita a inserção de cinemas comunitários para ocorrer nos finais de semana, no espaço compartilhado local, conhecido como Complexo Recreativo.

Também foram citadas situações da cotidianidade a terem atenção redobrada do poder público, como por exemplo, a melhoria nas estradas para o deslocamento do distrito até a sede municipal, a parceria entre o poder público e a iniciativa privada para a capacitação da juventude local, a partir de cursos com foco na agricultura, focando na permanência do jovem

na área rural. Com essas reflexões, justificamos a necessidade de um modelo pedagógico voltado aos princípios da Educação Cidadã.

Assim sendo, podemos averiguar com todas as respostas pontuadas a similaridade nas críticas levantadas pela juventude ao que se refere à falta de oportunidades para esse recorte geracional, argumentando “não serem ouvidos e não serem levados a sério” (E17, 2022), e a falta de opções de lazer para a manifestação das práticas culturais. Apresentaram interesses em permanecer na área rural, no entanto, a falta de perspectivas futuras de qualidade de vida torna-se o elemento decisivo a migrar para as cidades.

Dando continuidade na análise dos questionários, a terceira parte contempla perguntas relacionadas à relação de que os estudantes estabelecem com as redes de internet e as redes sociais. Sendo a primeira pergunta se os estudantes possuem celular próprio. Em que obtivemos a estatística de 92% possuem celular próprio, com exceção de dois estudantes do Ensino Médio que são irmãos e compartilham o mesmo aparelho e somente 8%, que representa 2 estudantes não possuem celular próprio.

Ademais, 81% possuem em sua residência rede de internet sem fio Wi-Fi, já 19% não. Indagados sobre se em suas residências é abrangida pelo sinal de telefonia móvel para o acesso à internet por meio de pacote de dados de operadora, 52% afirmam possuir essa forma de conexão, enquanto 48% não possuem acesso. Dessa maneira, as empresas que fornecem internet via Wi-fi estão apresentando maior eficiência em facilitar os meios de comunicação das pessoas que vivem na área rural, se comparado com as redes de telefonia móvel.

Entre os principais espaços utilizados para o acesso à internet, os estudantes elencaram suas próprias residências e a instituição escolar que frequentam. E19 explicou como faz para manter-se conectado:

Quando não estou na escola, ou não saio de casa nos finais de semana, para ir para o Marquinhos, jogar sinuca e comer salgadinhos. Para não ficar tão desatualizada dos acontecimentos que estão ocorrendo com meus amigos e família, eu pego minha moto, vou até o morro que está perto da minha casa, onde funciona o 4G e fico conversando com meus amigos pelo WhatsApp, vejo uns vídeos no TikTok, baixo umas músicas lançamento do sertanejo da Ana Castela, para ouvir deitada em minha cama. É muito bonito o pôr do sol e observar as fazendas todas por cima do morro, e quando começa a escurecer, volto para a casa (E19, 2022).

Exemplo como esse ilustra os microcosmos presentes nas regionalidades brasileiras. A juventude do campo descreve como uma exemplificação, na qual elementos do passado fundem-se com a atualidade e ainda persistem os modos de vida, as identidades culturais, a vida

campestre cercada pelas atividades agropecuárias concomitantemente com as belezas cênicas paisagísticas.

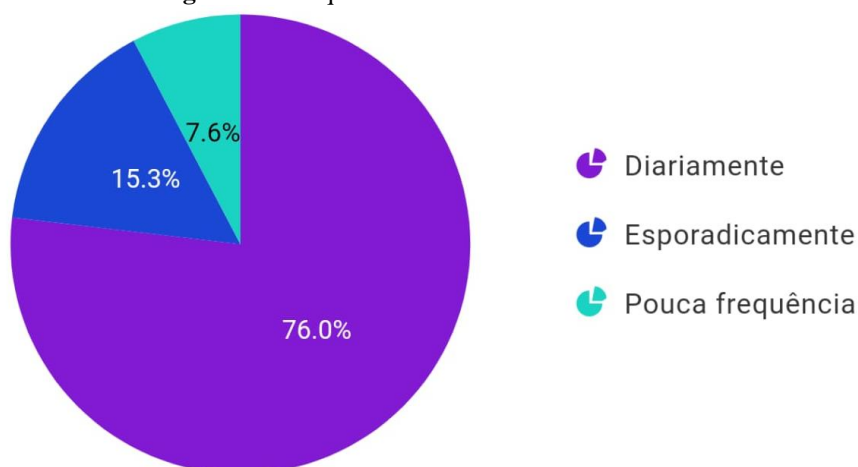
No que concerne à finalidade da utilização da internet, as principais respostas evidenciadas pelos estudantes foram: acompanhar noticiários e informação; estudar e pesquisas escolares; uma ferramenta que permite a distração e o entretenimento como os jogos, acompanhar futebol, novelas, séries e filmes. Conforme um entrevistado: “já que aqui a gente não tem muito lugar para sair, ver uma série, um filme, ou uma partida de futebol, torna-se as minhas formas de distração e entretenimento” (E15, 2022).

Curiosamente, E11 explicou que uma das funcionalidades da internet é o auxílio para os negócios da família: “vejo que com a internet, ficou mais fácil para comprar e vender os rebanhos de gado da fazenda, posso cotar o preço ao meu pai, e assim termos lucro” (E11, 2022). Mantendo-se, assim, as tradições familiares com a inserção de novas tecnologias.

No que diz respeito aos estudantes possuírem redes sociais, 96% possuem cadastros nas redes, enquanto 4% (que corresponde a somente um estudante) não possui redes sociais. Litigado sobre não possuir cadastro nas plataformas de mídias sociais, o estudante E21 explicou: “não tenho celular, mas tenho um notebook em casa, até poderia ter esse aparelho móvel, mas por enquanto me sinto bem” (E21, 2022). Isso demonstra que nem mesmo a juventude pode ser mensurada em somente um padrão cultural, cada indivíduo tem suas especificidades.

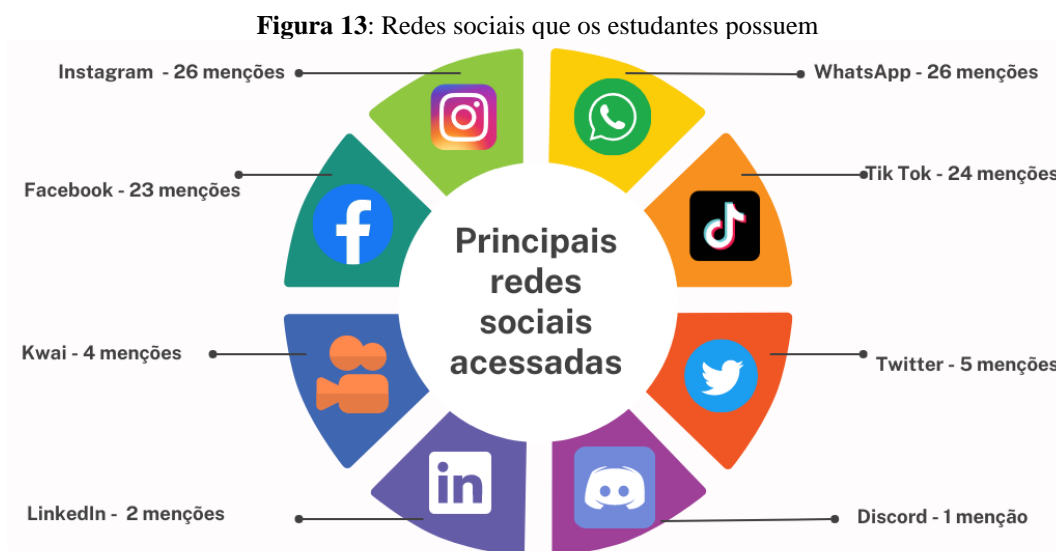
Acerca da frequência de acesso às comunidades virtuais, a Figura 12 apresenta as estatísticas evidenciadas.

**Figura 12:** Frequência de acesso às redes sociais



**Fonte:** Os autores (2023).

Desse modo, podemos constatar que a maioria dos estudantes utiliza as redes sociais diariamente. Sendo uma característica da juventude, essa constante interação social acompanha os fenômenos complexos que ocorrem a todos os momentos (VETTORASSI; FERREIRA; SOFIATI, 2021). Em relação às redes sociais, a Figura 13 apresenta as que os estudantes possuem, considerando o total de 26 participantes.



**Fonte:** Os autores (2023).

Portanto, constatamos que as principais redes sociais que os estudantes possuem são *Instagram* e *WhatsApp*, sendo que, no universo da pesquisa, é constituído da totalidade de acesso pelos participantes. Além disso, as menções sobre *TikTok* e *Facebook* estão equiparadas com a pesquisa realizada pelas plataformas *Hootsuite* e *WeAreSocial*, ao afirmarem que essas são as principais redes sociais utilizadas no Brasil (GRANDCHAMP, 2021).

Logo, as redes sociais como *Twitter*, *Kwai*, *Discord* e *LinkedIn* não são tão utilizadas, como o *Discord* usado por comunidades de jogos, grupos de estudo, equipes de trabalho remoto, comunidades de interesse, enquanto o *LinkedIn* é uma rede social profissional voltada para contatos e conexões profissionais. Sendo assim, a utilização das redes sociais pela juventude é ampla e variada.

Dessa forma, quanto à interação dos estudantes com pessoas de diferentes culturas por meio das redes sociais, 85% afirmam que possuem contato com diferentes identidades culturais,

citando em suas respostas os exemplos de “colegas de jogos que moram na Argentina, por meio do Discord” (E21, 2022) e “playboys e patricinhas da cidade”<sup>43</sup> (E11, E19).

As principais respostas dos estudantes destacaram os denominados “playboys” e alguns estilos culturais que estão presentes no universo das redes sociais que imitam a cultura de quem é do campo e pertence ao meio rural. Outros exemplos citados pelos estudantes referem-se àqueles grupos de indivíduos que possuem características distintas de suas identidades culturais e, graças a globalização e a propagação dos meios de comunicação, podem viver de forma integrada e harmonicamente.

Na sequência, perguntamos sobre serem ativos nas redes sociais, como por exemplo, postar conteúdo, compartilhar informações, interagir com outros usuários, curtir, comentar e seguir páginas, perfis e grupos de interesse. 72% dos estudantes afirmam serem ativos, enquanto 28% explicam haver pouca interação com as plataformas de redes sociais. Sobre as temáticas que a juventude tem em vista acompanhar nas redes sociais, a Figura 14 apresenta as menções dos estudantes.

**Figura 14:** Temáticas que a juventude acompanha nas redes sociais



**Fonte:** Os autores (2023).

Consoante ao levantamento realizado, os estudantes acompanham uma ampla variedade de temáticas nas redes sociais, variando de acordo com seus interesses individuais. No entanto, algumas temáticas comumente populares entre os jovens têm maior destaque, como: as músicas,

<sup>43</sup> “Playboy e Patricinhas” são termos coloquiais usados para se referir a um tipo específico de pessoa, geralmente associado a ricos que levam uma vida despreocupada, cheia de luxos, festas e atividades de lazer. No entanto, na concepção dos estudantes, os mesmos relacionaram esses estereótipos aos indivíduos que moram na cidade.

que consistem em uma expressão emocional; e os memes, que são janelas do humor, desempenhando um papel significativo e desconstitutivo nas redes sociais.

Outras temáticas, como a curiosidade, demonstram o senso crítico e investigativo dos estudantes; seguir celebridades em redes sociais, como no *Instagram*, para acompanhar suas trajetórias de vida, como jogadores de futebol, atores e atrizes, além de outras pessoas de referências. Séries e Futebol demonstram os interesses de consumir conteúdos de mídia e são elementos simbólicos de suas identidades culturais (KELLNER, 2001).

Além disso, a busca por acompanhar noticiários para manter-se informados sobre os fenômenos que ocorrem na cotidianidade, além da participação na vida política e cidadã, como o interesse pela temática da Política. Assim sendo, 50% das menções sobre os temas que os estudantes buscam acompanhar nas redes sociais, que consiste na opinião de 13 estudantes, os quais afirmaram buscar revisão de estudos, implicando no amadurecimento sobre as expectativas futuras.

É importante ressaltarmos que essas temáticas levantadas são apenas algumas das muitas áreas de interesse para os jovens estudantes nas redes sociais. Os interesses individuais podem variar amplamente, em simultâneos às temáticas que compartilham em seu grupo, sendo parte significativa da experiência de consumo online de conteúdo.

Já a terceira parte do questionário teve em vista entender os desdobramentos das identidades culturais da juventude e as influências que recebem das redes sociais. Nesse sentido, a primeira pergunta objetivou entender se os estudantes se identificam com pessoas e elementos que acompanham nas redes sociais, com 92% afirmando se sentirem representados, enquanto 8% não encontram representatividade.

Diante disso, prosseguimos com o levantamento das informações a partir das respostas dos questionários. A próxima pergunta, que está contemplada na quarta e última parte, pode ser considerada a mais importante do questionário, que indagou os estudantes para descreverem brevemente como caracterizam suas identidades culturais. A maioria dos estudantes previamente relacionou o conceito orientador da pergunta com os conteúdos trabalhados na aula de Sociologia. Em poucos casos foi necessário explicar o conceito.

Obtivemos as seguintes respostas, que cabem considerações às determinantes elencadas pelos estudantes. Três entrevistados apresentam respostas similares, como são os casos:

Posso dizer que minha identidade é ser um autêntico boiadeiro, não pode faltar nos meus trajes como o chapéu e minha fivela. Paguei caro, mas foi com muitos finais de semana ajudando meu pai na fazenda, fazendo cerca. Quando vou nas festas, as pessoas olham pra mim, não sei se gostam ou não do meu

estilo, mas eu me sinto bem e é isso que importa, os outros são os outros. Aí quando trabalho levando os bois de um pasto para o outro, uso minha calça de couro e o laço, é por isso que quero fazer um curso de Domador de Cavalos (E14, 2022).

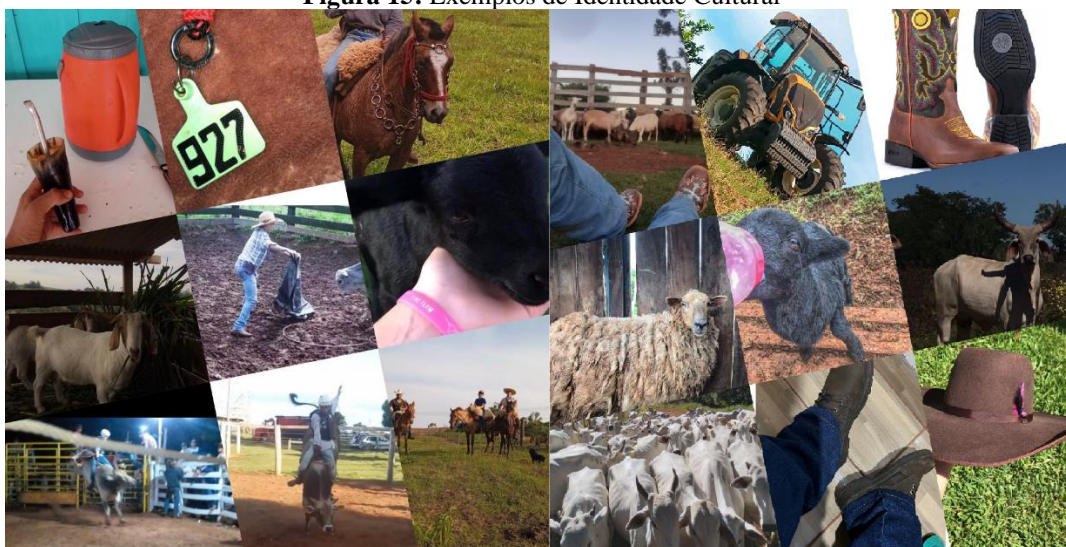
Bem, acho que o que mais me define é ser uma menina da pecuária, não essas modinhas que realmente não vai e executa o trabalho, ou não vive o que a gente pode na roça, é sobre trabalhar com a pecuária de corte, ajudar o pai nos negócios, ver que sou importante. E, principalmente, no final do mês, ir à loja country e poder comprar à vontade as minhas botas, a minha guaiaca, minha faixa paraguaia, além das calças do jeito que quero e gosto (E11, 2022).

Moro somente com meu avô, meio que sou responsável por ele, e jamais trocaria todas essas vivências que tenho com ele, desde ir ajudá-lo a tirar leite das vacas de manhã, escutando aquelas modas antigas de viola no rádio a pilha, antes de vir para a escola, os finais de semana que posso montar em bois, como peão de rodeio, ir para a cidade, onde posso dirigir a F1000 e ele fica no meu pé para não correr demais, mas acho legal. No final do mês, com o dinheiro da aposentadoria e do gado leiteiro, sempre sobra um dinheiro, aí posso comprar umas coisinhas para mim. Bem, [...] tudo isso me fez aprender o que é ser uma pessoa humilde, ter apego com as raízes, como a humildade e comprometimento no que quero fazer em minha vida, como cursar Agronomia e assim continuar pertinho da minha família (E19, 2022).

As três narrativas escolhidas demonstram a essência da identidade cultural, por ser negociável e construído no contexto social e cultural que os sujeitos vivem (HALL, 2020). As respostas ilustram situações da cotidianidade que definem os traços de cada um desses jovens e mostram também que eles possuem orgulho da forma que são. Além da realização e satisfação pessoal que esse estilo de vida os proporciona.

Assim, constatamos que os estilos de identidades culturais apresentadas nas respostas dos estudantes, que mesclam elementos próprios de sua caracterização e narrativas da vida, demonstram os estilos de vida que persistem no campo como a conexão mais próxima com a natureza, uma ênfase no estilo de vida baseado na simplicidade e laços de pertencimento com o local. Embora possa haver alguns desafios e limitações, se comparados com as pessoas que residem nas cidades, os participantes encontram um significado e propósito em suas vidas ao adotarem esse estilo.

Mediante a autorização prévia dos participantes, a Figura 15 apresenta alguns elementos que os mesmos definem serem decisórios na construção de suas identidades culturais, desde elementos compartilhados e aqueles que agem individualmente. Vejamos:

**Figura 15:** Exemplos de Identidade Cultural

**Fonte:** Os autores (2023).

Práticas como o apego às tradições familiares, a valorização do trabalho, ornamentos e moda *country*; a afeição às pequenas situações do cotidiano, como o cuidado com animais de estimação e trabalho permite que o sujeito possa sentir-se pertencido e reconhecido da forma a qual se sente bem, antemão aos modelos culturais impostos socialmente, pela sociedade do consumo (BAUMAN, 2005).

Esse exercício de reconhecimento de si próprio e valorização dos elementos que definem suas essencialidades e, conseqüentemente, sua identidade cultural são uma forma de resistência cultural e valorização da diversidade (LOPES, 2012) presente no território brasileiro.

Para Hall (2020), as identidades culturais não se delimitam somente das influências sociais e culturais da comunidade na qual os sujeitos residem. O sociólogo destaca a agência dos sujeitos na construção de suas próprias identidades, em que os mesmos podem se posicionar ativamente em relação às representações culturais dominantes, ou que muitas vezes são impostas, podendo reivindicar suas identidades que transcendem esse sistema. Uma determinante que auxiliou nesse processo ocorreu pela interação entre os sujeitos a partir dos espaços virtuais que as redes sociais se propagam, nesse sentido, encontra-se nas respostas dos entrevistados situações como nas elencadas.

Assim, os objetivos de vida são determinantes na construção das identidades culturais, como: “posso um pensamento diferente dos meus familiares que moram no sítio, eu até gosto daqui, mas não me sinto incluído e pertencido a esse sistema, da tranquilidade, quero ir para a cidade” (E17, 2022). Também foi possível identificar nas respostas dos entrevistados o que Bauman (2005) e Hall (2020) definem como identidades culturais fluidas e negociáveis que

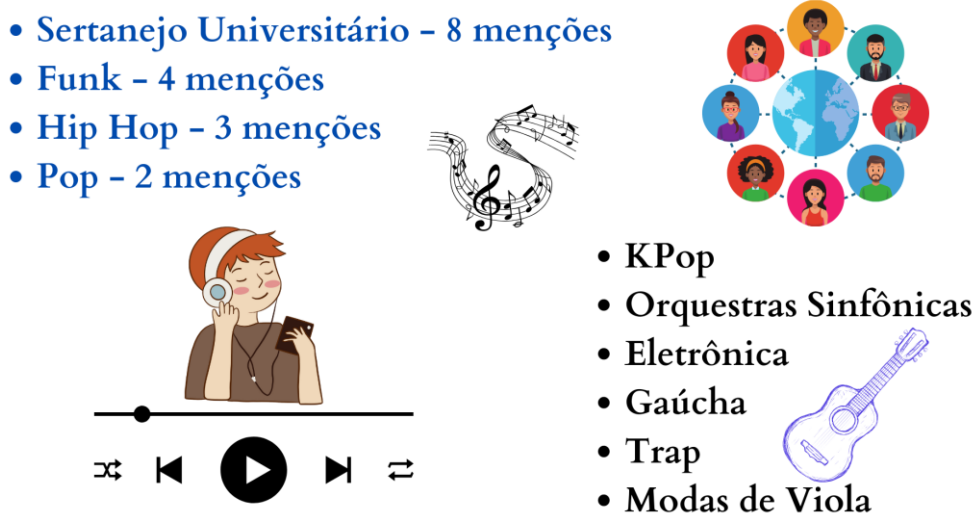


podem ser revogadas a qualquer instante. Conforme as respostas dos entrevistados E5, E9, E12 e E22 que não conseguem definir sua identidade cultural previamente. Afirmaram ser “eccléticos<sup>44</sup>” por gostarem de tudo um pouco, ou afirmaram que ainda estão indecisos sobre os elementos decisórios às suas identidades culturais, exemplificados a partir dos traços de hibridismo e fragmentação das identidades culturais, como exposto por Hall (2020).

Diante disso, interrogamos sobre a importância da cultura do campo. Neste estudo, consideramos as práticas socioculturais a partir do contato com a terra, forte afeição com a natureza e um estilo preterido à calmaria. 92% dos estudantes consideram importante, mesmo que alguns não sejam inseridos nesse contexto, enquanto 8% afirmam indiferença sobre essa prática cultural.

Em relação aos estilos musicais, encontramos nas respostas dos participantes a diversidade, como o ecletismo afirmado por 8 estudantes, que indicaram “gostarem de tudo um pouco”; já outros, com o estilo musical mais definido, incapazes de trocar suas músicas favoritas. As menções dos estudantes para cada gênero musical encontram-se a seguir, na Figura 16:

**Figura 16:** Estilos Musicais



**Fonte:** Os autores (2023).

Em relação aos estilos musicais, observamos que a música Sertaneja se destaca em comparação com outros estilos. Tal estilo musical teve o início de seu ápice na década de 1990, sendo suas canções consideravelmente populares por todo o território e expansão internacional.

<sup>44</sup> Conforme a definição do dicionário, uma pessoa eclética possui características diversas compostas por diferentes elementos, inclusive com tendências divergentes.

Constatam-se, dessa maneira, a influência local nessas escolhas. Seguido do Funk, Hip Hop e Pop, elencados como estilos musicais ditos tradicionalmente dos espaços urbanos, mas que estão presentes na área campestre, em circunstância da globalização que vem promovendo o estreitamento das fronteiras geográficas. Dessa forma, constatamos nas respostas dos estudantes os estilos musicais como o *Kpop*, um subgênero da música pop originário da Coreia do Sul e que ganhou popularidade mundial nas últimas décadas.

Outros estudantes elencaram características dos próprios subgêneros musicais, como o caso “eu gosto do Sertanejo Antigo, que aprendi ouvindo com meu pai, como o Tião Carreira e Pardinho; Chico Rey e Paraná, esses cantores antigos; hoje em dia, poucas músicas do sertanejo são boas” (E11, 2022). Esse fenômeno é denotado nas canções que são produtos da Indústria Cultural, que possuem letras parecidas, voltadas meramente ao consumo e venda (ADORNO; HORKHEIMER, 1978).

É nessa direção que temos a opinião de E23, que destaca que “hoje em dia, apesar de muitas músicas não terem história, serem rasas, há muitos artistas que são importantes, que dão uma maior representatividade aos povos do campo, principalmente as mulheres” (E23, 2023). De certa forma, cada música apresenta um contexto particular e um simbolismo, como por exemplo, os artistas que valorizam a representatividade feminina e das pessoas LGBTQIA+, que por muitas vezes estiveram excluídas ou ridicularizadas por meio do universo das canções. Exemplos como tais foram evidenciados na seção anterior.

A música pode ser considerada uma das vertentes mais significativas da caracterização da identidade cultural dos sujeitos, ou seja, as escolhas em ter um estilo musical ou outro como atrativo está relacionada às vivências e às experiências que fazem remeter-se à tal melodia, no qual cada um dos estilos musicais tem suas próprias características únicas, histórias, em que a música continua a evoluir e reinventar ao longo do tempo, sendo uma expressão de comunidades contextualizadas em um dado espaço e tempo.

O elemento musical está em constante reinvenção e atualização, sempre está sendo renovada por ela mesma. Essa propagação ocorre a partir das redes sociais, como por exemplo, as *trends* de vídeos virais que são compartilhados pelo *TikTok*, conhecida por ser a plataforma de vídeo curtos e imediatos.

A identidade cultural é moldada por várias influências, em que a família configura um papel fundamental nesse processo, por se tratar do ambiente em que uma pessoa nasce e cresce, onde os primeiros valores, crenças e tradições são transmitidas. Teles (2019) explica que a música sertaneja, por muito tempo, relacionou-se com essas tradições.

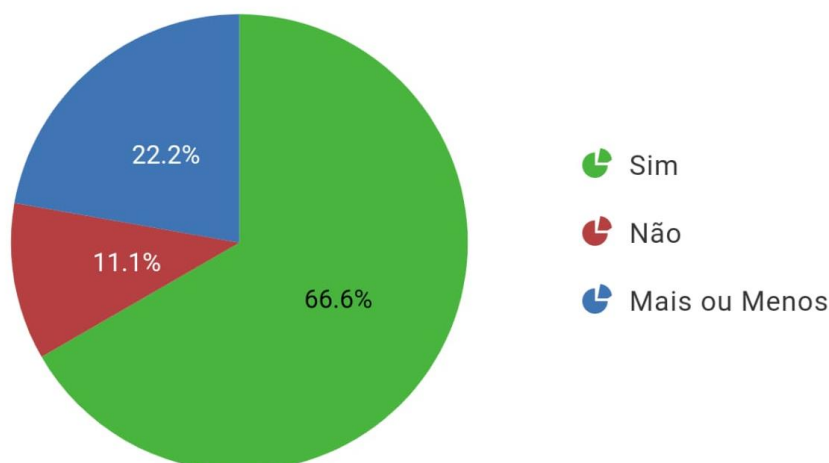
Nessa conjuntura, questionamos sobre as influências que receberam dos antepassados e que persistem em suas práticas cotidianas. Os estudantes apresentaram alguns exemplos das influências. Para E1, E11, E14, E19 e E22, as respostas apresentaram similaridades, porque os mesmos mencionaram que aprenderam a valorizar o trabalho e este como forma de sustento. Entre outras definições apresentadas pelos estudantes, foram: estilo de vida, como o jeito de falar, as práticas religiosas e o respeito a natureza.

Essas influências dos antepassados que moldam as personalidades são explicadas e tangenciadas como no relato: “meu avô é muito importante para mim, com ele aprendi muita coisa, e principalmente os valores morais, principalmente a questão de respeitar os outros e ter orgulho de quem sou” (E19, 2022). Isso é uma forma de demonstrar como os princípios humanos têm influência familiar, tendo sido construídos socialmente, tornando pessoas admiráveis e respeitáveis.

Não obstante, 5 estudantes não se consideraram influenciados pelas práticas familiares, como nos casos de E17 e E24, que afirmam não concordar com os pensamentos de seus familiares. Tal pensamento tem origem com os contatos e a interação nos quais as pessoas têm com outros grupos sociais e experienciam diferentes culturas ao longo de suas vidas.

Em relação ao seguimento de tendências, como no campo da moda, tecnologia, economia, cultura e comportamento humano, 84% dos estudantes mencionaram seguir esses modelos, a partir de pessoas de referência no mundo das mídias sociais a qual identificam-se por apresentarem elementos comuns em suas identidades culturais, como os vestuários, estilo musical. Por outro lado, 16% afirmam terem “estilos próprios”.

Para 64% dos estudantes, suas identidades culturais estão nitidamente relacionadas às práticas culturais vivenciadas no campo, enquanto 46% mencionaram que outros elementos interpelam na sua identidade cultural. Simultaneamente, foi inquerido se os estudantes se sentem ou não pertencidos ao campo, no caso, à comunidade do distrito de Alto São João. Desse modo, a Figura 17 ilustra os resultados.

**Figura 17:** Pertencimento ao campo

**Fonte:** Os autores (2023).

Ao analisarmos os dados da Figura 17, fica evidente que a maioria dos estudantes possui um sentimento de conexão, identificação e inclusão ao campo, sendo este elemento decisório na sensação de pertencer e ser reconhecido enquanto membro do coletivo. Questionando os estudantes que afirmaram não se sentirem pertencidos, as respostas apresentadas foram relacionadas à falta de oportunidades para a vida, como o trabalho e fontes de lazer.

Todos os participantes afirmaram acreditar que o campo se modernizou a partir de uma série de transformações significativas nas esferas sociais, políticas, culturais e tecnológicas na região, como exemplificam nos avanços nos modos de produção, ao maior acesso às redes de conexão com a internet e às mudanças de paradigma relacionadas aos modos de pensar e agir das pessoas de mais idade, como afirmado por E12.

Ao passo que 85% dos estudantes afirmaram gostar de viver no campo, no que concerne às justificativas: a família, a qualidade de vida, a tranquilidade, a autossuficiência, o apego ao local, como decisórios à essa escolha. Enquanto 15% não gostam de viver nesse ambiente, em decorrência do acesso limitado a bens e serviços, à menor oferta de emprego e por não estarem presentes na “agitação” e comodidades fornecidas nas cidades, como exposto por E17.

Referente ao deslocamento dos estudantes para os espaços urbanos, 67% explicaram que vão com frequência, essencialmente nas sedes municipais de Roncador ou Iretama, buscando serviços que não são fornecidos nas suas proximidades, como ir às compras de bens de consumo; para tratamentos de saúde, como odontológicos; visitação de parentes; e a busca por opções de lazer e entretenimento.

Já 33% dos estudantes não possuem esse hábito com frequência, pois ficou evidenciado nas narrativas que vão apenas uma vez no mês, quando seus familiares recebem o pagamento dos serviços prestados na fazenda ou lucro das atividades de origem agropecuária.

Acompanham seus familiares para as compras no mercado, de vestuários e bens para a propriedade rural. Ir para centros urbanos maiores, sendo referência regional as sedes municipais de Campo Mourão ou Pitanga, torna-se um evento a ser planejado, como os momentos de consultas médicas em que convivem pouco com elementos dos espaços urbanos.

Por final, a última pergunta do questionário investigou a concepção dos estudantes sobre a definição dos grupos culturais “caipiras” e “*agrobos*” em um breve termo ou frase, se possuem identificação com alguns deles e de como podem relacionar sua identidade cultural na contemporaneidade. Buscando preservar com autenticidade, as respostas dos entrevistados, as que aventaram maior originalidade estão dispostas no Quadro 1.

**Quadro 1:** Definições das terminologias de *Agroboy* e Caipira para os estudantes

<i>Agroboy</i>	Caipira
Caipira moderno	Mora no interior
Estiloso	Jeito de falar marcante (muito preconceito perante à sociedade)
É uma modinha <sup>45</sup>	Tem uma moradia simples, é parado no tempo
Rico	Gosta de onde mora, e de trabalhar
Apropria-se da identidade do caipira	Mais simples possível
“Playboy” <sup>46</sup> de sítio	Pé no chão <sup>47</sup> , sabe fazer as coisas
Não garante um bom trabalho	Trabalhador
Somente tem estilo	Gosta do mato e da roça, e não tem ligações com a cidade
Não mora no sítio, na maior parte dos casos	Não gosta de modernidade e sim, simplicidade
Inovador	Rústico, rígido e bruto
Influência do country americano	Sotaque marcante
Relacionará o tradicional com o moderno	Respeita tradições antigas

**Fonte:** Os autores (2023).

As respostas obtidas apresentam diferentes simbolismos sobre o microcosmo presente na área rural, onde são encontradas as tipologias dos *agrobos* e caipiras, desde a valorização de um sobre o outro ou equiparando-os como marcas da evolução tipológica que ocorreu ao passar das décadas.

<sup>45</sup> A expressão “modinha” é designada pelos estudantes como uma forma de tendência a ser seguida.

<sup>46</sup> O termo “playboy” faz alusão aos moradores do espaço urbano.

<sup>47</sup> Expressão popular que se refere a pessoas que se mantêm na realidade e vivem sem ilusões.

Referente às definições postuladas sobre os *agroboys*, encontramos respostas que os relacionam com marcas decisórias da modernidade presentes nas áreas rurais, tendo como exemplos as inovações e a inserção de novidades tecnológicas e de melhor infraestrutura, e a apropriação de itens da identidade cultural do campo, mesmo sem residir necessariamente nesse espaço. O que em certas situações coloca este grupo como o avesso dos caipiras.

É necessário destacar que o termo *agroboy* é uma expressão coloquial, que mescla jovens envolvidos com as atividades agropecuárias, nas quais suas identidades culturais reverberam-se por meio do uso de roupas de trabalho típicas do campo, botas, chapéus, entre outros ornamentos, além do envolvimento em atividades relacionadas ao setor agropecuário, como o manejo de animais e o trabalho na terra.

No entanto, é necessário destacar que os *agroboys* não identificam toda a parcela da juventude que vive no campo. Cada sujeito tem suas próprias características, interesses e experiências que vão além de estereótipos ou rótulos; nesse sentido, Bourdieu (1989) argumenta que nomenclaturas nunca são escolhidas aleatoriamente, muito pelo contrário, são carregadas de valores simbólicos.

Em contrapartida, para os estudantes, as definições para o caipira estiveram carregadas de um simbolismo veemente caracterizado pela identificação desses sujeitos com o campo, a partir da forte afeição dos mesmos com a terra e ligados às tradições, como ao destacar o respeito às tradições, a escolha de um estilo de vida baseado na simplicidade, sem a interferência direta do consumismo exacerbado. De antemão, algumas definições postas dos estudantes reconheceram os estigmas e a visão preconceituosa que estes grupos enfrentam socialmente.

A partir das deliberações apresentadas, podemos atenuar que não se trata de uma substituição do tradicional para o moderno, nem uma sobreposição de um estilo de identidade cultural sobre o outro. Cada um deles apresenta seus significados, simbolismos e importância. A corrente de pensamento em categorizar as identidades culturais em “cultura dominante” sobre as “culturas subalternas” não se aplica aos moldes contemporâneos da valorização cultural, que devem ocorrer intermitente (LOPES, 2019).

Questionados sobre a identificação de suas identidades culturais, possivelmente com um dos grupos que foram citados anteriormente, os estudantes E11, E11, E14 e E19 afirmaram expressar o sentimento de orgulho ao se intitularem como caipiras, já que gostam do local onde residem e das práticas socioculturais que ocorrem em suas vidas.

Para E12, sua identidade cultural segue os itens descritos para um estilo de vida do *agroboy*, já que o mesmo flutua entre elementos do rural e do urbano. Outros estudantes também tencionaram sobre a flutuação dos estilos de identidade:

Tem horas que me vejo um caipira nato, gosto de calçar a botina, usar um chapéu, uma fivela, mas tem dia que vou e calço um *All Star* que ganhei de uma tia que mora em Curitiba. Vejo que no campo há diferentes estilos de identidades culturais, como tem aqueles que gostam de música Kpop, ou quem usa um piercing no nariz, e todos olham “diferente”. O campo possui os caipiras e o *agroboys*, mas não só estes, tem gente de tudo estilo, de todo jeito, de todo o gosto. Vemos isso mais é na escola, não é porque estudamos em uma escola que fica no sítio, que todo mundo usa botina, alguns sim e com orgulho, outros preferem se vestir de outras maneiras. Mas o que mais importa é se sentir bem consigo mesmo (E23, 2022).

A narrativa acima apresenta relevância quanto à identidade cultural, referida ao sentimento de realização, pertencimento, que pode variar as influências que recebem, tendo em vista o ambiente social e cultural em que está inserido. Não se trata apenas de tolerância, mas sim de reconhecimento, respeito e valorização das contribuições e diversidade que cada cultura traz para a sociedade na totalidade. Isso fortalece os laços sociais, promove a justiça cultural e enriquece a experiência humana em todas as suas dimensões.

As identidades culturais presentes na área rural flutuam sobre as influências presentes no campo, em simultâneo com as influências postuladas pelas redes sociais que fomentam as formas de comunicação e integração entre o local e o global. Tal como tangenciado por E23, a escola é um ambiente de reconhecimento e valorização dessa diversidade, a qual se faz necessário a proposta de um modelo educacional pautado no desenvolvimento de valores éticos e sociais, consolidando o desenvolvimento local.

Com base no sentimento de pertencimento, contribui-se a partir de uma abordagem dos estudos culturais. Dessa forma, os estudos culturais desempenham um papel decisivo no desenvolvimento social, em circunstância da compreensão dos fenômenos complexos que ocorrem entre cultura, identidade e sociedade; desse modo, há entre as três instâncias um processo de interdependência.

É nesse sentido que os fenômenos relacionados às identidades culturais, apesar de estarem pautados na lógica consumista e no culto à mídia proposta a partir da cultura de mídia (SODRÉ, 2002), necessitam ser compreendidos como constituintes simbólicas do ser humano, necessitando ser entendidos como partes decisórias dos indivíduos perante à sociedade.

Tendo em vista que é por meio das práticas culturais que os indivíduos se relacionam socialmente, podem desempenhar um papel fundamental a partir dos vínculos de pertencimento, para contribuir em prol de melhorias àquele espaço que sentem incluídos, baseados na coesão comunitária, como buscar parcerias, investimentos, entre outros, como

foram tangenciados pelos docentes e estudantes através das respostas obtidas com a aplicação dos questionários.

É importante ressaltar que, apesar da relação intrínseca entre a cultura e sociedade, essa constituinte não é a única alternativa para o desenvolvimento social. Faz-se necessária a prospecção de políticas públicas eficientes, acesso aos recursos, disponibilização de oportunidades, etc.

A partir das considerações evidenciadas, entendemos que é necessária uma proposta educativa pautada na cultura como elemento potencializador ao desenvolvimento social, este sendo entendido como a progressão igualitária da comunidade. Desse modo, indo contra a lógica de “numa sociedade imediatista, marcada pela busca incessante do lucro imposto pelo ‘capitalismo selvagem’, educar para a vida e não exclusivamente para o mercado de trabalho, para a formação do ‘ser’ e não para o ‘ter’, torna-se um grande desafio” (D4, 2022). Esse relato apresentado por um dos docentes, exprime os desafios educacionais do século XXI.

Mas, contra esse marasmo, encontram-se docentes, estudantes e comunidades escolares espalhadas por diferentes recortes geográficos que estão engajadas a transformar a realidade dos seus estudantes, já que entendem os processos educativos como um investimento a longo prazo, que fornecerá resultados a uma sociedade mais justa e igualitária. Posto um desafio interessante, sinuoso e sem muitos “bons” resultados esperados, o que se revela necessário é o investimento e contribuição a esse campo.

Nesse sentido, é o que busco, enquanto professor e pesquisador: a mudança na vida dos meus estudantes, para que eles possam contribuir para um “mundo melhor”, que não ocorrerá a partir de frases de impacto, mas sim ações efetivas que os permitam se reconhecer culturalmente, entendendo que sua identidade cultural, desde caipiras, *agrobos* ou qualquer outra terminologia que os faça sentirem bem consigo mesmos, entendendo serem seres humanos únicos, com um propósito e missão a ser cumprida, fazendo toda a diferença no mundo.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao deparar-me com o momento de escrever as considerações finais desse estudo que objetivou entender a identidade cultural da juventude do campo, é circunstanciado um momento de realizar uma reflexão sobre essa trajetória trilhada durante o mestrado, ou seja, o recorte temporal por ser dois anos, ou aproximadamente 730 dias, destacaram-se importantes ocasiões ao amadurecimento do estudo, bem como a minha trajetória enquanto pesquisador e participante da pesquisa, contribuindo além da formação profissional, a humana.

Desse modo, podemos entender que a pesquisa acadêmica desempenha um papel crucial ao avanço do conhecimento humano, o que interpela ao desenvolvimento social; portanto, o ato de pesquisar é acima de tudo uma forma de contribuir à sociedade, em que desde as pesquisas das áreas das Ciências Exatas, Biológicas ou Humanas, todas se concentram no mesmo objetivo, de contribuir a um futuro mais próspero a toda Humanidade.

Nessa perspectiva, é notório o entendimento de que a pesquisa auxilia ao desenvolvimento social, que vai ao encontro da proposta do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Ao modo que, com esse estudo tendo como foco a juventude do Campo, foi possível ouvir os sujeitos presentes geograficamente na região de atuação do PPGSeD, maximizando o alcance de suas práticas culturais e identidades, ou seja, contribuir para terem seu devido espaço na sociedade, da forma que possam atuar enquanto agentes ativos em prol de melhorias comunitárias aos seus locais de origem.

Do modo que, ao fazer-se uso da abordagem interdisciplinar no processo da pesquisa científica, relacionamos haver uma certa dificuldade ao reconhecimento dos fenômenos contemporâneos de forma holística e ampla. Essa compreensão vai muito além das fronteiras estabelecidas tradicionalmente pelas disciplinas (FAZENDA, 1999). Aplicadas ao estudo aqui desenvolvido, fez-se necessário conhecer os estudantes do campo, não somente por suas características fisionômicas, mas entendendo-os em sua totalidade a partir das diferentes variáveis que se relacionam em suas vivências.

Sendo assim, é necessário entender que ao trabalhar com a temática de identidade cultural é relevante reconhecer sua complexidade e multifaces, a qual apropriamos das teorias das áreas dos Estudos Culturais, Sociologia, Geografia, Filosofia para que, ao realizar o diálogo de teorias, ideias, métodos e abordagens dessas áreas, podemos, mesmo que em passos curtos, entender um pouco mais sobre os fenômenos que abrangem a juventude, pormenorizando os estudantes e como estes constroem suas identidades culturais.

Logo, com a utilização da abordagem interdisciplinar, proporcionamos uma visão mais ampla sobre os itens preponderantes à formação das identidades culturais. Ao poder analisar em diferentes perspectivas, constatamos percepções e soluções criativas que, da mesma forma, podem ser utilizadas na resolução de outros desafios complexos presentemente na sociedade, além de possibilidades de flexibilidade e de adaptabilidade para cada ocasião a ser aplicada e colocada em prática, ou seja, no estudo de diferentes áreas que possuam diálogo com o objeto de pesquisa aqui investigado.

Referente a essa possibilidade de atuação ativa na sociedade, por meio da pesquisa, podemos contribuir a formas inovadoras em se pensar o desafio do desenvolvimento social. A partir do viés cultural, como procedimento inicial a relacionar os sujeitos e seus locais de pertencimento, nos quais buscamos entender a juventude e suas identidades culturais, valorizando esses sujeitos, enquanto atores presentes no espaço, para que assim a partir dos constituintes de identificação com seus locais de habitação, contribuam às suas manutenções e prosperidade.

Em relação ao pensamento do desenvolvimento social a partir dos estudos culturais, estes desempenham um papel fundamental na compreensão e na análise das sociedades contemporâneas, por estarem relacionados às máximas presentes e representadas pelas comunidades como elementos identificatórios, que são os sujeitos e suas práticas culturais.

Essas sociedades se manifestam a partir das expressões como arte, música, literatura, cinema, moda, mídia e costumes cotidianos revelam dados importantíssimos sobre uma comunidade, de como ela é, onde está e pode chegar, a partir dos interesses e objetivos que são estabelecidos por práticas coletivas em comunidade.

Concomitantemente a esse processo, os estudos culturais contribuem à sociedade por examinar as relações de poder, identidades, gênero, etnia e classe social que permeiam as expressões culturais em suas constituintes, ou seja, é indissociável entender a cultura sem atentar-se às tonalidades que cada comunidade/sociedade se representa.

Sua relevância está pautada na importância estabelecida, na compreensão da diversidade a partir do entendimento que as práticas culturais não são definidas comunitariamente em um curto período de tempo, já que são construções sociais e históricas que diferem segundo o contexto cultural. Isso contribui para a promoção do respeito, da tolerância e da valorização das diferenças culturais que orbitam o mesmo espaço.

Além do impacto da cultura na sociedade por se relacionar a termos de valores, comportamentos, ideologias e visões de mundo, os estudos culturais ajudam-nos a entender como a cultura molda e tem sido moldada pelas estruturas sociais, políticas e econômicas

estabelecidas historicamente. Eles nos permitem analisar criticamente os discursos culturais e sua influência na forma das identidades culturais e como estas impactam significativamente os diferentes espaços.

Evidenciamos, a partir dos argumentos levantados ao longo da pesquisa, que a juventude do campo não é construída somente a partir de variáveis presentes nas áreas rurais. Como resultado do trabalho desenvolvido, podemos entender que esse grupo, bem como outras comunidades específicas, não estão tão delimitadas geograficamente como ocorria há algumas décadas, pois com o avanço das tecnologias da comunicação e informação, as fronteiras geográficas estão mais tênues e a articulação entre o local e global tem ganhado maior notoriedade nas últimas décadas (HALL, 2020), portanto a separação de elementos do espaço urbano e rural não é fácil, pois, hoje, esses elementos são quase indissociáveis, ao contrário do que ocorria em um passado recente.

Consequentemente, entendemos que com o avanço aos acessos de comunicação e informação, como destacado pela influência das redes sociais, os processos culturais, como as identidades culturais, não estão mais delimitados por fatores físicos e culturais locais, como manifestados pelas tradições e costumes construídos historicamente por comunidades delimitadas. Na atualidade, com esse amplo acesso a outras fontes culturais, a juventude constrói sua identidade cultural mesclando elementos de diferentes fontes. Enriquecendo sua cultura como diferentes fontes, esse processo está sendo interrompido e sendo remoldado a todo momento (BAUMAN, 2005).

Também é necessário destacarmos que esse fenômeno possibilita o pleno reconhecimento e pertencimento a uma cultura, cuja identidade cultural de cada indivíduo estará relacionada a elementos de pertencimento e identificação. Sendo assim, o exercício pleno das manifestações culturais, contribuindo para uma proposta de justiça cultural de cada indivíduo poder descobrir-se culturalmente e não meramente aceitar um modelo cultural imposto a ele tradicionalmente.

Deve-se evidenciar a extrema necessidade de, a partir da abordagem do interculturalismo, colocar essas culturas de “igual para igual”, sem ocorrer à predominância de uma sobre a outra, a partir da integração alinhada à valorização de suas práticas culturais (SEMPRINI, 1999; SANTOS, 2020).

De modo que, estabelecer a análise de formas de desenvolvimento social por meio dos estudos culturais, sendo organizada a partir da abordagem interdisciplinar, poderemos permitir a inserção de modelos mais inclusivos na sociedade, como reiterado nesse estudo em ouvir à juventude do campo, que comparando estatisticamente com aquela residente na área urbana,

são minorias quantitativamente, mas apresentam a mesma unidade de medida de importância ao que se refere a sua rica diversidade cultural em relação aos outros grupos culturais presentes na região.

Haja vista que este estudo tangenciou diferentes identidades culturais da juventude, na qual as nomenclaturas de “caipiras e agroboys” são exemplos das diversidades de tipologias presentes nesse rico microcosmo brasileiro, sendo a área rural relacionada às manifestações culturais camponesas.

Assim, ficou estabelecida a riqueza que provém das identidades culturais das juventudes do campo, as quais estão balizadas em diferentes contextos, significados e propósitos de existência ao transitarem desde seu local de “criação” a espaços fora de sua rota de atuação, graças às redes sociais.

Por meio do estudo realizado, constatamos que a juventude que vive na área rural tem uma experiência única moldada pelas particularidades da área rural a qual são inseridas, como a imersão aos ambientes naturais e muitas vezes têm uma conexão simbólica com a natureza, que influenciará em sua cultura (CLAVAL, 2007), ao observar elementos característicos da paisagem e a qualidade de vida vivenciada por estarem distantes de áreas altamente urbanizadas.

Além da relação direta com as atividades agropecuárias, com a terra, animais e recursos naturais, culminando na valorização do trabalho como constituinte de sua identidade cultural, a partir de vestes, a realização dessas atividades econômicas ou para eventos relacionados. Promulgando-se um estilo de vida muito próprio e específico a qual é sinônimo de orgulho e identificação. Além dos fortes vínculos comunitários, representados por canções do estilo sertanejo, presente no imaginário popular.

Por outro lado, no campo também são encontrados jovens que em vez de ouvirem canções sertanejas cujos versos narram a melodia de um jovem cheio de sonhos, gostam de ouvir canções com essa mesma temática, no entanto, no ritmo do rock, ou seja, a partir dos elementos que ele se identifica. E isso não difere esse jovem de ser “mais ou menos” sujeito do campo, há uma complexidade de fatores e variáveis que moldam os sujeitos culturalmente a partir dos espaços que estão localizados.

Nesse entendimento, estão fundamentadas as variáveis de valores comportamentais, ideológicos e visões de mundo que tencionam em diferentes caminhos a serem percorridos nas trajetórias de vida como, por exemplo, os questionamentos presentes sobre o “ficar ou partir” do campo, rumo às áreas urbanas (KUMMER, 2013), considerando que esse desejo está relacionado à edificação das identidades culturais em simultâneo à construção dos projetos de

vida dos estudantes, pois comportamentos são relativos, fluídos e não necessariamente definidos.

Por conseguinte, destacamos a necessidade dos processos educativos que ocorrem na Educação do Campo possuírem o incremento de medidas pedagógicas que permitam a emancipação crítica e cultural dos estudantes, por meio do engajamento ao protagonismo juvenil, criando estratégias desse público em reconhecer sua essencialidade, a construir seus projetos de vida e alinhá-los com demandas sociais, como a contribuição aos seus locais de origem.

Ao passo que a Educação do Campo, ao reconhecer as especificidades da área rural, como a apropriação da cultura e saberes locais no currículo, possibilitará uma aprendizagem significativa, por estar contextualizada com a realidade. Promovendo, assim, a formação integral dos estudantes, considerando a realidade e as necessidades de inserção local.

Enfatizamos a importância da Educação do Campo na promoção do desenvolvimento das comunidades localizadas na área rural, por essa concentrar-se como a base à formação dos indivíduos locais a partir da contextualização e valorização dos saberes locais; à promoção da igualdade e justiça social aos povos do campo, para terem direito a uma Educação de qualidade; ao progresso de habilidades e competências específicas à realidade campesina e, especialmente, à formação de cidadãos críticos e conscientes sobre as problemáticas locais, capazes de solucionar problemas coletivos.

Desse modo, a Educação do Campo pode apropriar-se de elementos constituintes das identidades culturais que são presentes nos estudantes, que se correspondem ao público alvo que essa política pública visa atender, tornando o processo de aprendizagem relativo às demandas que são apresentadas por cada sujeito/indivíduo cultural.

Portanto, destacamos a necessidade das pesquisas relacionadas aos fenômenos que circundam a formação de identidades culturais, já que a referida não se configura somente como uma forma de expressão humana, vai muito além desse conceito inicial e apresenta-se como o reflexo de um povo, desde suas necessidades e potencialidades ao rumo de interpelar medidas de desenvolvimento. Desse modo, os resultados tangenciados nesse estudo constituem-se de um pequeno passo a ser colocado em prática, o que deverá ser sucedido por novas medidas que visem valorizar a juventude do campo, apoiá-la para o retorno ocorrer por forma do desenvolvimento do campo.

A juventude do campo possui um rico acervo cultural a ser explorado e entendido, sendo de extrema ponderação para a representatividade da diversidade humana ao modo da incidência da valorização, contribuindo a uma sociedade mais inclusiva e respeitosa, a qual cada indivíduo,

como uma identidade cultural exclusiva, concentra-se como uma constituinte de extrema importância à cultura enquanto totalidade.

E uma pesquisa acadêmica, a partir dos resultados alcançados, possibilita que esses sujeitos que são inclusos nessa comunidade sejam “vistos” e, desse modo, entendida a sua relevância. Esse movimento permitirá a inclusão e, conseqüentemente, a justiça cultural, ao promover grupos que muitas vezes foram “minorizados” em direitos e tão pouco vistos socialmente (SANTOS, 2020).

Tendo em vista que em um país como o nosso, de proporções continentais, reconhecer as diferentes formas de identidades culturais, como as múltiplas apresentadas no campo, é um movimento de entender que, ao mesmo tempo, somos “muitos”, somos “únicos”, cada um à sua maneira!

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.
- ADORNO, Theodor Ludwig. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. (org.) **Comunicação de Cultura Industrial**. 4.ed. São Paulo: Nacional, 1978.
- ANTONY; GABRIEL. A Roça Venceu, 2021. **Letras**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/antony-e-gabriel/a-roca-venceu/>. Acesso em: 31 jul. 2022.
- ARAÚJO, Ulisses.F., ARANTES. Valéria.A., PINHEIRO, Viviane. **Projetos de Vida: fundamentos psicológicos, éticos e práticas educacionais**. São Paulo: Summus, 2020.
- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 36. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BACKES, Gilson. O ciclo produtivo de hortelã no Oeste do Paraná: outras memórias. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. 1.], v. 2, n. 4, 2009. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/299>. Acesso em: 15 out. 2022.
- BALSAN, Rosane. Impactos Decorrentes da Modernização da Agricultura Brasileira. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v. 1, n. 2, p. 123-151, ago. 2006.
- BARROS, Lânderson. A.; LIHTNOV, Dione. D. Reflexões sobre a Educação Rural e do Campo: as leis, diretrizes e bases do ensino no e do Campo no Brasil. **Geographia Meridionalis** v. 02, n. 1 Jan-Jun/2016 p. 20-37. 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001.
- BETANCOURT, Raul F. **Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.
- BLACKING, John. Música, cultura e experiência. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, [S. 1.], v. 16, n. 16, p. 201-218, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50064>. Acesso em: 15 out. 2022.
- BONNICI, Thomas. Introdução. *In: Multiculturalismo e diferença: narrativas do sujeito na literatura negra britânica e em outras literaturas*. Maringá: Eduem, 2011.
- BORGES, Leonardo. M. **Caipira... Agrobóia... Ambivalente!** Uma análise dialógica do discurso do personagem Chico Bento Moço, de Mauricio de Sousa. 2022. Dissertação (Programa de pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras) — Faculdade de Ciências e Letras (FCLAR) — UNESP/Araraquara.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL é o terceiro país do mundo que mais usa rede sociais, diz pesquisa. **Estado de Minas**, 2021. Disponível em

<[https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2021/09/28/interna\\_tecnologia,1309670/brasil-e-o-terceiro-pais-do-mundo-que-mais-usa-rede-sociais-diz-pesquisa.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2021/09/28/interna_tecnologia,1309670/brasil-e-o-terceiro-pais-do-mundo-que-mais-usa-rede-sociais-diz-pesquisa.shtml)> Acesso em: ago. 2022.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo**.

Resolução 1 de abril de 2002. Disponível

em:[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&Itemid=30192). Acesso em: mai. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei n.º 9394/1996. Disponível em

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: mai. 2021.

CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafecultura Paranaense – 1900/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981.

CANCLINI, Nestor. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo, Edusp; 4ª edição. 2019.

CARNEIRO, Maria José. Agricultores familiares e pluriatividade: tipologias e políticas. In: COSTA, L.F.C.; MOREIRA, R.J.; BRUNO, R. (org.). **Mundo rural e tempo presente**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 325-344.

CARNEIRO, Maria José; SANDRONI, Laila. Tipologias e significados do “rural”: uma leitura clássica. In: LEITE, Sérgio Pereira; Bruno, Regina (org). **O rural brasileiro na perspectiva do século XXI**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2019, p.44-56.

CARVALHO, Raquel Alves de. **A construção da identidade e da cultura dos povos do campo, entre o preconceito e a resistência: o papel da educação**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, Piracicaba, SP. 2011.

CASTELA, Ana. Boiadeira, 2021. **Letras**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ana-castela/boiadeira/>. Acesso em: jul. 2022.

CASTRO, Elisa. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. v. 7, n. 1, p. 179-208. 2009. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6055>. Acesso em: jun. 2022.

CAUNE, Jean. **Cultura e comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação**. 1. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**, São Paulo: Ática, 1995.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. En: **Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**. Ano 1, no. 1 (jun. 2008). Buenos Aires: CLACSO,



2008. Disponível em:

<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em: mai. 2022.

CINTRA, Anael. P. U. **Espaços Rurais no Paraná: um estudo das relações campo-cidade nos pequenos municípios**. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2007.

CONSULTA ESCOLAS. **Consulta às informações das Escolas na Educação no Paraná**.

Secretaria de Educação. Disponível em

<<http://www.consultaescolas.pr.gov.br/consultaescolas-java/pages/templates/initial2.jsf?windowId=06e>>. Acesso em: mai. 2021.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Boletim da Agricultura Familiar**, Brasília, DF, v. 1, n. 1, jul. 2021.

CORRÊA, Joana. L. C.; NEVES, Miranilde. O. Educação do Campo: narrativas que protagonizam práticas de resistência. **Ensino em Perspectivas**. Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2021. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6055>. Acesso em: jun. 2022.

COSTA, Marcilio. **Evidências mostram agricultura indígena há 9 mil anos**. Universidade Federal de Sergipe, Ciência. 2019. Disponível em: <https://ciencia.ufs.br/conteudo/62479-evidencias-mostram-agricultura-indigena-ha-9-mil-anos>. Acesso em: out. 2022.

DOM; RAVEL. Êxodo Rural, 1982. **Letras**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/dom-ravel/exodo-rural/>. Acesso em: out. 2022.

DORNELLES, Jonatas. Antropologia e Internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, n. 21, p. 241-271, 2004.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ECAD. Ritmos musicais mais ouvidos no Brasil. **Escritório Central de Arrecadação e Distribuição**. 2018. Disponível em: [encurtador.com.br/LOXZ0](http://encurtador.com.br/LOXZ0). Acesso em: 12 abr. 2022.

FAZENDA, Ivani (Org.) **Práticas Interdisciplinares na Escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmen. O conceito de geração nas teorias sobre a juventude. **Sociedade & Estado**, Brasília, Vol.25 n°2, mai – ago, 2010.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Cassiano. A; *et al.* Do Caipira Apaixonado ao Sertanejo Universitário: Uma Análise do Discurso. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 1, p. 230-251, jan. 2020. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1835>. Acesso em: jun. 2022.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura**: estudos emergentes. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Comunicação, representação e práticas sociais**. v. 1. Rio de Janeiro: PUC Rio; Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Ideação**, v. 10, n. 1, p. p.41–62, 2010. Disponível em: <<https://saber.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4143>>. Acesso em: mai. 2022.

GABEU. Amor Rural, 2021. **Letras**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gabeu/amor-rural/>. Acesso em: jul. 2022.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, p. 345-362. 2006.

GIL, Antonio. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Cecília Siman. Impactos da expansão do agronegócio brasileiro na conservação dos recursos naturais. **Cadernos do Leste**, [S. l.], v. 19, n. 19, 2019. DOI: 10.29327/248949.19.19-4. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/caderleste/article/view/13160>. Acesso em: out. 2022.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas, IE/UNICAMP. 1999.

GRANDCHAMP, Leonardo. **Brasil é o 3º país que mais usa redes sociais no mundo todo!**. Rede Jornal Contábil. Disponível em <<https://www.jornalcontabil.com.br/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-no-mundo-todo/>> Acesso em: set. 2022.

GRÜNBERG, Evelina. Educação patrimonial: utilização dos bens culturais como recursos educacionais. **Cadernos do Centro de Organização do Oeste (CEOM)**, ano 12, dez. 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2020.

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e diferença**. Tradução e notas Ernildo Stein. 1ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/resultados-censo-agro-2017.html>. Acesso em: out. 2020.

IBGE. **Projeção População Brasileira**. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Disponível em <[https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box\\_popclock.php](https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php)>. Acesso em: set. 2022.

ILHA Darieli; RIBEIRO Simone. O camponês na sociedade industrial: construções e desconstruções de um estereótipo. **Instrumento**: R. Est. Pesq. Educ., Juiz de Fora, v. 19, n. 1, jan./jun. 2017.

JACQUES, Maria Graças. Identidade. In: STREY; M. N et al. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1998, p. 159 – 167.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Editora Aleph, 2008.

KELLNER, Douglas. Guerra entre teorias e estudos culturais. In: **A cultura de mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, p. 25-74. 2001.

KOOP, Stefane. K. A Indústria Cultural e o conceito de Alienação. **PÓLEMOS** – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília, v. 7, n. 14, p. 125–140, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/view/22071>. Acesso em: jun. 2022.

KUMMER, Rodrigo. **Juventude rural, entre ficar e partir**: a dinâmica dos jovens rurais da comunidade de Cerro Azul, Palma Sola/SC. 2013. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus Toledo.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 24.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

LEITE, Sérgio. P.; BRUNO, Regina. **O rural brasileiro na perspectiva do século XXI**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2019.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Editora Globo, 2007.

LOPES, Ana M. D. Da coexistência à convivência com o outro: entre o multiculturalismo e a interculturalidade. **Rev. Inter. Mob. Hum.** Brasília, ano 20, n. 38, p. 67-81, jan./jun. 2012.

MATOS, Maria Izilda Santos; FERREIRA, Elton Bruno. Pelos interiores - a invenção do caipira: cultura, tradição e cozinha. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 27, p. 192 - 220, maio/ago. 2019.

MATURANA, Humberto. Fenomenologia del conocer. **Revista de Tecnologia Educativa**, vol.8, n. °3/4, 1983.

MENDONÇA, Dante. **Nascidos em 17 de julho**. Academia Paranaense de Letras. 2016.

MILTON, John. **O paraíso perdido**. 1ª ed. São Paulo. Martin Claret, 2018.

MOREIRA, Antônio. F.; CANDAU, Vera M. **Indagações sobre Currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MOREIRA, Roberto José. Identidades rurais, natureza, multiplicidades e subalternias. In: LEITE, Sérgio Pereira; Bruno, Regina (org). **O rural brasileiro na perspectiva do século XXI**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2019. p.21-43.

NETO, Alfredo V. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, nº3, p. 5-15, 2003.

OLIVEIRA, Angelino de. Tristeza do jeca. **Letras**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/angelino-de-oliveira/1490266/>. Acesso em: out. 2022.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A Geografia das lutas no campo**. 9. ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1999.

PACETE, Luiz. Gustavo. **TikTok toma o lugar do Google e é o site mais visitado em 2021**. Forbes Tech (2021). Disponível em: [encurtador.com.br/BPSYZ](https://encurtador.com.br/BPSYZ). Acesso em: jun. 2022.

PACHECO, Luci. M. D. Educação do campo: valorização da cultura e promoção da cidadania? **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**. v. 17, n. 2, p. 425-440, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2398>. Acesso em: jun. 2022.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação da Educação no Campo**. SEED, Curitiba, 2006.

PENHA, Carlinhos. et al. Barrados No Baile. In: **Samba Enredo, G.R.E.S. São Clemente (RJ)**, 2007. Disponível em < <https://www.lettras.mus.br/sao-clemente/1023493/>>. Acesso em: mai. 2022.

PIRES, Cornélio. Jorginho do Sertão, 1929. **Letras**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/cornelio-pires/593002/>. Acesso em: out. 2022.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3082>. Acesso em: mai. 2022.

PRADOS, Rosália. M. N.; GERALDES, Mary. A. A cultura caipira: reflexões sobre multiculturalismo, educação e diversidade. **Revista Extraprensa**, v. 5, n. 2, p. 67-74, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77250>. Acesso em: jun. 2022.

PRUDENTE, Eunice. **Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra**. Disponível em <<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>>. Acesso em: set. 2022.

RECUERO, Raquel. A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. In: Eduardo Vizer. (Org.). **Lo que McLuhan no previó**. 1ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, v. 1, p. 205-223, 2012.

REDE PENSSAN. Segundo Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil. **Livro Eletrônico**. São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/>. Acesso em: out. 2022.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. **A formação e o Sentido do Brasil**. 1ª ed. 1995 – 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RODA VIDA. Entrevista Lilia Schwarcz. **Roda Viva**: Lilia Schwarcz - 07/09/2020. YouTube, 2020. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=eU\\_BxcEuXro](https://www.youtube.com/watch?v=eU_BxcEuXro)> Acesso em: mai. 2022.

ROLIM, Tatiane. **Venha conhecer a origem do Sertanejo e sua evolução com o passar do tempo**. PopNow. Disponível em: <https://popnow.com.br/venha-conhecer-a-origem-do-sertanejo-e-sua-evolucao-com-o-passar-do-tempo/>. Acesso em: out. 2022.

ROOS, Alana. Agricultura: dos povos Nômades aos Complexos Agroindustriais. **Rev. Elet. em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**. v (7), nº 7, p. 1423-1429, mar-ago, 2012.

SANTOS, Aline. T.; MIRANDA, Elinaldo. F. Educação do rural versus educação do campo: paradigmas e controvérsias. **Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 6, n. 6, p 134-146, 2017.

SANTOS, Aristelson. G. MENDES, Maria C. M. De o Paraíso Perdido à Figueira-Mãe: o desejo do homem de reaver o seu espaço perdido, por causa do pecado. **Abralic**. v. 16, p. 1285-1296, 2016.

SANTOS, Daniela. O. A Música Sertaneja é a que eu mais gosto!: Um estudo sobre a construção do gosto a partir das relações entre jovens estudantes de Itumbiara-GO e o sertanejo universitário. **Fragments de Cultura**, Goiânia, v. 28, n. 4, p. 521-527, out./dez. 2018.

SANTOS, Richard. **Maioria minorizada**: um dispositivo analítico de racialidade. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

SANTOS, Wilson; BARBOZA, Rosilene. dos S. Música caipira de raiz e modelos de canções medievais: uma aproximação possível. **OuvirOUver**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 600–618, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/48848>. Acesso em: out. 2022.

SILVA, Clemildo A. RIBEIRO, Mario B. **Intolerância religiosa e direitos humanos**. Porto Alegre, Editora Sulina, Editora Universitária Metodista, 2007.

SIMÕES, Willian.; TORRES, Mirian. R. **Educação do campo**: por uma superação da educação rural no Brasil. Curitiba, 2011, p. 18322 – 18331.

SEIXAS, Leonardo Machado de Aguiar. O Feminismo e o empoderamento narcísico feminino. **Revista Ensaio**, v. 16, jan-jun,2020, p. 42-58.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru: SP. EDUSC, 1999.

SILVA, Marcos Antonio da Conceição. Influência da cultura na educação. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 10, Vol. 11, pp. 114-128. out. 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/cultura-na-educacao>. Acesso em: out. 2022.

SODRÉ, Muniz. O ethos midiaticizado. In: **Antropológica do Espelho**. Por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TELES, Gabriel. Música e Valores: Uma Breve Análise do Sertanejo Universitário. **Sociologia em Rede**, v. 9, n. 09, p.17-32. 2020. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/23>. Acesso em: jun. 2022.

THOMPSON, John. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TONEZER Cristiane, TRZCINSKI Clarete, ARNS Carlos E. Impactos da modernização agrícola nas áreas rurais do município de Águas de Chapecó – Santa Catarina. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, v. 10, n. 2, p. 51-64, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>. Acesso em: out. 2022.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira**. São Paulo: Loyola, 2006.

VERONESE, Osmar.; ANGELIN, Rosângela. Ser Diferente É Normal E Constitucional: Considerações Sobre O Direito À Diferença No Brasil. **Direito Público**, [S. l.], v. 17, n. 93, 2020. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/3238>. Acesso em: ago. 2022.

VETTORASSI, Andrea.; FERREIRA, Lorrany. S.; SOFIATI, Flávio. Juventudes entre o rural e o urbano: o caso dos *agroboys* e *agrogirls* de Bela Vista de Goiás. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**. v. 23. p. 1-26. 2021.

VIAN, Henrique Caetano. O Ciberespaço como produto e (RE)produtor do Espaço Geográfico. **Observatorium**: Revista Eletrônica de Geografia, [S. l.], v. 11, n. 03, p. 2–33, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Observatorium/article/view/60750>. Acesso em: ago. 2022.

ZANINELLI, Thais; CALDEIRA, Giseli; SOUZA, Diego. L. Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alfa: perfil geracional dos atuais e potenciais usuários das Bibliotecas Universitárias. **Brazilian Journal of Information Science**: research trends, [S. l.], v. 16, p. e02143, 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/12991>. Acesso em: ago. 2022.

ZAN, José Roberto. Música popular brasileira, indústria cultural e identidade. **Eccos revista científica**, v. 3, n. 1, 2001.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Questionário respondido pelos docentes

1. O que te levou/motivou a trabalhar como docente na Educação do Campo?
2. Qual (is) componente (s) curricular (es) ministra?  
(    ) Geografia; (    ) História; (    ) Sociologia; (    ) Outros. Quais?
3. É formado no componente curricular a qual ministra?  
(    ) sim    (    ) não
4. Há quanto tempo atua como docente?  
(    ) menos de 5 anos  
(    ) entre 5 a 10 anos  
(    ) entre 10 a 15 anos  
(    ) entre 15 a 20 anos  
(    ) mais de 20 anos
5. E na Educação do Campo?  
(    ) menos de 5 anos  
(    ) entre 5 a 10 anos  
(    ) entre 10 a 15 anos  
(    ) entre 15 a 20 anos  
(    ) mais de 20 anos
6. Possui formação específica ao trabalho na Educação do Campo?  
(    ) sim    (    ) não Se sim, qual?
7. Ao decorrer de sua carreira participa ativamente de cursos de formação continuada?  
(    ) sim    (    ) não
8. Quais são as relações entre os conteúdos da disciplina que ministra com o Campo?
9. Em suas aulas faz correlações dos conteúdos disciplinares com a realidade contextualizada?  
(    ) sim    (    ) não Comente
10. Quais documentos educacionais que segue ao desenvolvimento de seu trabalho?  
(    ) Projeto Político Pedagógico (PPP)  
(    ) Plano de trabalho docente (PTD)  
(    ) Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP)  
(    ) Diretrizes Curriculares do Paraná (DCE)  
(    ) Diretrizes da Educação do Campo  
(    ) Diretrizes Nacionais da Educação do Campo  
(    ) Outros. Quais?
11. Desenvolve ações interdisciplinares?  
(    ) sim    (    ) não  
Caso seja sim, comente sobre as experiências já vivenciadas.
12. Quais mudanças na identidade cultural e costumes geracionais observa em seus alunos?
13. Essas mudanças inferem no desenvolvimento de suas aulas?  
(    ) sim    (    ) não
14. De qual maneira é possível trabalhar a cultura em sala de aula, tendo em mente que cada aluno carrega consigo seus hábitos e costumes e faz parte de um sistema cultural, e que o meio ao seu redor influencia sua prática cultural?
15. Quais abordagens, conteúdos e caminhos teórico-metodológicos devem ser eminentes na Educação do Campo no contexto de cumprimento de função social a atender jovens, crianças e adultos pertencentes ao meio rural?

## APÊNDICE B – Questionário aos estudantes

## Questionário Estudantes

**1ª parte – informações gerais**

- 1) Qual sua idade?  
 Menos de 15 anos  
 15 anos  
 16 anos  
 17 anos  
 Mais de 17 anos
- 2) Qual é a sua cor?  
 Preta  
 Parda  
 Branca  
 Amarela  
 Indígena
- 3) Qual o seu gênero?  
 Masculino  
 Feminino  
 Outro (Qual?) \_\_\_\_\_  
 Prefiro não dizer
- 4) Onde você nasceu?
- 5) Com que pessoas você mora? \_\_\_\_\_
- 6) Há quanto tempo reside na área rural?  
 Desde o nascimento  
 Entre 5 a 10 anos  
 Entre 10 a 15 anos  
 Mais de 15 anos
- 7) Desde que etapa frequenta instituições escolares do Campo?  
 Educação Infantil  
 Ensino Fundamental I  
 Ensino Fundamental II  
 Ensino Médio
- 8) Em sua opinião, qual a importância das disciplinas da área das Ciências Humanas (Geografia, História, Sociologia e Filosofia) no currículo?
- 9) Os professores desenvolvem propostas metodológicas interdisciplinares entre essas disciplinas?  
 Sim  
 Não  
 Não sei responder
- 10) Essas disciplinas são contextualizadas com a realidade local?  
 Sim  
 Não  
 Não sei responder
- 11) Construiu um projeto de vida a fim de planejar as etapas de sua vida?  
 Sim  
 Não
- 12) Quais são suas expectativas após a conclusão do ensino médio?
- 13) Objetiva continuar no campo, após a conclusão da etapa da educação básica?  
 Sim  
 Não
- 14) Pretende realizar um curso de graduação?  
 Sim  
 Não
- 15) Se sim, qual?



16)Acredita que pode contribuir ao desenvolvimento do local onde reside, após o término dos estudos? Comente

17) Falta algum elemento para o campo tornar-se um espaço mais atrativo?

Sim

Não

18)Caso sua resposta seja sim na pergunta anterior, explique quais elementos considera importante para o campo, ser um espaço atrativo.

### **2ª Parte – Acesso a redes sociais**

19) Possui celular próprio?

Sim

Não

20) Em sua residência há rede de Wi-fi?

Sim

Não

21) Em sua residência há sinal de telefonia para a utilização de dados móveis?

Sim

Não

22) Em quais locais utiliza rede de internet?

23) Para que finalidade utiliza a internet?

24) Possui redes sociais?

Sim

Não

25) Com que frequência utiliza as redes sociais?

Diariamente

Esporadicamente

Com pouca frequência

26) Quais redes sociais possui?

Facebook

Instagram

WhatsApp

TikTok

Twitter

Outras. Quais?

27)Acredita que com o acesso às redes sociais, você está inserido e em contato com pessoas de diferentes culturas?

Sim

Não

28) Caso sua resposta, tenha sido sim, comente

29) Acredita que as redes sociais podem auxiliar no seu aprendizado enquanto estudante?

Sim

Não

30) Caso sua resposta, tenha sido sim, comente

### **3ª parte – Participação nas redes sociais**

31) É ativo nas redes sociais? Com postagens?

Sim

Não

32) O que mais gosta de acompanhar nas redes sociais?

Curiosidades

Cultura

Noticiário

Série

Músicas

Celebidades

Revisão de estudos

Entretenimento

Memes

33) Acredita que possui representações em relação a sua identidade cultural nas redes sociais?

Sim

Não

**4ª parte – Cultura e Identidade Cultural: Campo e Cidade**

34) Quais elementos caracterizam sua Identidade Cultural?

35) Considera que a cultura do campo é importante?

Sim

Não

36) Que estilo musical gosta de ouvir?

37) No seu cotidiano, é influenciado por elementos culturais de seus antepassados?

38) Você segue tendências (alimentação, vestuário, cultura) que estão em voga nas redes sociais?

Sim

Não

Caso sua resposta, tenha sido sim, comente

39) Acredita que sua Identidade Cultural está relacionada ao meio em que vive?

40) Você sente pertencido ao campo?

41) Acredita que o campo se modernizou?

42) Você gosta de viver no campo?

Sim

Não

43) Explique o que entende com os termos “caipira” e “agrobóio”. Se identifica com algum deles?

44) Frequenta com frequência a cidade?

Sim

Não

45) O que busca fazer na cidade que não encontra no campo?